



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E CULTURAS - MAHIS

CAIO LUCAS MORAIS PINHEIRO

**ENTRE CHARANGAS E TORCIDAS ORGANIZADAS:
TRAJETÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES NAS TORCIDAS DE
FUTEBOL EM FORTALEZA (1965-1993)**

FORTALEZA - CEARÁ

JANEIRO/2016

CAIO LUCAS MORAIS PINHEIRO

**ENTRE CHARANGAS E TORCIDAS ORGANIZADAS: TRAJETÓRIAS E
TRANSFORMAÇÕES NAS TORCIDAS DE FUTEBOL EM FORTALEZA (1965-
1993)**

Dissertação submetida ao Mestrado em História e Culturas do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Memória, Oralidade e Cultura Escrita

Orientador: Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá

FORTALEZA

2016

CAIO LUCAS MORAIS PINHEIRO

**ENTRE CHARANGAS E TORCIDAS ORGANIZADAS: TRAJETÓRIAS E
TRANSFORMAÇÕES NAS TORCIDAS DE FUTEBOL EM FORTALEZA (1965-
1993)**

Dissertação submetida ao Mestrado em História e Culturas do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá (Orientador)

Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso

Mestrado em História e Culturas / UECE

Profª. Drª. Lidia Noemia Silva dos Santos

FECLESC / UECE

Ao Cristiano Santos, pelo amor ao futebol, à memória do esporte e as leves conversas sobre o jogo [in memoriam]

AGRADECIMENTOS

Este é o momento em que meu desejo era fazer com que as letras se tornassem um abraço fraterno naqueles que presenciaram os últimos anos comigo. Período que, por vezes, assustou pela insegurança e crise, mas chega ao fim com uma bagagem de experiências ricas e com uma sensação de felicidade.

Agradeço ao meu pai, Fernando Pinheiro, pela simplicidade, companheirismo e por compartilhar a vida, a tristeza, as alegrias e o amor pelo futebol.

A minha mãe, Eliane Moraes, pela perseverança, força de vontade e por me fazer persistir e acreditar nas minhas potencialidades.

A minha família, em especial a minha avó, Maria de Lourdes, ao meu irmão, Ilan Ícaro, a minhas tias, Océlia, Eridan, Euná e Edvania, e aos meus primos, Gabriel Moraes, Pedro Moraes, Alisson Pinheiro, Alex Pinheiro, Novinho Pinheiro, todos são minha inspiração.

Ao meu orientador, Gisafran Jucá, um parceiro que a academia me presenteou, obrigado pela prontidão, flexibilidade e por ter acreditado desde a graduação nesse trabalho.

Ao Mestrado em História e Culturas, da secretaria aos professores, pelo contínuo aprendizado.

Aos professores Francisco Damasceno e Lidia Noemia pelas ideias e sugestões que balizaram melhor os rumos dessa pesquisa.

A todos os entrevistados, Osvaldo Fontenele, Orlando Patricio, Gbson Rolim, José Baquit, José Carlos Mota, Emanuel Sheik Magalhães, Cristiano Santos, Ricardo Santos, Hilton Oliveira, Francisco Alves, André Luiz, Gustavo Teixeira, Arthur Lima, Victor Cardoso, meus sinceros agradecimentos, em especial ao Osvaldo Fontenele e ao Cristiano Santos.

Aos meus amigos e amigas que compartilharam a amizade comigo nesses anos, Fernando Rocha, César Pitu, Francisco Cesar, Lorrann Moraes, Gustavo Teixeira, André Luiz, Yahn Backer, Igor Teixeira, Mateus Moreno, Pedro Paulo, André Lavor, Germano Magão, Lucas Fernandes, André Filipe, Neto Almeida, Daniel Pedrosa, Luã Rodrigues, Pedro Ivo, Pádua Junior, Bruno Costa, Brayo Correia, Sara Aires, Graziela Forte, Lucas Pimenta, Daya Junior, vocês acrescentam, cada um a seu modo, a beleza da vida.

Ao grupo de pesquisa Sociedade de Estudos em Esporte da UFC, em especial ao Artur Alves e ao Radamés Rogério, pelos trabalhos e esforço na academia.

Agradeço, por fim, a CAPES, pelo fomento à pesquisa e apoio vital a esse trabalho.

...que o novo sempre vem

Belchior

RESUMO

Neste trabalho apresentamos um estudo sobre as torcidas de futebol do Ceará Sporting Club e do Fortaleza Esporte Clube, buscando compreender suas trajetórias e transformações no comportamento, na organização e na estética. Analisamos as torcidas dos dois clubes com maior tradição e popularidade da cidade de Fortaleza a partir da criação do primeiro modelo organizado de torcida – as charangas – até a constituição das torcidas organizadas tradicionais. Nossa investigação se situa entre 1965 a 1993, momento que vai do surgimento da primeira charanga – a Charanga do Gumerindo - ao fim da primeira torcida organizada tradicional – a Torcida Garra Tricolor. O intervalo de tempo retratado revela um conjunto de transformações nas torcidas de futebol, que incorporaram elementos do dia a dia do espaço urbano, influenciando e sendo influenciadas pela cidade e passando de uma festividade carnavalesca por um ambiente familiar dentro da torcida até o convívio com a violência. Nessa perspectiva, utilizamos os periódicos, entrevistas, imagens e músicas como fontes históricas, tendo a História Oral como principal recurso metodológico através dos seus procedimentos e técnicas. O instrumento teórico com o qual dialogamos fundamenta o trabalho empírico pelo manancial dos conceitos de torcida organizada, sociabilidade, estilo de vida clubístico, memória e tradição. Portanto, nesta pesquisa apresentamos um trabalho historiográfico que se enquadra nos estudos da História do Esporte, especificamente as expressões culturais do futebol.

Palavras-chaves: Torcida organizada. Sociabilidade. Estilo de vida clubístico. Tradição. Memória.

ABSTRACT

We present a study of the soccer supporters of Ceara Sporting Club and Fortaleza Esporte Clube, trying to understand their trajectories and changes in behavior, organization and aesthetics. We analyze the supporters of both teams with more tradition and popularity of Fortaleza from the creation of the first organized model of crowd - the charangas - until the constitution of the fans organized traditional. Our investigation is between 1965 to 1993, time that goes from the appearance of the first charanga - the Charanga of Gumercindo - the end of the first traditional pep rally – the Garra Tricolor. The depicted time frame reveals a set of transformations in football fans, who entered day elements of the day's urban space, influencing and being influenced by the city and going to a carnival festivity for a family atmosphere within the crowd to living with the violence. From this perspective, we use newspapers, interviews, images and music as historical sources, and the Oral History as the main methodological resource through their procedures and techniques. The theoretical instrument with which we dialogue based empirical work by the wealth of organized concepts fans organized, sociability, clubístico lifestyle, memory and tradition. Therefore, in this study we present a historiographical work that fits in the studies of the history of sport, specifically football cultural expressions.

Keywords: Fans organized. Sociability. Clubístico lifestyle. Tradition. Memory.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Ceará x Fortaleza, o “Clássico Rei”

FIGURA 2: Coluna A Marcha do Campeonato

FIGURA 3: Renda e cota do Campeonato de 1965

FIGURA 4: Cadeiras reservadas do Presidente Vargas

FIGURA 5: Charanga do Gumercindo Gondim

FIGURA 6: Campanha Vamos Moralizar o Estádio

FIGURA 7: Vamos Moralizar o Estádio

FIGURA 8: Charanga no futebol e no carnaval

FIGURA 9: Vem aí a charanga do Jaime

FIGURA 10: “Pedão da Bananada”

FIGURA 11: O grito e a vitória

FIGURA 12: Náutico x Fortaleza em Recife

FIGURA 13: Instrumentos da Charanga

FIGURA 14: Ricardo Lemos, José Baquit e José Carlos Mota, fundadores da Garra Tricolor

FIGURA 15: Faixas das torcidas Cearamor e da Fiel Tricolor na divisa do anel inferior com o superior do estádio Castelão

FIGURA 16: Multidão na arquibancada

FIGURA 17: Reunião da torcida Garra Tricolor no Círculo Militar

FIGURA 18: Emanuel Magalhães, da Fiel Tricolor, e Osvaldo Fontenele, da Garra Tricolor.

FIGURA 19: Garra Tricolor na chegada ao Castelão

FIGURA 20: Alguns membros da primeira diretoria da Torcida Garra Tricolor

FIGURA 21: Bandeiras da Torcida Garra Tricolor

FIGURA 22: Passeata da comemoração do título de 1982

FIGURA 23: Torcida Garra Tricolor marcando presença no Morenã, estádio localizado na cidade de Iguatu, interior do Ceará.

FIGURA 24: Cartão de Natal de 1984 da torcida

FIGURA 25: Mulheres da torcida Garra Tricolor

Figura 26: Assassinato no jogo entre Fortaleza e Ferroviário

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CSC – Ceará Sporting Club

FEC – Fortaleza Esporte Clube

ANPUH – Associação Nacional dos Professores Universitários de História

TUF – Torcida Uniformizada do Fortaleza

TOC – Torcida Organizada Cearamor

FAC – Ferroviário Atlético Clube

MOFI – Movimento Organizado Força Independente

CMAD – Conselho Municipal de Assistência aos Desportistas

FCD – Federação Cearense de Desportos

ASTORJ – Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro

GT – Garra Tricolor

PV – Presidente Vargas

JGT – Jovem Garra Tricolor

MORENA – Movimento de Renovação Alvinegra

FAF – Frente de Apoio ao Fortaleza

SUMÁRIO

Introdução.....	13
 CAPÍTULO 1 Do lado de fora da arquibancada: o futebol na história e o torcedor na cidade.....	23
1.1 História e Futebol: uma recente aproximação.....	24
1.2 O torcedor na cidade: alvinegros e tricolores no espaço urbano.....	33
 CAPÍTULO 2 Nas arquibancadas: uma verdadeira mistura de esporte e folia e a formação das torcidas Organizadas.....	51
2.1 As charangas no futebol: festividade, música, animação e apoio.....	53
2.2 A (re)invenção de uma tradição: novas vozes vêm da arquibancada.....	68
2.2.1 Do surgimento.....	70
2.3 Construindo as torcidas organizadas: estrutura, composição e atuação.....	75
2.3.1 Dos sujeitos fundadores.....	75
2.3.2 Da estrutura e organização.....	78
 CAPÍTULO 3 Nas arquibancadas e no estilo de vida: a proliferação das torcidas organizadas.....	85
3.1 O início e o fim de um modelo: a Garra Tricolor em perspectiva.....	86
3.2 Pluralização da violência: sensibilidades e percepções de torcedores na cidade de Fortaleza.....	101
 À guisa de conclusão.....	109
 Fontes.....	113
 Referencias bibliográficas.....	115

INTRODUÇÃO

Começamos a apresentação dessa dissertação pelo título: “Entre charangas e torcidas organizadas: trajetórias e transformações nas torcidas de futebol em Fortaleza (1965-1993)”.

A primeira parte do título, “Entre charangas e torcidas organizadas”, mostra os dois tipos de torcidas de futebol que pretendemos analisar, as charangas e as torcidas organizadas, cuja expressão nas arquibancadas dos estádios data a partir dos anos 1960 na cidade de Fortaleza. As charangas e as torcidas organizadas foram protagonistas de atividades, de comportamentos e de identidade(s) torcedora(s) em contextos distintos, evidenciando as experiências e a construção de sentido nas ações dos grupos de torcedores em uma realidade social.

“Trajetórias e transformações nas torcidas de futebol em Fortaleza” procura trazer à tona a problemática e o escopo principal desse texto, compreendendo como, em cada época, o “ser torcedor” e a torcida de futebol se expressaram, seja nos cânticos entoados, na organização dentro e fora dos estádios ou na própria construção da sua identidade. Acrescenta-se a isso que as torcidas as quais nos referimos e pretendemos compreender estes aspectos são as do Ceará Sporting Club e do Fortaleza Esporte Clube.

Ou seja, pretendemos lançar luz sobre como ocorreram as mudanças nas torcidas de futebol na cidade de Fortaleza a partir de uma investigação histórica que se debruça em dois padrões de movimentos de torcedores: as charangas e as torcidas organizadas. Entre os anos 1960 e 1990, constatamos a presença das charangas principalmente nas décadas de 1960 e 1970 e o surgimento das torcidas organizadas a partir de 1980, período em que há um processo de reinvenção das torcidas, dos símbolos e da forma de torcer em geral.

Trata-se, assim, de um estudo histórico sobre a relação entre esporte e sociedade, que se insurge em uma trajetória recente de crescimento e de consolidação dos trabalhos acadêmicos sobre esportes nas ciências humanas, sobretudo a partir do início dos anos 2000, momento da criação do Simpósio Temático História do Esporte e das Práticas Corporais no Simpósio Nacional de História – ANPUH, da aproximação e do diálogo entre as propostas de estudo da área.

Contudo, o interesse pela investigação sobre a história do futebol cearense foi despertado ainda na graduação em Licenciatura em História na Universidade Estadual do Ceará, ocasião em que apresentamos a monografia de conclusão do curso sobre a profissionalização do futebol

cearense, cujo trabalho foi publicado em formato de livro intitulado “A profissionalização do futebol cearense: história e memória” (PINHEIRO, 2014).

Apesar da permanência no “mundo do futebol”, a proposta aqui lançada desloca a atenção da prática do futebol para aqueles que a assistem ou participam indiretamente do jogo: os espectadores. Em outras palavras, o objeto de estudo recai sobre os torcedores, suas formas de expressão, de associação e de atuação dentro e fora dos estádios.

A gênese do interesse pela investigação sobre torcidas de futebol tem dois caminhos, o primeiro surgiu há quinze anos, quando ganhei uma camisa da principal torcida organizada do meu time, a Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF). Usar uma camisa de torcida na adolescência era comum para os inúmeros jovens que gostavam de futebol, porém o que me marcou nesse período foi um infortúnio que aconteceu em uma viagem nesse mesmo ano para a cidade de Natal. Ao conhecer uma das praias dessa cidade, a praia de Ponta Negra, estava vestido com a referida camisa da TUF caminhando pelo calçadão quando dois outros jovens se aproximaram e me pediram que eu tirasse a camisa.

Após alguns segundos sem entender o porquê daquela atitude (me despir da camisa apenas, e não a entregar para os dois jovens), lembrei-me de que as torcidas organizadas possuem suas aliadas em outras cidades e, em Natal, essa rede de alianças não era diferente: as principais torcidas tinham amizade com as torcidas rivais da cidade de Fortaleza.

Desde então, esse fato ficou guardado na minha memória, confusa, tendo dificuldade para entender o significado que o ato de vestir-se com um traje da torcida organizada incomodava outro ser. Que relação de poder a camisa exerce? Ao ponto de causar tamanho infortúnio, atrás desse pedido para despir-me da camisa existia uma trajetória singular na história das torcidas organizadas.

O outro caminho que me fez levar para o estudo das torcidas aconteceu durante as pesquisas da monografia nos arquivos públicos, quando uma reportagem, ainda dos anos 1930, intitulada “O dia de amanhã no Prado promete ser animado – O festival desportivo carnavalesco” noticiou: “Trata-se de uma inovação inteiramente inédita, verdadeira mistura de esporte e folia. [...] Nas arquibancadas, haverá batalhas de confete, serpentinas e lança perfumes, e animado jazz fará vibrar as mais modernas canções carnavalescas”¹.

¹Jornal O Povo, 08 fev.1938, p.09. Disponível em microfilme na Biblioteca Pública Menezes Pimental.

Ao ler esse trecho da notícia, inúmeros questionamentos vieram à tona, e curiosidades atravessavam a imaginação do pesquisador que, situado no tempo presente, viaja no tempo e reflete sobre outra realidade e, conseqüentemente, outros comportamentos, pois, através de uma abordagem histórica, procuramos também produzir saberes sob a luz das ciências sociais, tentando perceber o mundo e a racionalidade das coisas, partindo do presente para o passado e retornando ao presente através de uma atitude intelectual do sujeito do conhecimento e sua relação com seus documentos, configurando tempos/territorialidades e delimitando recortes temporais.

No caso dessa proposta de pesquisa, através do vai-e-vem no tempo cronológico, o historiador busca compreender a trajetória das torcidas de futebol e as mudanças nas formas de torcer. Isto é, como esses grupos passaram das “batalhas de confeti, serpentinas e lança perfumes” para a “proibição de frequentar estádios”²? De que forma a(s) representação(s) das torcidas circularam entre o “animado jazz” para a “proibição do uso de qualquer instrumento musical”³?

O “vai-e-vem” no tempo, portanto, possibilita problematizar o fato histórico, trilhar um caminho para o entendimento (um efeito de verdade) do que aconteceu no tempo passado, sob o rigor das pistas e das evidências desse tempo. Entender como as torcidas de futebol em uma época eram “verdadeira mistura de esporte e folia” ou eram carnavalescas e compreender as transformações dessas torcidas quando se constituíram enquanto torcidas organizadas, tendo sido até extintas trata-se de um trabalho minucioso que desperta questionamentos e, sobretudo, revela um conhecimento sobre a realidade.

À época da pesquisa para a monografia, as manchetes que envolviam as principais torcidas organizadas da cidade de Fortaleza revelavam um caráter punitivo para esse tipo de associação torcedora, em virtude dos atos violentos cometidos. Portanto, de que maneira entender a transformação das torcidas de futebol? Em que medida o contexto social permeia as torcidas de futebol e vice-versa? Quais os elementos que incentivam o torcedor a adentrar em uma torcida organizada?

Nesse imbróglio de modelos ou padrões do “ser torcedor”, desejamos inicialmente analisar o processo de transformação dessas torcidas, procurando dar um entendimento sobre a

²Disponível em <http://globoesporte.globo.com/al/noticia/2013/08/organizada-do-fortaleza-e-proibida-de-entrar-no-estadio-rei-pele-em-maceio.html>. Acessado em 04 mar.2015.

³Disponível em <http://blogs.diariodonordeste.com.br/timedefora/montagem/tuf-e-punida-e-nao-pode-participar-de-jogos-em-territorio-nacional-durante-90-dias/>. Acessado em 04 mar.2015.

trajetória das torcidas, desde aquelas do “confeti”, das “serpentinhas” e das “canções carnavalescas” até o surgimento das torcidas organizadas.

É claro que durante esse processo em que nos determos houve um conjunto de mudanças estruturais no futebol no Brasil. A partir da década de 1930, o futebol foi se popularizando cada vez mais com a participação da Seleção Brasileira nas copas do mundo. Além disso, a Copa do Mundo de 1938 foi transmitida por rádio para as principais capitais do país. Essa popularização do futebol fez com que o número de torcedores nos estádios aumentasse de uma maneira geral. E, especificamente no caso do futebol cearense, algumas campanhas vitoriosas do Ceará e do Fortaleza no campeonato brasileiro das décadas de 1950 e 1960 (denominada até então de Taça Brasil) corroboraram com esse processo de popularização.

Ainda na metade do século XX, o incremento do investimento financeiro no futebol modificou a prática dos jogadores e a percepção da sociedade sobre o futebol. Os patrocínios e a transmissão dos jogos pela televisão principalmente transformaram o esporte em um “fenômeno de massa”, como citam alguns estudiosos do esporte. Todos esses fatos conjunturais influenciaram direta ou indiretamente as formas de expressão das torcidas, cujas transformações dos seus comportamentos são o escopo dessas páginas.

Entretanto, o historiador necessita de recortes espaciais e temporais, trabalhar com a escala reduzida sem perder o contato com o “global”, escalas estas diferentes e que permitem ao pesquisador traçar especificidades, rupturas, continuidades e relações. A interdependência entre o micro e o macro segue em consonância com a relação do indivíduo com a sociedade (CARR, 2002), na qual o indivíduo é influenciado pelo social mantendo uma troca em busca da construção de sua identidade, processo este semelhante a alteridade entre os grupos de torcedores e a própria dinâmica da realidade social.

Logo, o desejo inicial se tornaria inviável pela extensão do tema, o que dificultaria a elaboração de um estudo que apropriasse fertilmente a transformação das torcidas de futebol como um todo. Assim, preocupamo-nos em delimitar o tema a partir dos primeiros contatos com obras que tratassem das torcidas, cuja contribuição do livro “A torcida brasileira” (HOLLANDA, 2012) do historiador Bernardo Buarque de Hollanda foi fundamental para esta pesquisa.

Ao entrar em contato com os primeiros periódicos na segunda metade do século XX, visualizamos a presença das charangas nas arquibancadas dos estádios de Fortaleza a partir dos

anos 1960 e, dando sequência a investigação nos jornais, na segunda metade dos anos 1970 surgiram os primeiros debates sobre torcidas organizadas.

Dessa forma, fizemos nossa primeira delimitação: se deter sobre a transição entre as charangas e as torcidas organizadas, ou seja, compreender como ocorreu o surgimento do primeiro padrão de torcida, a transição e o surgimento das torcidas organizadas. Porém, sobre quais torcidas nos debruçaríamos especificamente?

Abarcar as torcidas de todos os clubes da cidade de Fortaleza na dissertação de mestrado poderia ser uma proposta que não fosse alcançada com êxito e, assim, recortamos a investigação para os dois principais clubes da cidade, o Ceará Sporting Club e o Fortaleza Esporte Clube, eleitos pelos critérios de popularidade e de tradição segundo os periódicos do período retratado.

Nossa ideia para o objeto de estudo, inicialmente, foi enveredar para o campo de estudo da História Comparada (BARROS, 2014), elencando simultaneamente dois ou mais objetos de análise. Assim, faríamos um estudo comparativo entre as torcidas do Ceará e do Fortaleza, suas trajetórias, singularidades e distanciamentos.

Fazendo um levantamento dos estudos sobre o futebol no Brasil, destacam-se as contribuições de Roberto da Matta, autor de vários estudos sobre o tema que remontam aos anos 1980, entre eles a obra “Universo do Futebol”. Também vale destacar as contribuições do cientista social e antropólogo Luiz Henrique de Toledo sobre as torcidas organizadas na década de 90. Como precursor da abordagem histórica futebolística, vale lembrar o pioneirismo de José Sebastião Witter, que também foi precursor da utilização da metodologia da História Oral nos trabalhos sobre esporte e contribuiu para pluralidade dos estudos históricos sobre futebol, principalmente através de historiadores como Fábio Franzini, Hilário Franco Júnior, Leonardo Pereira e Luiz Carlos Ribeiro.

Mais recentemente, os debates, encontros, seminários e pesquisas que têm o esporte como objeto de investigação cresceram substancialmente, credenciando esse campo de estudo como uma das áreas novas de estudo (MELO, 2013).

No âmbito cearense, os estudos acadêmicos sobre futebol ainda precisam ser desenvolvidos. A área que concentra maior quantidade de abordagens é a Sociologia, porém estas pesquisas não têm como objetivo principal a preocupação com a origem da manifestação cultural, suas transformações e, principalmente, as permanências e as modificações da prática esportiva no tempo histórico.

Em contrapartida, no campo da historiografia cearense, destaca-se a análise realizada por Rodrigo Pinto (2007) na dissertação de mestrado em História sobre a origem do Ferroviário Atlético Clube (F.A.C.), na qual também expõe questões sobre o profissionalismo em Fortaleza, mas se debruça, sobretudo, no pioneirismo e na gênese do clube ferroviário. Também vale ressaltar as produções do historiador Airton de Farias sobre a história do futebol cearense e os três maiores clubes do estado, como também a publicação que trata sobre a história das Copas do Mundo. Cabe lembrar também a recente tese de doutorado sobre a “pós-carreira” do jogador de futebol do sociólogo Radamés Rogério, contribuindo para o fortalecimento do estudo sobre esportes na região.

A abordagem histórica do futebol, em geral, carece de análises, principalmente de estudos que tratem culturalmente as manifestações dos sujeitos envolvidos com o esporte e que relacionem essas experiências com a dinamicidade que o futebol adquiriu em sua trajetória.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo principal investigar a trajetória das transformações das torcidas de futebol nos seus diversos aspectos - a organização, o comportamento, a estética e a identidade construída pelos grupos de torcedores. A partir disso, delineamos alguns objetivos específicos, buscando compreender a associação de torcedores e a construção da identidade desses grupos, percebendo as continuidades e as rupturas desse processo nos padrões de torcidas aqui estudados: as charangas e as torcidas organizadas.

A produção dos capítulos foi norteada pelos pressupostos da História Cultural, que concede relevância ao método do “fazer-história” (PESAVENTO, 2003). Os procedimentos, as técnicas e o trato do historiador com os documentos somam-se às representações, ao simbólico e às sensibilidades, cuja “operação historiográfica” (CERTEAU, 1982) possibilita a compreensão dos sujeitos históricos no cotidiano. No caso das torcidas de futebol e sua relação com a cidade, optamos por adentrar na investigação sobre a história cultural do urbano, espaço de manifestação e de experimentação dos torcedores, conforme sugere Peter Burke, “outros historiadores culturais estão mais preocupados com as subculturas urbanas, em particular com a cidade grande como palco que oferece muitas oportunidades para a apresentação ou mesmo a reinvenção do eu” (BURKE, 2008).

Destarte, para dar continuidade à pesquisa, iniciamos a compilação de fontes, entendendo que o historiador, muitas vezes, tem a função de selecionador. O historiador, portanto, realoca vestígios e dá-lhes o caráter de fonte, produzindo documentos e, a partir disso, constrói histórias (CERTEAU, 1982).

Nessa perspectiva, o pesquisador, ao lidar com as fontes orais e escritas, desvia os fios de um contexto para produzir uma inteligibilidade sobre esse passado. Nesse estudo, a principal metodologia utilizada consiste na História Oral, um conjunto de técnicas e procedimentos que aproxima as diversas ciências humanas e propõe um conhecimento transdisciplinar (AMADO; FERREIRA, 2001).

A História Oral, portanto, possibilitou reconhecer o potencial revelador do “testemunho oral”, fonte que “fala e com a qual o pesquisador dialoga e que expressa muito mais do que uma simples informação: a sensibilidade de quem é entrevistado, o que propicia uma perspectiva diferente de penetrar no âmago das questões tratadas” (JUCÁ, 2014, p.29).

A fonte oral, assim, resulta do diálogo entre o depoente e o oralista, desacreditando a aparência de que a entrevista foi feita para deixar os outros falar no lugar do historiador. Segundo Alessandro Portelli, o historiador não é um intermediário, e sim um “protagonista presente”, pois “junto ao eu do informante está o eu do historiador: uma relação que é acentuada pelo facto de ambos serem narradores. O informante é, em certa medida, historiador; e o historiador é, em certa medida, parte da fonte” (PORTELLI, 2013, p.38)

Realizamos catorze entrevistas para essa dissertação de mestrado com torcedores, presidente, diretor ou ex-integrantes de torcidas organizadas do Ceará Sporting Club e do Fortaleza Esporte Clube. Meu contato com os depoentes se iniciou ainda na pesquisa para a monografia, a qual possibilitou uma entrevista com um ex-jogador de futebol, o Senhor José Candido Fontenele, de noventa e quatro anos, que tinha um filho que participou da fundação da Torcida Organizada Garra Tricolor, em 1980.

A partir desse contato, os depoentes que nos forneceram informações sobre as torcidas do Fortaleza Esporte Clube foram selecionados pela indicação de cada um deles ao lembrar durante a entrevista dos seus amigos que viveram aquela época juntos. Um dos torcedores do Fortaleza, Orlando Patricio, reside no Bairro Gentilândia e, nesse bairro, o depoente me apresentou a um torcedor do Ceará, Cristiano Santos [in memoriam], que foi fundamental para esta pesquisa e me inseriu em um grupo de torcedores do Ceará que também foram entrevistados.

Além das entrevistas, os jornais e as imagens foram outros indícios que interpretamos no mergulho no mundo das torcidas de futebol. O jornal *O Povo*, *Diário do Nordeste* e *Tribuna do*

Ceará constituíram um recurso fundamental para a compreensão do cotidiano dos torcedores, seja através das entrevistas como também pelas imagens publicadas nos periódicos.

A partir disso, utilizamos inicialmente o Jornal “O Povo”, disponível em microfilmes no setor da hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel de Fortaleza, e o “Diário do Nordeste”, que também está disponível para pesquisa nesta biblioteca. Depois de selecionarmos os jornais, analisamos a estrutura desses periódicos para tomarmos conhecimento geral das publicações, atentando para as colunas, o setor esportivo e, em geral, para as reportagens sobre as torcidas em Fortaleza. A seleção desses dois jornais, nesse primeiro momento, deu-se pelo discurso dos entrevistados, em que estes afirmavam ser os dois periódicos que já noticiaram informações sobre a torcida.

O Jornal “O Povo” foi fundado em 1928 pelo jornalista Demócrito Rocha e, durante o período do recorte temporal deste trabalho, entre 1980 e 1992, foi publicado diariamente, tendo também um caderno destinado ao conteúdo de esportes. Enquanto que este jornal circulava desde os anos 1920, o Diário do Nordeste teve sua primeira publicação em 1981, o qual pertencia ao Sistema Verdes Mares de comunicação, de propriedade do empresário cearense Edson Queiroz. Na sede dos dois jornais também foi possível realizar pesquisas, porém o serviço é privado e demanda investimento financeiro. As reportagens desses periódicos que informam e analisam aspectos das torcidas organizadas a partir de 1965 foram fichadas, possibilitando o conhecimento sobre como os grupos de torcedores foram noticiados.

Por fim, acreditamos nas imagens como fonte histórica por percebermos que elas são uma evidência para os historiadores, podendo ser traduzidas e utilizadas junto com outros tipos de sinais. Para isso, é necessário criar também métodos de “crítica de fontes” para estas “testemunhas oculares” da mesma forma como fizeram para os textos. Segundo Peter Burke (2004), com a ampliação dos interesses dos historiadores para incluir não apenas eventos políticos, tendências econômicas e estruturas sociais, mas também a história das mentalidades, a história da vida cotidiana, a história da cultura material, a história do corpo, etc., foi imprescindível alargar também as fontes. Então, para Burke “por essa razão, lança-se mão, cada vez mais, de uma gama mais abrangente de evidências, na qual as imagens têm o seu lugar ao lado de textos literários e testemunhos orais” (2004, p.11). É nessa perspectiva que buscamos traduzir as imagens das torcidas de futebol, interpretá-las e criticá-las para contrapor com outros tipos de evidência.

O referencial teórico que circunscreve o texto baseia-se na discussão dos conceitos “estilo de vida clubístico” (CAVALCANTI, 2013), “torcidas organizadas” (HOLLANDA, 2008), “sociabilidade” (RIBEIRO, 2010), “sensibilidade” (ABIB, 2012) e “memória” (JUCÁ, 2014). Logo, o aporte teórico se deu em diálogo com autores de várias disciplinas, principalmente sociólogos, historiadores e antropólogos.

Nessa perspectiva, o trabalho divide-se em três capítulos. O primeiro, segundo e terceiro capítulos intitulam-se respectivamente “Do lado de fora da arquibancada: o futebol na história e o torcedor na cidade”; “Nas arquibancadas: uma verdadeira mistura de esporte e folia e a formação das torcidas organizadas” e “Nas arquibancadas e no estilo de vida: a proliferação das torcidas organizadas”.

O título de cada capítulo aponta para o que abordaremos de uma maneira geral em cada parte. No primeiro nossa análise se encontra “fora da arquibancada”, não nos atentando para a atuação das torcidas nos estádios, mas apresentando e problematizando o torcedor que nos referimos neste trabalho. O segundo capítulo é o ponto chave, que se situa “Nas arquibancadas” e revela o que eram a organização das charangas, como entraram em decadência e a formação das torcidas organizadas. O último capítulo é, na verdade, uma projeção do segundo capítulo, pois adentramos no mundo das torcidas organizadas através da seleção de uma torcida para a compreensão dessa realidade que vai além dos estádios, está “Nas arquibancadas e no estilo de vida” dos integrantes.

No primeiro capítulo, situamos nosso estudo na historiografia cearense e problematizamos o torcedor e a cidade que investigaremos. Assim, esse momento inicial mostra como o espaço urbano e o torcedor se relacionam, os significados e a importância dessa relação. Portanto, o início do recorte temporal, 1965, foi estabelecido em virtude do mapeamento das primeiras charangas na cidade de Fortaleza, conforme as fontes trabalhadas.

No segundo capítulo, refletimos sobre a origem das charangas tendo como foco os anos 1965 a 1975, analisando o cotidiano da cidade de Fortaleza e os jogos de futebol enquanto espaços de construção de identidade e de sociabilidade. Ainda nesse capítulo, a presença e a expressão das charangas são fundamentais para nossa análise, comandadas por uma espécie de torcedor-líder, que concentrava a organização desse grupo de torcedores no futebol e nos carnavais de rua.

Também discutimos a transição das charangas para as torcidas organizadas, momento compreendido entre os anos 1975 a 1982. Nesse período, as charangas não deixaram de existir, porém foram ressignificadas pelas recém-criadas torcidas organizadas, cuja profusão de grupos organizados surgem na cidade de Fortaleza a partir de 1980. Questões ligadas à sociedade fortalezense e às causas para a eclosão das torcidas organizadas serão refletidas em busca da compreensão da inserção desse novo elemento no espaço do futebol e do urbano.

O último capítulo investiga a constituição das torcidas organizadas e a dinâmica desses agrupamentos de torcedores nos estádios e, sobretudo, fora deles, em diversos espaços que frequentam, comungam e experimentam significados. Isto é, a partir de 1982 até 1993, após a eclosão das torcidas organizadas, concluiremos discutindo aspectos relacionados à identidade e à sociabilidade desses grupos de torcedores, encerrando a reflexão através do fim da Garra Tricolor, a primeira torcida desse modelo inicial das torcidas organizadas, e o problema da violência nesse contexto.

Ao esboçar um panorama das torcidas de futebol em Fortaleza e da trajetória das formas de torcer, intitulamos esse estudo de “Entre charangas e torcidas organizadas: trajetórias e transformações das torcidas de futebol em Fortaleza (1965-1993). Convidamos os leitores e apaixonados por futebol para conhecer a história daqueles que assistem, participam ou, até mesmo, jogam junto com os jogadores uma partida de futebol.

CAPÍTULO 1

Do lado de fora da arquibancada: o futebol na história e o torcedor na cidade

No primeiro capítulo da dissertação de mestrado refletimos sobre o torcedor e as torcidas organizadas, quem eram, como atuavam e em que medida influenciavam e eram influenciados pelo espaço urbano.

Assim, analisamos a constituição do campo de pesquisa do futebol na História, especificamente os trabalhos sobre esporte na historiografia cearense e onde se situa esta proposta de estudo. Por esse motivo denominamos a primeira parte do título capítulo de “Do lado de fora das arquibancadas”, apontando para uma investigação que se debruça, no primeiro momento, sobre uma discussão bibliográfica e, no último momento, sobre a identificação das torcidas abordadas.

A reflexão pauta-se principalmente através de dois jornais, O Povo e Tribuna do Ceará, além dos depoimentos de torcedores que recordaram a importância das torcidas, como eram organizadas e as músicas cantadas nos estádios de futebol. Outra fonte histórica fundamental para essa análise é as imagens, que possuem sinais e pistas da atuação dos torcedores no período.

Nessa perspectiva, dividiremos esse capítulo em dois momentos. O primeiro tópico, intitulado de “História e futebol: uma recente aproximação”, situa esta proposta de estudo na historiografia cearense e faz uma reflexão sobre o campo de pesquisa da História e Esporte, que recentemente passou a produzir mais trabalhos científicos.

O segundo momento do capítulo, “O torcedor na cidade: alvinegros e tricolores no espaço urbano”, discute o espaço das manifestações das torcidas, entendendo que a figura do torcedor possui suas práticas, costumes e sociabilidades relacionadas com o espaço vivido. A partir da investigação dessa relação entre o torcedor e o urbano, buscaremos compreender a inserção das torcidas nos espaços de lazer e no futebol.

Portanto, no capítulo introdutório destacaremos as torcidas de futebol em Fortaleza, fazendo uma abordagem minuciosa das formas de torcer e do ser torcedor, tendo em vista que as torcidas são porosas e se modificam conforme a realidade social.

1.1 História e futebol: uma recente aproximação

A partir do conjunto de mudanças que o campo historiográfico passou no século XX, através das quais a noção de história, de cultura, de fonte histórica, de objeto de análise e do próprio historiador se modificaram, a investigação sobre a as torcidas de futebol, suas linguagens e códigos no cotidiano da cidade de Fortaleza se fez pertinente, pois a “revolução do crível e do não-crível” (CERTEAU, 1995) possibilitou que a(s) cultura(s) e a produção de sentidos nas ações dos sujeitos em suas diversas facetas tornem-se relevantes cientificamente.

A “consciência de historicidade” vem mostrar, a cada um de seus praticantes e apreciadores, que o esporte como um todo – e também o esporte realizado na expressão de cada uma de suas modalidades e na contribuição viva de cada um dos seus desportistas e incentivadores – é simultaneamente sujeito e produto da história, além de meio e fonte através do qual podemos compreender a própria história em seu sentido mais amplo. (MELO, 2013, p.11-12)

Nesse sentido, ao se tornar tema importante para a ciência no Brasil, José D’Assunção Barros atribui à “consciência de historicidade” do esporte o motivo para o crescimento do número de estudos na área entre os estudiosos e os seus apreciadores. Entretanto, a nova incursão do esporte na história mostra que existem ainda muitos temas a serem alçados pelos investigadores. E essas possibilidades emergem da riqueza de detalhes que envolve o esporte, desde sua produção, recepção e prática, como também pela importância que adquiriu no século XX.

Destacamos, nesse processo, o pontapé realizado desde os anos 1990 na produção de estudos voltados à história do esporte em periódicos, livros e congressos, entendendo que podem se debruçar tanto sobre as diversas modalidades de práticas corporais institucionalizadas como também pelas várias histórias através do esporte⁴.

Nesse sentido, a “consciência de historicidade” do esporte contaminou os domínios da história, revelando detalhes, experiências e problemas que ampliam os limites da produção historiográfica. Esta realidade aproxima a história ao esporte e abre perspectivas em diálogo com a conjuntura da historiografia contemporânea: o surgimento de novos problemas e questões e, em consequência, objetos de pesquisa antes desconhecidos ou vistos com indiferença, pois

⁴ Aqui nos referimos ao processo iniciado nos anos 1990 e que culminou com a formação de um grupo de pesquisadores na historiografia brasileira que se dedicam ao estudo da relação entre História e Esportes, que culminou na criação do Simpósio Temático História do Esporte e das Práticas Corporais desde o início dos anos 2000 no principal evento de História nacional, o encontro de pesquisadores da Associação Nacional de Professores Universitários de História – ANPUH. No simpósio, a pluralidade de temas sobre esportes é cada vez maior e demonstra uma diferenciação e consolidação dessa área de pesquisa.

“com a conquista de novos objetos e de novos territórios, a acumulação de trabalhos eruditos, o aprofundamento dos métodos, o avanço da informática, a prática do historiador foi grandemente renovada” (BOUTIER; JULIA, 1998, p.21)

Assim, compreende-se que as inúmeras histórias reveladas pelo esporte possibilitam o entendimento da realidade, da manifestação, da organização e da produção de sentidos no espaço, pois

Através de cada realização no universo do esporte – iluminada pelo olhar historiográfico, sociológico e antropológico – podemos compreender como a sociedade funciona, como cada cultura se expressa, como a política se estabelece ou como a economia se modifica. (MELO, 2013, p.12)

Portanto, as histórias do esporte oferecem ao historiador um “prato cheio” e uma ferramenta para compreender a sociedade, ou seja, para entender a própria história. O historiador, nessa perspectiva, é um sujeito que tem papel fundamental na relação de trabalho com o empírico e as descobertas, consubstanciando o pensamento da historiadora Sandra Jatahy Pesavento, o qual afirma que “a história cultural veio valorizar o – e dar reforço ao – papel do historiador” (PESAVENTO, 2008, p.12)

Por esse motivo, em nossa dissertação de mestrado analisamos a trajetória, a formação dos primeiros grupos de torcida organizada na cidade de Fortaleza e a transformação do comportamento dos torcedores. Assim, investigamos a criação das charangas nos anos 1960 até a formação das primeiras torcidas organizadas tradicionais na década de 1980, refletindo sobre as mudanças nas formas de expressão, da estética, da organização e da estruturação desses agrupamentos de torcedores.

Situamos esta proposta de estudo das torcidas de futebol no âmbito da história cultural do esporte na medida em que intentamos buscar o que o esporte representa para aqueles que interagem, participam e vibram com o esporte, e o que esta “instituição” simboliza para aqueles. Os historiadores passaram muito tempo sem dar importância ao futebol, este parecia interessar mais aos sociólogos, que olhavam mais para o futebol “institucionalizado”. Contudo, aos poucos os esportes foram sendo problematizados por antropólogos e, mais recentemente, pelos historiadores, que atentaram para as expressões culturais. Assim,

[...] quando falamos de uma história cultural do esporte referimo-nos aos estudos em que o viés recai justamente sobre as representações construídas em torno do objeto. [...] Em outras palavras, os estudos devem estar preocupados com o que as práticas esportivas *representam*: para pessoas (que gostam ou que não gostam do esporte), países, políticas, torcidas, fãs, associações, grupos, entidades, clubes, famílias, etc. (MELO, 2013, p.57)

Nesse sentido, nossa pesquisa se insere nas várias formas de expressão do torcedor e das torcidas organizadas, que têm sua relevância para os historiadores devido à relevância com que se apresentam desde o século passado até a atualidade. Durante esse intervalo de tempo, os conceitos de torcedor, torcida organizada, sujeito e história vêm se modificando, ganhando novas dimensões e significados. Cada um desses conceitos, portanto, tem sua trajetória e precisa ser compreendido à luz do seu tempo (KOSELLECK, 2004).

A proposta de um estudo historiográfico sobre futebol, especificamente sobre torcidas, envolve um diálogo com outras análises que ajudaram a consolidar o campo de estudo e contribuíram para abrir um leque de possibilidades de temas e de maneiras de problematizar o futebol na academia.

Nessa perspectiva, outros historiadores também se preocuparam com a relação entre História e Futebol no cenário cearense da historiografia. Destacamos as análises realizadas por Rodrigo Pinto (2007), Airton de Farias (2014), Vicente Moreira Maia Neto (2014) e Caio Pinheiro (2014).

Entre as poucas análises na academia sobre futebol e torcidas organizadas em Fortaleza, em geral, elas tratam das duas principais torcidas e atuais: a Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF) e a Torcida Organizada Cearamor (TOC), como podemos notar na experiência da socióloga Josiane Ribeiro, autora da Tese de Doutorado “Conflitos, territórios e identificações: o encontro de experiências nas torcidas organizadas Cearamor e M.O.F.I”, que analisa as duas principais torcidas organizadas do Ceará Sporting Club. Também listamos e dialogamos com artigos que envolvem direta ou indiretamente temas ligados à torcida organizada, tais como “Impunidade para a Violência entre Torcidas Organizadas. Até Quando?”⁵ e “Discurso ideológico nas músicas da Cearamor: intersubjetividade e violência”⁶. Entretanto, além de tratarem sobre questões majoritariamente sobre as grandes torcidas organizadas dos dois principais clubes da cidade, não abordam questões novas como a produção de sentido, as formas de expressão, as subjetividades dos torcedores.

Com a pouca quantidade de trabalhos acadêmicos no Ceará, portanto, que se debruçaram sobre torcidas organizadas em Fortaleza, e, em particular sobre a origem e as transformações do comportamento das torcidas, constatamos uma lacuna historiográfica que se

⁵ Artigo apresentado no Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Ouro Preto - MG – 28 a 30/06/2012, com autoria de Adriana de Castro Lima e Riverson Rios.

⁶ Artigo apresentado no I Seminário Interdisciplinar em Linguística, Literatura e Educação da FGV, de autoria de Ivan Nogueira Moreira.

acentua-se afunilarmos a procura por trabalhos que tenham uma perspectiva historiográfica, ou seja, uma preocupação com o tempo e as fontes históricas.

Assim, investigar a trajetória das formas de torcer é fundamental não apenas para preencher lacunas no debate historiográfico, mas também para fomentar a discussão sobre o tema e despertar o interesse pelo estudo do futebol, especificamente as torcidas do Ceará e do Fortaleza, cuja análise está centrada nessa prática sociocultural em sua construção enquanto uma tradição que vai se perpetuar até a atualidade.

Assim, algumas obras nos auxiliam quanto aos temas referentes às torcidas organizadas, porém a maioria delas retratam esses agrupamentos torcedores na realidade das regiões Sudeste e Sul, entre eles Luiz Henrique de Toledo (2010, 1994) e Bernardo Borges Buarque de Hollanda (2012, 2008). Além disso, ao propor uma análise sobre o futebol em uma perspectiva sociocultural, dialogamos com autores que discutem o esporte nesse sentido, entre eles Leonardo Pereira (2000) e César Guazzelli (2010).

No estado do Ceará, alguns pesquisadores se debruçaram na investigação das torcidas de futebol, como os sociólogos Radamés Rogério (2014), Josiane Ribeiro (2007), Artur Alves (2011) e Diego Morais (2015), mas não tiveram como preocupação principal a gênese e as transformações no tempo das torcidas organizadas as torcidas do Ceará Sporting Club e do Fortaleza Esporte Clube.

Nossa dissertação de mestrado parte da compreensão da história como uma ciência que está em contínua produção de conhecimento através dos intensos contatos entre as ciências humanas. Isto é, a interdisciplinaridade é um pressuposto dessa perspectiva crítica que aproxima a história das ciências sociais. Entretanto, a apropriação do futebol pelas ciências sociais fez com que o esporte se tornasse um campo de estudo em uma fronteira disciplinar, pois a educação física, a antropologia e a sociologia buscaram se debruçar sobre o futebol. Nessa perspectiva, Luiz Ribeiro afirma que “(...) o diálogo interdisciplinar sobre o futebol tornou-se prática corrente. Uma plasticidade disciplinar que atuou tanto no sentido de fazer avançar a constituição do campo quanto no de intimidá-lo” (RIBEIRO, 2012, p. 16).

A apropriação do futebol por várias disciplinas, assim, fez avançar a afirmação do tema como campo de pesquisa, mas também intimidou aquelas disciplinas que se debruçaram tardiamente no assunto, pois Luiz Ribeiro (2012, *idem*) mostra que o ingresso do futebol na História foi carregado de resistências como tema de pesquisa.

Para definir a teoria que fundamenta e serve como ferramenta de uma discussão empírica e metodológica, entendemos que o futebol é um espaço no qual as experiências humanas podem ser vividas e recordadas, tal como afirmou Roberto DaMatta: “O futebol no Brasil, assim, além de ser um esporte, é também uma máquina de socialização de pessoas, um sistema altamente complexo de comunicação de valores essenciais e um domínio onde se tem a garantia da continuidade e da permanência cultural e ideológica enquanto grupo inclusivo”. (DAMATTA, 1982, p.13)

O “sistema altamente complexo de comunicação de valores essenciais” está em consonância com o que acontecia com as torcidas de futebol em seu dia a dia: a troca, o fluxo e a velocidade com que partilham hábitos, comportamentos, modos de ser e um estilo de vida. Dessa forma, corroboramos com o que Ribeiro afirma: “sugerir novos problemas ao estudo do futebol e do político, como o de pensá-los a partir não apenas da objetividade e da razão, mas também da subjetividade das emoções e dos sentimentos” (Ibid., p.22). O futebol é um campo fértil e que revela novos problemas, que devem ser pensados através das subjetividades e da identidade que constrói.

Assim, nessa pesquisa realizamos uma abordagem histórica que procura também produzir saberes sob a luz das ciências sociais, tentando perceber o mundo e a racionalidade das coisas, partindo do presente para o passado e retornando ao presente através de uma atitude intelectual do sujeito do conhecimento e sua relação com seus documentos, configurando tempos/territorialidades e delimitando recortes temporais. Farge complementa: “Certamente não é novidade para um historiador preocupar-se com os laços de seu discurso com a sociedade em que o inscreve: quando falam da história, estão sempre na história”, escrevia Michel de Certeau (1975, p.28)” (FARGE, 2011, p. 07)

Nessa trajetória, o aporte teórico utilizado relaciona-se com as hipóteses formuladas. Dialogaremos com os conceitos de torcida organizada, de estilo de vida clubístico e de memória. Para isso, estabelecemos uma reflexão a partir dos autores Josiane Ribeiro (2007); Luiz Ribeiro (2012); Albuquerque Cavalcanti, Juliano de Souza e André Mendes Capraro (2013); Hilário Franco Júnior (2007); Luiz Henrique de Toledo (2007); Bernardo Buarque de Hollanda (2008); Roberto DaMatta (1984); (HOBSEBAWM; RANGER, 1997), Maurice Halbwachs (2006); (FENTRESS; WHICKHAM, 1992), (BOSI, 1994) e Gisafran Jucá (2011).

A manifestação das emoções na torcida organizada constrói um sentimento e uma sensação de pertencimento ao clube devido à tradição com a qual os membros da torcida se identificam: as cores, a sede, as bandeiras e os hinos do clube. Dessa forma, a tradição tem um valor simbólico e se sacraliza a partir das práticas sociais compartilhadas pelo grupo, embora essa tradição também seja dinâmica e pode ser transformada conforme a realidade experimentada e vivenciada (HOBSBAWM; RANGER, 1997).

Josiane Ribeiro afirma que a tradição estaria ligada à construção da identidade a partir dos “fios com os quais os jovens torcedores organizados teceriam as redes de suas identificações, assumindo posições de sujeitos, a partir de sua experiência nas torcidas organizadas” (RIBEIRO, 2010, p.19). Nesse momento, cabe refletir sobre a posição de sujeito que os líderes – “o torcedor chefe” – das charangas assumem através das torcidas organizadas, como aponta Josiane Ribeiro. A vivência e a experiência enquanto grupo de torcida permite aos torcedores se identificarem e construírem uma noção de coletividade, é por esse motivo que podemos entender as charangas como um indício das torcidas organizadas.

Além disso, a tradição e a identidade torcedoras, no contexto do futebol, poderiam ser pensadas a partir do que Cavalcanti, Souza e Capraro (2013) denominaram de “estilo de vida clubístico”, compreendendo não somente os agrupamentos nos estádios, como todos os espaços frequentados pelos componentes da torcida organizada, como podemos notar:

Esse denominado “estilo de vida clubístico”, por sua vez, abrange desde as denominadas ritualizações de caráter mais informal e acionadas de maneira esporádica e independentemente dos grandes ajuntamentos populacionais nos estádios (as reuniões de amigos em bares ou mesmo as reuniões entre famílias para assistirem partidas de futebol se constituem nos exemplos mais emblemáticos), quanto às institucionalizadas ritualizações coletivas que tem seu grande ápice nos dias de jogos e, dentre as quais, destaca-se o fenômeno das torcidas organizadas (TO's). (CAVALCANTI; CAPRARO; SOUZA, 2013, p. 40)

Nota-se que existe tanto as ritualizações coletivas formais, que têm seu ápice nos dias de jogos, como também as de caráter informal, que são os momentos esporádicos, espontâneos, as reuniões em bares), onde a soma desses ritos confere ao torcedor o “estilo de vida clubístico”, uma identidade que pressupõe uma adesão ao clube de caráter maior intensidade e fervor.

Outro conceito que será discutido trata-se das torcidas organizadas a partir das análises de Luiz Henrique de Toledo e de Bernardo Buarque de Hollanda. Problematicar o aparecimento das torcidas organizadas na trajetória das diferentes formas de manifestação dos

torcedores nos estádios do século XX suscita um debate sobre o que são as torcidas organizadas e como elas se diferenciam dos outros tipos de expressões do torcedor. Para Luiz Henrique de Toledo, as torcidas organizadas são:

Agrupamentos com nítida inspiração popular, diferentes, portanto, dos grupos uniformizados mais comprometidos com os interesses dos dirigentes esportivos, e em parte autônomos em relação aos clubes, muitas vezes em confronto explícito com os dirigentes, essas formas de torcer rapidamente se popularizaram e hoje dominam boa parte do cenário das organizações torcedores... (TOLEDO, 2010, p.178)

Cavalcanti, Souza e Capraro (2013) destacam que o pertencimento à torcida organizada difere os membros de outros grupos, como também interfere no próprio cotidiano desses indivíduos:

Para os integrantes de TO's, o futebol, o clube de preferência e, principalmente, a agremiação a qual pertencem são considerados por si só o motivo da própria existência. Esses torcedores vivem em função da torcida, de suas atividades e seus ideais. Ao se associarem a uma TO e conviverem cotidianamente com a realidade do agrupamento, esses indivíduos assumem uma identidade que previamente os define diante de outros grupos e que permeiam as relações sociais que estabelecem em seu cotidiano (GASTALDO, 2009, p. 2-3). (CAVALCANTI; CAPRARO; SOUZA, 2013, p. 44)

Chegamos, agora, a chave do entendimento da diferença entre as charangas e as torcidas organizadas que se configuraram no momento em que as charangas entraram em declínio, que consiste na união da “ritualização informal e formal” nas torcidas organizadas, cujos membros perpetuam um “estilo de vida clubístico” no seu dia a dia, constituindo a torcida em uma entidade paralela ao clube, ou seja, uma instituição que tem vínculo com o clube, mas está independente dele.

Entretanto, no caso das charangas, como veremos adiante, as ritualizações coletivas estão mais ligadas à formalidade, a organização realizada em dias de jogos, a partir dos quais os chefes das charangas adquirem uma posição de referência na torcida e na cidade.

Todos esses aspectos serão buscados também nas memórias dos sujeitos que vivenciaram esses elementos nas torcidas de futebol. Dar voz a estes agentes constitui um elemento essencial para esta análise, ou seja, a memória não é entendida como complemento para as fontes tradicionais, mas pela descoberta do manancial de informações que revelam, tal como defende Gisafran Jucá:

A dimensão da memória, à primeira vista representativa de uma simples possibilidade de preencher espaços vazios, na busca da compreensão histórica,

possui um significado mais persistente, quando se percebe a dinâmica de sua mobilização, capaz de transformar a informação prestada numa gama de subsídios, que nos fazem penetrar no labirinto do tema tratado. (JUCÁ, 2011, p.45)

Compreendemos, pois, que a relação entre Memória e História possibilita uma dimensão à análise ao conter mais que uma informação, uma “gama de subsídios”, bem como permitir um intercâmbio entre o coletivo e o individual, tal como afirma Maurice Halbwachs (2006) sobre a existência da memória individual e da memória coletiva, que não se dissociam e coexistem através das relações humanas.

O ato de recordar refere-se ao íntimo do sujeito, a suas experiências pessoais, constituindo uma memória pessoal, mas esse processo [a rememoração] se dá em contato com o outro, assim a memória é partilhada, é social. Quando trabalhamos com memórias não podemos ignorar a subjetividade e o seu caráter social, ou sobrepor esse caráter ao seu aspecto pessoal (FENTRESS; WICKHAM, 1992). Logo, a relação entre a memória e a história não é entendida separadamente, pois propõe-se pensar a memória e a história nas suas imbricações, aproximações e distanciamentos capazes de reconstruir o passado através do discurso historiográfico.

O historiador necessita do método, de como interpretar, de procedimentos e de instrumentos, o seu arcabouço técnico. A metodologia da História Oral, realizada através de um conjunto de procedimentos e do compromisso ético entre entrevistador e entrevistado, fez com que o fascínio do vivido (ALBERTI, 2004) por componentes das torcidas se tornasse essencial para a narrativa deste trabalho. Segundo Tonini, Philippe Joutard advoga a favor do comprometimento da história oral com a transformação da sociedade. Ética, sensibilidade e responsabilidade sociais são características fundamentais da história oral (TONINI, 2010, p.15).

A utilização desta metodologia e das fontes orais como pistas do passado possibilitarão compreender a torcida como tradição através das experiências vividas e reveladas nas memórias, compreendendo como os indivíduos constroem e recordam as suas vivências, atribuem signos e significados, processo realizado com imagens e ideias que recebem interferências dos contextos nos quais estão inseridos no presente (BOSI, 1994).

O recurso da metodologia da História Oral também proporcionou tornar público histórias de vidas particulares de pessoas comuns. Aqui compreendemos a História Oral como

uma metodologia que necessita de um apoio teórico a fim de não reduzir o trabalho a uma simples transcrição de entrevistas (JUCÁ, p.31).

A importância das fontes orais encontra-se na possibilidade de vivenciar as experiências do outro a que se tem acesso, sabendo compreender suas expressões na abordagem histórica (ALBERTI, *idem*). Reconhecemos ainda que as entrevistas precisam ser filmadas, gravadas, escutadas, transcritas e interpretadas, com uma cópia do arquivo produzido para o depoente (MEIHY, 1996).

Após balizarmos o nosso estudo no campo de estudo que engloba os trabalhos sobre esportes e, especificamente, o futebol, consideramos necessário traçar um caminho sobre quem são os torcedores, como formaram as torcidas e suas atuações no espaço urbano, cuja discussão é a que propomos no momento a seguir.

1.2 O torcedor na cidade: alvinegros e tricolores no espaço urbano

Historicizar a mobilização populacional que o futebol promoveu desde a sua chegada ao Brasil constitui um conjunto de reflexões e de abordagens para a historiografia. A trajetória da adesão de torcedores à prática esportiva possibilita levantar debates sobre o cotidiano das cidades e como esses sujeitos vivenciaram experiências a partir do futebol.

Dos públicos que ocuparam os espaços dos estádios de futebol durante o século XX emergem diferentes aspectos socioculturais, que precisam ser investigados com maior rigor, pois, na medida em que a prática do futebol se modificava, as torcidas transformaram suas condutas, seus modos de se relacionar com outras torcidas e de compreender a si mesma. O torcedor, nesse sentido, estabelece no cotidiano ações e relações que o identificam no espaço urbano. Segundo o historiador Bernardo Buarque de Hollanda, o torcedor é

Metáfora ou metonímia do homem comum brasileiro, síntese mais expressiva de suas qualidades e defeitos, o torcedor inquieta e intriga. Inquieta e intriga porque, de tudo o que vem por aí – as estimativas sobre organização, cálculo, planejamento, edificação -, o comportamento do torcedor é aquele menos mensurável, menos quantificável, menos previsível. De todos os atores do futebol, é o personagem ainda menos compreendido. (HOLLANDA, 2012, p.12)

Nessa perspectiva de investigação histórica, procuramos refletir sobre as ações desses agentes nos estádios e nas experiências construídas/vivenciadas fora deles. Ou seja, temos como foco a figura do torcedor que se apresenta não apenas dentro dos estádios, mas aquele que atua no cotidiano da cidade e que experimenta os espaços urbanos através da sua identificação com o clube e com a sua torcida, pois “Porosa, a paixão torcedora é analisada antes, durante e depois das partidas, nos ônibus, nos trens e nos bares, em suas condicionantes sociais e culturais, econômicas e políticas” (Idem, p.13)

O ator “menos compreendido” dentro do futebol – o torcedor – é pouco previsível na medida em que age, gesticula, grita e vibra conforme cada momento. Momento este não apenas do jogo ou da performance do seu time dentro de campo, mas da sua vida, como se encontra no dia a dia, não se dissociando do “homem comum brasileiro”, e sim sendo a sua “metonímia”.

As torcidas vivenciavam e construíam relações que iam além daquelas mantidas dentro dos estádios, estabelecendo condutas próprias do estilo de vida de um torcedor,

diferenciando, assim, a maneira das torcidas se relacionarem com a cidade. Ao ser interrogado sobre o significado de uma torcida, Osvaldo Fontenele⁷ respondeu em entrevista:

Família. Todo mundo se sentia da família, todo mundo... você ia buscar as pessoas em casa, você ia deixar, você marcava na praia onde se encontrava todo mundo, você ia pro restaurante e tava todo mundo junto. Você ia pra uma festa, pra um clube, carnaval antigamente era muito em clube, tava todo mundo junto ali ne. (...) A gente tava sempre se vendo, se falando todo dia, e isso era muito salutar, muito legal (FONTENELE, Fortaleza, 29 jul.2013).

Então, pertencer a uma torcida possibilitava criar vínculos e laços no cotidiano, extrapolar os encontros dos dias de jogos e constituir um laço ou uma “família”, sentir-se dentro dela. Além da proximidade sentimental, a torcida significava frequentar locais de lazer: “festa”, “clube”, “carnaval”, “praia” ou “restaurante” – as ritualizações informais. Todas essas questões sinalizam importantes aspectos a serem minuciosamente refletidos para a compreensão da extensão do vínculo do torcedor aos grupos de torcidas, através dos quais as entrelinhas e o mundo de sensibilidades dos torcedores são a *creme de la creme* para o historiador.

Essas entrelinhas e sensibilidades dos torcedores partem principalmente das emoções materializada nas relações entre pessoas e grupos, que produzem e são produzidas por processos de interação de gestos, sinais, movimentos corporais. Isto é, segundo Mauro Koury, “A sociologia das emoções partiria do princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e sociedade (KOURY, 2009, p.09). Portanto, as experiências emocionais presentes no ambiente do futebol só se tornam possíveis levando em conta as normas sociais, os costumes e as tradições em torno da realidade social em que se vive, o “lugar social” em que o indivíduo se situa.

Desse modo, as torcidas aqui analisadas estão circunscritas aos dois principais clubes da cidade de Fortaleza: o Ceará Sporting Club⁸ e o Fortaleza Esporte Clube⁹. O Ceará

⁷ Francisco Osvaldo Castelo Branco Fontenele nasceu em Fortaleza em 13 de maio de 1955, filho de um desportista e ex-jogador e ex-diretor do Fortaleza Esporte Clube, José Candido Fontenele. Osvaldo Fontenele foi presidente de uma das primeiras torcidas organizadas da cidade, a Garra Tricolor a partir de 1983, casou com uma componente da Garra Tricolor.

⁸ O Ceará Sporting Club foi um dos clubes pioneiros da história do futebol cearense, fundado em 1914, tem como símbolo suas cores alvinegras e é reconhecido como o “mais querido” pela popularidade alcançada e como único pentacampeão do estado. Seu estádio, Carlos de Alencar Pinto, localiza-se no bairro Porangabussu. Cf. FARIAS, Ailton de. **Ceará**: uma história de paixão e glória. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2005.

⁹ O Fortaleza Esporte Clube foi fundado em 1918 por Alcides Santos, nome também do seu estádio localizado no bairro do Pici. Em uma homenagem a França, o Fortaleza tem em suas cores o vermelho, azul e branco, sendo conhecido como o “tricolor de aço” e “clube da garotada” em alusão ao crescimento da sua torcida na parcela jovem e pela constante revelação de jogadores. Cf. FARIAS, Ailton de. **Fortaleza**: história, tradição e glória / Ailton de Farias e Vagner de Farias. - - Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014. – Coleção Onzena

Sporting Club foi fundado em 1914, tem como símbolos as cores preta e branca, e o mascote¹⁰ é conhecido como “vovô”, e sua sede localiza-se no bairro Porangabussu. Durante a sua história, ficou popularmente conhecido como “o mais querido”. O Fortaleza Esporte Clube, fundado em 1918, caracteriza-se pelas três cores, vermelho, azul e branco e pelo mascote leão. A partir dos anos 1950, consagrou-se como “o clube da garotada” e é reconhecido como o “tricolor de aço”, tendo sua sede localizado no bairro Pici.

O critério para a análise dessas duas torcidas foi a tradição que os dois clubes arraigaram na população da cidade de Fortaleza, sendo os maiores conquistadores do campeonato estadual até o recorte inicial dessa pesquisa, o ano de 1965. Nesse sentido, não desprezamos e nem consideramos menos importantes as torcidas de outros times como Ferroviário, Maguari, Calouros do Ar, América, etc., e sim por opção metodológica para facilitar a compreensão do “ser torcedor” e suas transformações.

Devido à tradição do Ceará Sporting Club e do Fortaleza Esporte Clube, os jogos entre os dois clubes aglutinam emoção e sentimentos diferentes dos jogos com outras equipes, consagrando-se a disputa na história como clássicos. Por isso, a imprensa esportiva já denominava o duelo entre os dois clubes mais antigos da cidade como o “Clássico Rei”:



Figura 1 – Ceará x Fortaleza, o “Clássico Rei”.

Fonte Jornal O Povo 30 jan.1965, p.16

¹⁰ Mascote é um nome dado a um animal, pessoa ou objeto que identifica uma marca, empresa ou evento. No âmbito esportivo, mascote é um elemento fundamental para a simbologia do clube de futebol, tendo cada time um mascote. No futebol cearense, o Ceará Sporting Club e o Fortaleza Esporte Clube possuem como mascote o Vovô e o Leão, respectivamente.

A denominação “Clássico Rei” remete principalmente a duas circunstâncias, ao tempo da fundação e à rivalidade entre os dois clubes. A questão da fundação torna-se evidente porque tais clubes são os mais antigos da cidade e, a cada ano, competiam entre si pela hegemonia do futebol local. Na reportagem, expressou-se que “Com todas as condições próprias de um verdadeiro clássico na acepção do termo, estarão se defrontando amanhã à tarde as tradicionais representações do Ceará e do Fortaleza, os mais antigos e ferrenhos rivais do futebol cearense” (**O Povo**, 30 jan.1965, p.16). Infere-se da matéria, assim, como a fundação e a tradição revelam a importância do tempo decorrido nos jogos entre os clubes.

Quanto à rivalidade, embora se acentue também pela tradição envolvida entre os clubes, ela foi construída principalmente pela disputa dos títulos anualmente desde os anos 1910, como pode-se perceber:

[...] Nesta oportunidade, não fosse a tradicional rivalidade, valeria para dar a disputa um caráter extra: o fato de que ambos estarem numa luta que não se restringe apenas à conquista do título deste ano. Para Ceará e Fortaleza, está em foco é o título do tetracampeonato que o Vovô está tentando conquistar e o tricolor não quer permitir, de forma alguma...” (**O Povo**, idem)

Nessa perspectiva, constatamos que a rivalidade envolvia mais do que se tornar campeão, ou seja, almejar as glórias para seu clube, mas também impedir o título do rival, meta essa que acirrava a disputa entre os dois clubes em toda a história. Logo, os torcedores estavam imersos nessa rivalidade e, quanto mais ela se acentuava, maior a participação das torcidas, pois “...Tudo isto justificou o enorme interesse que vem se observando entre os torcedores, que já começaram a adquirir os ingressos postos à venda desde ontem pela manhã no abrigo central, na Praça do Ferreira” (**O Povo**, idem).

Nota-se, portanto, que a mobilização para um clássico alterava o cotidiano da cidade nos dias antecedentes ao jogo. Os jornais se debruçavam sobre as expectativas das diretorias, dos jogadores e das torcidas. Falar de futebol na cidade de Fortaleza necessariamente era lembrar do Ceará Sporting Club e do Fortaleza Esporte Clube, ou seja, a história dos clubes se insere na identidade do urbano.

Além disso, já naquela época pensava-se na organização do clássico e do conforto antes do dia do jogo ao se vender ingressos antecipadamente, prática iniciada em meados dos anos 1940 no futebol cearense (PINHEIRO, 2014). Tais indícios revelam uma adesão daquelas torcidas aos clássicos, que mobilizava um contingente populacional significativo para se pensar previamente na estrutura daqueles jogos.

O enraizamento cultural e social do futebol, portanto, estava cada vez mais presente no cotidiano fortalezense. Essa influência sociocultural do futebol na cidade suscita uma série de questões que, para historiadores como Luiz Ribeiro (2012) e Hilário Franco Júnior (2007), sugerem discussões imprescindíveis à análise do historiador.

Franco Júnior problematiza o interesse que o futebol desperta na sociedade ao perguntar “qual é o fascínio do futebol”? (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.165). A resposta para essa questão foi simplificada quando o autor afirma que “o futebol fala da própria vida”, e acrescenta: “como toda metáfora, uma coisa no lugar de outra, o futebol é sentido antes de ser compreendido, e no entanto, como toda metáfora, ele pode, e deve, ser também analítica e criticamente examinado” (Ibid, p.166). Isto é, este esporte é uma metáfora do viver humano na realidade social, passível de uma análise crítica.

O diálogo com Hilário Franco Júnior é significativo e necessário na medida em que, no futebol, os que sentem e desfrutam do esporte com maior intensidade são os torcedores, e compreender como se constitui as relações, a sociabilidade e o sentimento nessas subjetividades apresentam-se como uma janela para a compreensão do mundo a partir de agrupamentos de torcedores, aspecto fundamental para a análise das ciências sociais, inclusive aos historiadores (RIBEIRO, 2012).

A imprensa esportiva, em meados dos anos 1960, fazia a cobertura do campeonato cearense e, frequentemente, o Jornal O Povo publicava um resumo do campeonato, detalhando os resultados de todos os jogos, as rendas e os lucros de cada time, o artilheiro e outras informações acerca da competição. A coluna em que essa notícia era publicada chamava-se de “A marcha do Campeonato”, assinada por José Rosa. É claro que os jornais atendem a interesses, selecionam e fazem escolhas, sendo a notícia um filtro em que a subjetividade adentra de forma inseparável. Nesse sentido, os colunistas eram também torcedores e, assim, estavam imersos na emoção, paixão e simpatia pelos clubes locais, estampando, direta ou indiretamente, seu vínculo torcedor no seu ofício.

Na foto a seguir, visualiza-se a renda e os resultados dos jogos dos times que disputavam o campeonato de 1965:

PROFISSIONAIS		JUVENIS		RENDAS
Ferroviário	5x1	Calouros do Ar	1x1	954.843
América	4x0	Nacional	5x2	195.000
Ceará	3x0	Gentilândia	1x1	1.293.600
Fortaleza	1x0	Nacional	3x1	1.260.045
Fortaleza	2x1	Calouros do Ar	4x1	861.105
Ferroviário	5x3	Gentilândia	2x0	1.028.170
Ceará	0x0	América	2x3	4.316.870
Nacional	1x1	Calouros do Ar	2x1	137.245
América	1x1	Gentilândia	0x2	185.580
Fortaleza	2x1	Ferroviário	2x1	5.279.755
Nacional	1x1	Ferroviário	4x1	661.885
Calouros do Ar	1x0	Ceará	1x7	1.788.925
Fortaleza	5x1	Gentilândia	4x0	1.297.440
Ceará	4x1	Nacional	2x2	1.010.100
América	1x0	Calouros do Ar	1x1	429.370
Ceará	2x1	Ferroviário	1x1	4.819.655
Nacional	4x1	Gentilândia	1x1	400.000
Calouros	1x1	Gentilândia	0x0	67.353
Fortaleza	2x0	América	4x1	3.592.625
Ferroviário	4x1	América	1x4	643.905
Ceará	2x1	Fortaleza	1x2	6.439.745
2º TURNO				
Ceará	2x1	Gentilândia	2x3	762.580
Calouros do Ar	1x1	Ferroviário	2x2	637.525
América	2x1	Nacional	1x3	316.015
Fortaleza	1x0	Nacional	6x2	644.990
Ferroviário	3x2	Gentilândia	2x3	317.860
Fortaleza	1x0	Calouros do Ar	5x0	1.810.400
Nacional	2x2	Calouros do Ar	3x1	140.560
Fortaleza	1x0	Ferroviário	5x1	2.302.145
Ceará	2x1	América	2x2	3.603.020

Figura 2 – Coluna A Marcha do Campeonato

Fonte Jornal O Povo 21 jun.1965, p.09

Na foto, pode-se investigar quais as torcidas que se faziam mais presentes no Estádio Presidente Vargas¹¹, principal espaço em que eram disputados os campeonatos no período. Os jogos do Ceará Sporting Club e do Fortaleza Esporte Clube, conforme a imagem, eram os que geravam a maior quantidade de renda. Os jogos do Ceará x América com 4.316.870, Fortaleza x Ferroviário com 5.279.755 e Ceará x Fortaleza com 6.439.745 de renda foram, no primeiro turno, os que apresentaram os maiores lucros.

¹¹ Oficialmente inaugurado em setembro de 1941, o Estádio Presidente Vargas, mais conhecido como PV, foi o segundo palco oficial dos jogos em Fortaleza. Desde a sua inauguração ainda inacabado, o PV passou por várias reformas ainda nos anos 1940. A inovação desse estádio, na época, devia-se à presença do gramado, pois os campos em que eram praticados o futebol anteriormente eram de “terra batida”, como é o caso do Campo do Prado, o primeiro palco oficial dos jogos do campeonato cearense e que se localizava onde hoje se encontram a Avenida Treze de Maio e a Rua Marechal Deodoro, no espaço do Instituto Federal e do Presidente Vargas. O terreno pertencia a uma empresa inglesa e depois a Alcides Santos (fundador do Fortaleza Esporte Clube), porém o Estado tomou posse, através da doação de Otávio Frota, e os jogos passaram a ser praticados no Campo do Prado sob aluguel. Cf. SAMPAIO, Alfredo. **Futebol Cearense**: retalhos históricos. Fortaleza: Imprece, 2007. p. 29.

Dependendo do momento em que cada time se encontrava, com poucas exceções, os clubes que mais contavam com o apoio da torcida eram o Ceará e o Fortaleza, como podemos perceber na imagem:

RENDA BRUTA E COTAS DOS CLUBES

Nas 30 partidas foram arrecadados Cr\$ 47.193.290 com

CLUBES	RENDAS	COTAS
Ceará	24.034,45	10.228.489
Fortaleza	23.488.360	9.668.112
Ferroviário	16.645,40	4.958.196
América	13.277.385	4.177.164
Calouros do Ar	6.827.225	2.045.816
Gentilândia	5.352.555	1.252.382
Nacional	4.805.640	1.327.219

Figura 3 – Renda e cota do Campeonato de 1965
Fonte Jornal O Povo 21 jun.1965, p.09

Nota-se da imagem que as duas maiores rendas pertenciam ao Ceará e ao Fortaleza, respectivamente 24.034,45 e 23.488,360 cruzeiros. Como, em geral, os preços dos ingressos eram os mesmos, as suas torcidas, portanto, eram as que compareciam em maior número ao estádio. Porém, cada uma dessas torcidas possuía suas diferenças, embora aparentassem ser homogêneas entre si.

A primeira dessas diferenças diz respeito à popularidade. Nos anos 1960, a torcida do Ceará Sporting Club era mais popular que a do Fortaleza Esporte Clube. Geralmente, os registros de renda e de público colocavam o time alvinegro em primeiro lugar na escolha do clube pela população. Osvaldo Fontenele, ao falar sobre a torcida do Fortaleza – time da sua paixão – nos anos 1960, lembrou detalhes daquela época:

Era menor, bem menor do que a do Ceará... A do Ceará era bem 3 vezes maior que a do Fortaleza. Só que naquela época existia uma coisa muito boa, que você assistia ao jogo lado a lado com os rivais, não existia esse negócio de briga, essa coisa que existe hoje. A gente vinha ali, geralmente eu saía da casa de um primo meu, na Barão do Rio Branco, Marcos George, que é o filho da Dona Marizinha, famosa Marizinha, e a gente vinha todo mundo junto ali na Senador Pompeu pro estádio, torcedor do Fortaleza, do Ceará, chegava debaixo nas arquibancadas, onde tinha aqueles bares ali, comia cachorro-quente, era o famoso Marechal, um velhinho que vendia uns cachorros-quentes lá, a gente comia ali, tomava um refrigerante e a gente se dava muito bem, nunca houve nada não. (FONTENELE, Fortaleza, 29 jul.2013)

Em uma reportagem dos anos 2000, “Uma torcida gigante e apaixonada”, o jornal Diário do Nordeste lembrou a popularidade da torcida alvinegra em toda a sua história:

Segundo dados da Revista Placar, o Ceará Sporting tem cerca de um milhão de simpatizantes, o que representa a segunda maior torcida da Região Nordeste, e ocupa a 14ª colocação no ranking nacional de aficionados. O amor por esse clube que congrega ricos e pobres, homens e mulheres, pretos, mestiços e brancos vem de longe. (**Diário do Nordeste**, 05 jun.2004, p. 3)

Outra questão importante desse período era que cada torcida possuía uma espécie de liderança, um torcedor reconhecido pelas torcidas. Na torcida do Ferroviário Atlético Clube, “Zé Limeira” era o torcedor mais conhecido na cidade, enquanto que na torcida do Fortaleza Esporte Clube, Antonio Alberto Ramalho Gondim¹² era o ícone da torcida tricolor e, por fim, Pedro Alves da Silva¹³ era o ilustre torcedor do alvinegro cearense. Nessa perspectiva, ao analisar as torcidas na cidade do Rio de Janeiro, Bernardo Buarque de Hollanda afirmou:

Ao longo do século passado, muitos torcedores se destacaram em seus clubes e ganharam notoriedade em suas respectivas torcidas. Desde pelo menos a década de 1930, antes mesmo da fundação oficial das torcidas organizadas, havia torcedores designados sob a alcunha de “embaixadores” ou de “chefes de torcidas”. (HOLLANDA, 2012, p.99-100)

Em Fortaleza, esses “embaixadores” ou “chefes de torcidas” ganharam notoriedade a partir dos anos 1950, cuja visibilidade ultrapassava a atuação nos estádios, sendo reconhecidos nas ruas e nos espaços de “sociabilidade boleira” como exemplo de fidelidade ao time, pois

Eles eram incumbidos da tarefa de representar a totalidade dos membros de uma torcida no estádio ou até mesmo em viagens ao exterior. Eram eles que demonstravam, de maneira mais entusiástica, a preferência por seus times, mediante todas as provas de abnegação e sacrifício. (Idem, p.100)

¹² Antônio Gumercindo Gondim era proprietário de um comércio no centro da cidade e torcedor do Fortaleza Esporte Clube, sendo um dos ícones da torcida desse clube por liderar a charanga que ficou conhecida nos anos 1960 e 1970 em toda a cidade.

¹³ Pedro Alves da Silva, mais conhecido como “Pedão da Bananada”, foi um dos mais conhecidos torcedores da história do Ceará Sporting Club. Nascido em 1928, começou a torcer Ceará desde 1935 e se tornou reconhecido por ser proprietário de uma lanchonete no Abrigo Central, sendo referência para a torcida até os anos 1960.

Cristiano Santos¹⁴, sobre esse momento na cidade de Fortaleza, relembrou:

Então essas pessoas basicamente eram representantes das torcidas no fim da década de 1950 para 1960. Em 1970 começou a aparecer bandeiras com mais frequências, isso que eu lembro muito bem, as torcidas com bandeiras. Eu, inclusive, eu e meu irmão caçula, nós somos dois torcedores que fazíamos bandeira pra levar pro estádio. Eu na época tinha um bloco de carnaval e o mastro eu aproveitei e fiz, eu e Ricardo, meu irmão. (SANTOS, Fortaleza, 28 abr.2014)

As memórias sobre as torcidas nesse período trazem lembranças da rivalidade de outrora, de reminiscências de um outro tempo e que, no tempo em que se recorda, não mais existem ou, se existem, acontecem de maneira distinta. No depoimento de Osvaldo Fontenele, ele destacou que naquela época “existia uma coisa muito boa, que você assistia ao jogo lado a lado com os rivais, não existia esse negócio de briga, essa coisa que existe hoje”.

Antigamente, em contrapartida, as torcidas misturavam-se dentro e fora do estádio, sem um isolamento espacial, onde os torcedores caminhavam em direção ao estádio juntos e sem a preocupação que existe hoje. Dessa forma, Orlando Patrício¹⁵ acrescentou:

(...) E indo para o PV com eles [a torcida do Ceará] a gente ficava do lado do sol, abaixo do placar, da divisão da torcida e a divisão era ombro a ombro, não tinha esses cordões de isolamento não. Se eu fosse o ultimo torcedor da do Fortaleza, eu tava ombro a ombro com o torcedor do Ceará. E a gente olhava pra cima, tinha 6 “merganhas”, como a gente chamava, “merganhas” como a gente queria dizer era 6 policiais, não usavam revólveres e aqui e acolá andavam com cassetetes. (PATRICIO, Fortaleza, 30 jul.2013).

Além da questão da pacificidade entre torcedores do Ceará e do Fortaleza, o comportamento das torcidas na transição dos anos 1960 para a década de 1970 surgia nos depoimentos desses torcedores. Para eles, alguns aspectos caracterizavam as duas torcidas, principalmente os que se referem à vibração, pois recordam que as torcidas vibravam, mas eram calmas e tranquilas.

Emanuel Magalhães¹⁶ afirmou que nesse período a torcida do Fortaleza “era uma torcida fria. Ficava sentada, tinha a parte dos “coroas”, era a maior parte uma torcida

¹⁴ Cristiano Santos é torcedor do Ceará Sporting Club e morador do Bairro Gentilandia desde que nasceu, convivendo no entorno do estádio Presidente Vargas e estabelecendo inúmeros contatos entre os torcedores nos anos 1960, 1970 e 1980, inclusive com seu irmão, João Ricardo Santos, fundador da Torcida Carrossel Alvinegro, em 1984. Dados retirados da Entrevista realizada com Cristiano Santos em 28 abr.2014, realizada em sua residência no Bairro Benfica, próxima ao Estádio Presidente Vargas.

¹⁵ Orlando Patricio é torcedor do Fortaleza Esporte Clube e integrou a Torcida Organizada Garra Tricolor, fundada em 1980. Desde os anos 1960 comparecia aos jogos do seu time, inicialmente através do rádio e, em 1968, presenciou seu primeiro jogo. Entrevista com Orlando Patricio, em 30 de julho de 2013, realizada no Bairro Benfica, ao lado do Estádio Presidente Vargas.

¹⁶ Emanuel Magalhães, popularmente reconhecido como Emanunel “Sheik” pelo traje árabe que vestia nos estádios, é torcedor do Fortaleza Esporte Clube e foi um dos componentes da Torcida Organizada Garra Tricolor, fundada em 1980. Após dois anos, fundou a Torcida Fiel Tricolor, em 1982. Dados retirados da Entrevista realizada em Fortaleza, 26 abr.2014.

acomodada, era vibrante, mas era uma torcida acomodada.” (MAGALHÃES, Fortaleza, 26 abr.2014). Nesse mesmo sentido, Cristiano Santos corroborava sobre a torcida do Ceará:

Olha, não existia a motivação que existe hoje. Se você observar, tem sempre um líder lá em cima da arquibancada, um cara que comanda a torcida, naquela época não tinha não, era mais acomodada, as pessoas vibravam mais na hora do gol, não existia essa vibração que existe hoje. A coisa era mais tranquila, tinha emoção? Tinha, mas não como existe hoje. (SANTOS, Fortaleza, 28 abr.2014)

Notamos através dos depoimentos que o “chefe de torcida” ou “líder” era um representante do grupo torcedor, o ícone que extrapolava os limites do estádio do futebol e se apresentava como referência na cidade, espaço este em que nos anos 1960 era vivenciado e compartilhado juntamente pelas torcidas do Ceará e do Fortaleza, não havendo separação de espaços para cada uma delas.

Portanto, os torcedores relembaram, em geral, a popularidade, a rivalidade e o comportamento das torcidas, revelando um cenário ímpar nos anos 1960, em que se afluía uma disputa entre as duas torcidas, mas a partir de uma rivalidade pacífica e de uma vibração contida nas arquibancadas. Logo, estes entrevistados falaram sobre um período calmo e sem violência entre as torcidas rivais. Nesse sentido, eles narravam que iam para os estádios lado a lado com os torcedores do outro time e, ao entrar no estádio, a divisória entre as torcidas quase que inexistia, sendo realizada por poucos policiais entre as duas torcidas no estádio.

Além dessa questão da paz e tranquilidade, os torcedores falam que cada torcedor levava sua bandeira. Assim, essas bandeiras embelezavam e caracterizavam os estádios, tornando-se algo novo e um símbolo daquela época, que identificava as torcidas e expressava uma maneira de torcer pelo seu time.

Os anos 1960 das torcidas de futebol revelavam uma convivência tranquila entre os clubes rivais, situação em que podemos pensar também sobre a violência na cidade de Fortaleza como um todo, onde os jornais dessa época não noticiavam grandes quantidades de atos violentos, considerando que o conceito de violência no período não significava o mesmo que atualmente nos entendemos por violento.

Diante desse panorama, ao entrar em um estádio de futebol em dia de jogo, o torcedor, cidadão ou observador acumula um misto de sensações: tensão, espanto, surpresa, medo. Ou seja, visualiza-se uma multidão que impressiona e que forma um simulacro de cores, gestos e vozes associado, muitas vezes, a um espetáculo. Nesse ambiente, a primeira impressão

que se tem é de uma homogeneidade da torcida, que todos comungam e compartilham das mesmas ideias ou torcem pelo mesmo time.

Contudo, a aparente homogeneidade da multidão torcedora é contraposta quando se olha atentamente para os espaços e para os torcedores que permeiam o estádio de futebol. A impessoalidade da massa torcedora é substituída por distintos modos de se expressar, relacionar, cantar ou gesticular. Luiz Henrique de Toledo corrobora sobre esse aspecto ao afirmar:

E uma análise mais atenta desses hiatos coloridos, que emergem na multidão torcedora, permite observar uma intrincada rede de práticas e condutas, tais como amizade, companheirismo, identidade, hierarquia, disputa, conflito, que transcende os usos da noção estereotipada e reificada daquilo que denominamos *comportamento de massa*, indo além da imediata identificação catártica com os times envolvidos. (TOLEDO, 2000, p.128-129)

Logo, em uma torcida, pode-se investigar a “rede de práticas e condutas” que confluem para o mesmo propósito: torcer pelo seu time seria um “comportamento de massa”, um propósito que, a grosso modo, era igual para todos as pessoas presentes. Entretanto, essas práticas e condutas revelam muito mais que a identificação com o time, mas um estilo de vida constituído por relações no cotidiano daqueles que pertencem à torcida. Assim, essas relações vão além da homogeneidade do “comportamento de massa”, através do qual se singulariza as manifestações torcedoras expressas além das quatro linhas do gramado. Em cada espaço do estádio, daquele “simulacro de cores”, existem as diferentes maneiras de torcer.

No próprio espaço do Estádio Presidente Vargas, existiam locais destinados para a ocupação de determinadas pessoas. Em uma matéria sobre a Tribuna Oficial do Estádio Presidente Vargas, noticiou:

Tendo em vista a insistência de certos desportistas e a fim de evitar confusões por ocasião dos jogos no Estádio Presidente Vargas, o Conselho Municipal de Assistência aos Desportos (CMAD) e a Federação Cearense de Desportos distribuíram a seguinte “Nota de Esclarecimento” a respeito das cadeiras reservadas na nossa principal praça de esportes. (**O Povo**, 13 fev.1965, p.12)

Compreende-se que um local do estádio – Tribuna Oficial - era reservado para certas pessoas, que, pela posição social em que se encontravam ou até pelas condições impostas a elas para estar naquele espaço, poderiam se manifestar diferentemente dos outros torcedores que se encontravam em um espaço popular ou que o preço pago por ele fosse mais barato. A Tribuna Oficial, portanto, acumulava 30 cadeiras destinadas às pessoas que ocupavam os cargos públicos mais importantes do estado e da cidade de Fortaleza, como também aqueles militares de alta patente, religiosos e componentes da federação do futebol local, como pode-se perceber na imagem:

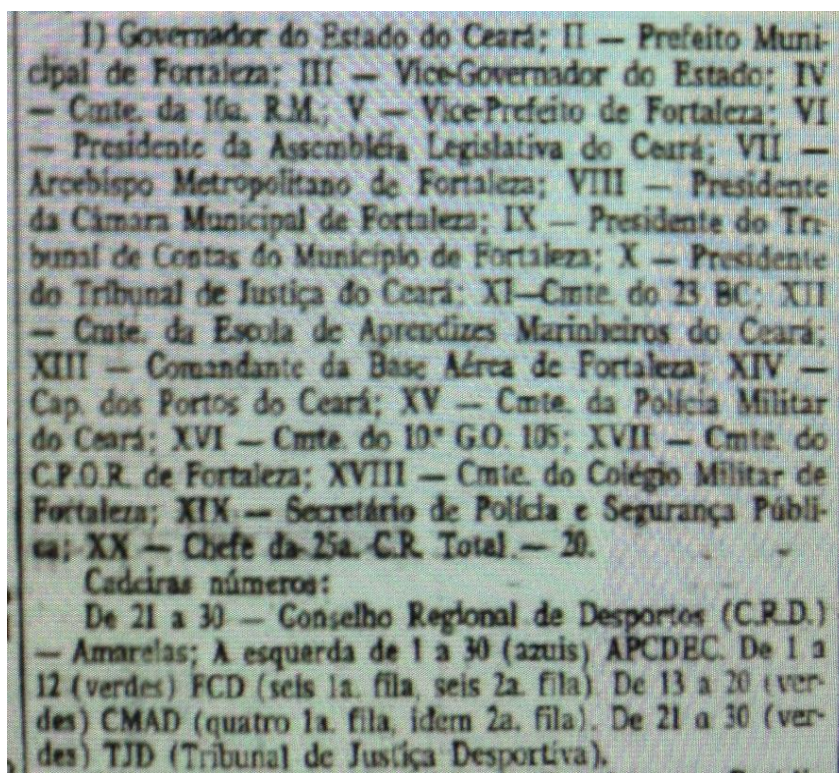


Figura 4 – Cadeiras reservadas do Presidente Vargas

Fonte Jornal O Povo, 13 fev.1965, p. 12

A presença ou ausência dessas pessoas impossibilitava o uso do espaço para outros torcedores, isto é, além da ideia de posse, o local reservado não poderia ser utilizado por qualquer outro torcedor que não estivesse nesse seleto grupo de personalidades da cidade, como menciona a “Nota de Esclarecimento”: “Obs.: As cadeiras integrantes da Tribuna Oficial não poderão ser ocupados, por outras pessoas que não sejam as mencionadas [...] da discriminação supra” (**O Povo**, 13 fev.1965, p.12).

Havia uma demarcação de lugares que pode ser entendido como exclusão, como afirmação ou até marca de um contraste social da época, refletindo na ocupação dos lugares o cotidiano da vida urbana.

Uma única torcida, por exemplo, possuía seus diferentes tipos de torcedor, configurando uma paixão porosa pelo clube de futebol, aqui usando uma metáfora com os “tipos de dominação” instituídos por Max Weber (1978, p.269), em “Economia e Sociedade”. A complexidade da torcida, nesse sentido, se situava nas possibilidades do torcer estar ligado ao torcedor “de casa”, ao torcedor que crer, ao “fanático”, ao torcedor das “vitórias” ou ao torcedor que “se organiza”.

Desde os primeiros anos da história do Ceará e do Fortaleza, os clubes agregaram simpatizantes, torcedores, sócios e aqueles que pouco se relacionavam com o futebol. Na

década de 1960, os sócios ainda estavam presentes e se inserindo em uma forma de torcer. Em uma reportagem que anunciava um sorteio para os sócios do Fortaleza Esporte Clube, por exemplo, percebe-se a natureza dessa associação:

O Fortaleza Esporte Clube fará realizar, domingo próximo, dia 13, em sua sede social na rua Belo Horizonte, número 2.835 no Pici, mais um sorteio mensal de incentivo aos sócios proprietários da série “C” quites com a tesouraria, mediante o pagamento da mensalidade de maio. O prêmio será no valor de dois milhões de cruzeiros. [...] O sócio em atraso, mesmo que contemplado, não terá direito ao prêmio. (**O Povo**, 11 jun.1965, p.16)

Depreende-se que a associação do torcedor ao clube se realizava mediante o pagamento de uma mensalidade, cuja taxa permitia ao torcedor-sócio participar desses sorteios mensalmente e de outras regalias oferecida pelas diretorias dos clubes (como o acesso às dependências da sede social do clube), dependendo do tipo de associação, pois notava-se não apenas a existência do “sócio proprietário da série C”, mas também do sócio tipo A e B, que proporcionava mais ou menos privilégios aos associados. Entretanto, nem todos os torcedores tinham condições de manter esse vínculo com o clube, expressando sua ligação com ele de diversas outras formas.

Outra forma comum de torcida nos anos 1960 era as charangas¹⁷. Na segunda metade do século XX, as charangas eram as atrações dentro dos estádios, despertando a atenção do público nas arquibancadas. Com um conjunto de instrumentos de sopro e de percussão e músicas tradicionais, as charangas animavam o público presente nos estádios. Na cidade de Fortaleza, uma das mais conhecidas charangas era a do Gumercindo Gondim, conforme podemos perceber em uma recordação do jornal *Diário do Nordeste*:

Ninguém animou tanto a torcida do Fortaleza quanto Gumercindo Gondim. Aí [foto] ele aparece a frente de sua famosa charanga, antes de mais uma movimentação no Castelão [Estádio Plácido Aderaldo Castelo]. Com essa charanga, Gumercindo ganhou também vários troféus participando dos carnavais de rua de Fortaleza. Depois da morte de Gumercindo, nunca mais houve outra charanga tão completa. (**Diário do Nordeste**, 26 abr.1991, p.16)

¹⁷ As charangas eram um conjunto de pessoas e de instrumentos de sopro e percussão que estavam presentes em vários espaços de lazer, como o futebol e o carnaval. A partir dos anos 1960, as charangas passaram a estar presentes nos estádios em Fortaleza, com suas músicas entoadas pelas vozes e instrumentos de sopro, como o trompete.



Figura 5: Charanga do Gumerindo Gondim.

Fonte: Jornal Diário do Nordeste

Osvaldo Fontenele, em entrevista, lembrou como era o público no estádio nas décadas de 1960 e 1970, nas suas primeiras idas aos jogos de futebol, revelando a importância da Charanga do Gumerindo:

Tinha, assim, a charanga do Gumerindo, a famosa charanga do Gumerindo, que foi um dos caras que alavancou mais a torcida do Fortaleza. A charanga dele era famosíssima, ele partia na frente da charanga com um charutão na boca, um chapéu, os caras iam tocando o hino do Fortaleza e geralmente marchinhas, de carnaval da época, marchinhas tradicionais, e sempre nas marchinhas a gente fazia como se fosse assim um hino do Fortaleza no meio. E sempre era assim, a gente vinha pro estádio acompanhando a charanga, contornava ali aquela arquibancada e era aplaudido pela torcida. Então, onde se juntava mais gente não era torcida organizada, onde se aglomerava mais torcedores era na Charanga do Gumerindo. (FONTENELE, Fortaleza, 29 jul.2013)

Nota-se que, no caso da torcida do Fortaleza, a charanga era o espaço que mais juntava pessoas e, ao desfilar perante o público, os torcedores presentes no estádio aplaudiam e festejavam junto à charanga.

Ainda sobre esse período, com relação a torcida do Ceará Sporting Club, “Pedão da bananada” era o ilustre torcedor do Ceará Sporting Club, proprietário de uma lanchonete no Abrigo Central, em entrevista, recordou as atrações nos jogos do seu clube:

Antigamente não tinha essa estória de botar nome em torcida, porém a coisa era bem mais organizada, bem mais festiva. A gente pegava e armava um show mesmo, que era apresentado antes dos jogos e acompanhava o time para onde ele fosse. Tínhamos um grupo de batuqueiros e um grupo que fazia um desfile dentro do campo, antes da entrada do time. Todo mundo aplaudia e era um espetáculo à parte. Isso levava dinheiro pra fazer essas coisas, nunca recebi dinheiro do Ceará, muito pelo contrário. Eu era responsável pelas mocinhas e

pelos rapazes da batucada; e levava e trazia todo mundo em ônibus alugado por mim mesmo e depois ainda dava o lanche da turma toda: bananada, é claro, no Abrigo Central. (**Diário do Nordeste**, 22 mar.1982, p.4)

No momento de sua entrevista ao Jornal Diário do Nordeste, começava-se a eclodir as torcidas organizadas e, em tempos de formação dessas primeiras torcidas organizadas em Fortaleza, “Pedão da Bananada” recordou saudosamente uma outra época, cuja atração das arquibancadas remetia a um desfile que era “um espetáculo à parte” e aplaudido pelo público.

Os torcedores, representados pelos seus brasões, símbolos, marcas, bandeiras e camisas, apresentavam-se sob a forma de “fenômeno urbano” dotado de um ambiente lúdico e de entretenimento com as charangas, que perpetravam no cotidiano das cidades não apenas através do futebol, mas em outros espaços de lazer, como o carnaval. Nas palavras do antropólogo Luiz Henrique de Toledo:

Inscreve-se na cidade, através do futebol e de suas torcidas, um rol de emoções, preferências clubísticas, adesão a grupos, que traduzem, no nível social, determinadas regras e padrões de comportamentos que transcendem os limites das partidas e jogos em si. (TOLEDO, 2000, p.130)

A cidade, portanto, influenciava e era influenciada pela presença das torcidas. Imersa naquele cotidiano dos anos 1960, as torcidas não estavam deslocadas das questões debatidas na sociedade. Nesse sentido, em 1965, o Jornal O Povo lançou uma campanha intitulada “Vamos moralizar os estádios”, organizada por “entidades de prestígio e respeito nos meios sociais, esportivos, militares e comerciais da cidade”, que

visa, única e exclusivamente, a educar o nosso público esportivo para que este público, alicerce e mostra do desenvolvimento do nosso futebol, saiba respeitar os atletas, juizes e demais autoridades que vão a uma partida de futebol no exercício sagrado de sua obrigação profissional (**O Povo**, 13 fev.1965, p.12)



Figura 6 – Campanha Vamos Moralizar o Estádio

Fonte Jornal O Povo 13 fev.1965, p.12

O que era uma campanha contra os palavrões e os objetos lançados contra os profissionais do espetáculo, a fim de proporcionar ao torcedor “um ambiente de respeito, de dignidade e de decência para que ele, amanhã ou depois, possa levar a sua família na certeza de que o ambiente lá permite a presença da sua namorada, de sua esposa e de seus filhos” (**O Povo**, idem), na verdade polarizou-se em uma campanha moral contra qualquer atitude do torcedor que incomodasse a autoridade.

O periódico também publicou notas criticando ações da campanha “Vamos Moralizar o Estádio”, intitulada de “Há excessos nas medidas moralizadoras no estádio”, que afirmava:

Somos a favor de toda medida moralizadora dos costumes no Estádio Presidente Vargas. No entanto, mesmo procurando acertar, as vezes o administrador erra, pondo em pratica medidas inadequadas e muitas vezes antipáticas. A primeira das que achamos errada, posta em pratica recentemente, foi o da proibição de se vender cerveja no Estádio Presidente Vargas. Não defendemos o alcoolismo nem a necessidade de se beber num espetáculo de futebol. Porem achamos um absurdo a proibição de se vender cerveja nos bares do Estádio. (**O Povo**, 20 fev.1965, p.12)

A proibição de se vender cerveja no estádio visava a manutenção da ordem naquele espaço, porém o consumo da bebida alcoólica pelos torcedores era um costume arraigado não só em Fortaleza, mas no cenário nacional:

Finalmente, a plateia cearense não é composta de viciados ou de gente que vá para o Estadio apenas se embriagar para depois abrir alteração. Se existe alguém com esta intenção é um dentro de dez mil. A ordem mais natural do mundo, comum em todos os estádios do Brasil é o cidadão, no intervalo de um jogo, procurar “molhar a garganta”, para suportar, muitas vezes as

emoções do jogo. Se aparece o bêbado, o alterado, para isso é que existe policiamento no estádio. (**O Povo**, idem)

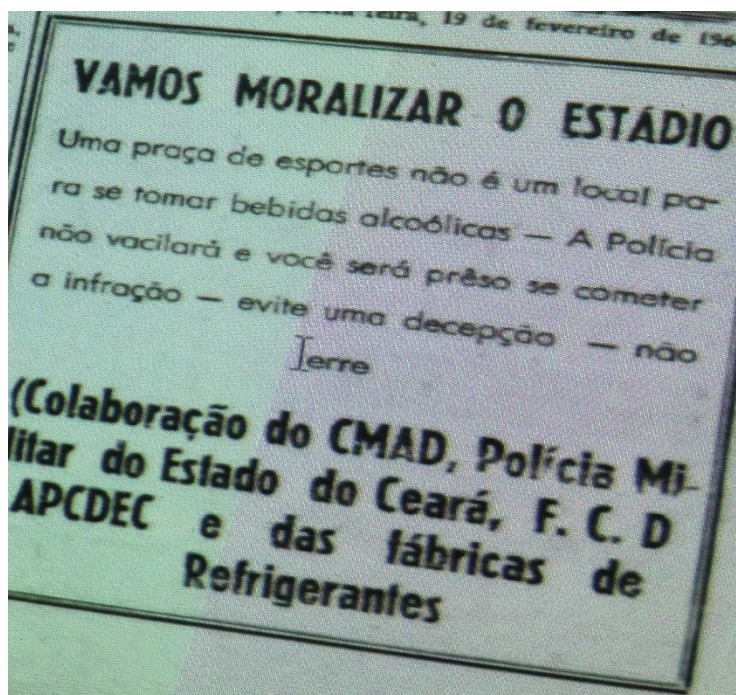


Figura 7 – Vamos moralizar o estádio
Fonte Jornal O Povo, 19 fev.1965, p.12

A prática do consumo de bebidas alcoólicas no estádio era, naquela época, a “ordem mais natural do mundo” e a medida moralizadora – apoiada pela Polícia Militar do Estado do Ceará, contudo, passou a considerar “infração” quem continuar com tal costume. O periódico apoiava, portanto, qualquer medida moralizadora, mas que não tirasse a “liberdade do cidadão”:

Tudo isso, porém, pode ser evitado, com a adoção de medidas enérgicas, porém menos antipáticas e mais justas. Finalmente, não estamos numa ditadura de “Lei Sêca”, onde o público deva ser encurralado para não beber. Que a polícia aja contra qualquer excesso, mas que não se tire a liberdade do cidadão. (**O Povo**, idem)

Apesar daquela época estar sujeita à Ditadura Militar, havia uma pressão para que a liberdade do cidadão fosse preservada dentro dos estádios, pois nesse espaço em que ocorre o jogo, não deveria haver a ditadura de “Lei Sêca”.

A campanha “Vamos moralizar o estádio”, assim, revelava uma tentativa de disciplinar o público no futebol, procurando coibir a violência daquela época, embora a violência tivesse seus sintomas particulares, como os “palavrões” ou “gestos impróprios” dentro do estádio de futebol.

Dessa forma, discussões que existiam na cidade se refletiram no futebol e na torcida, principalmente aquelas que envolvessem moral, ordem, costumes e liberdade devido à conjuntura histórica de cerceamento das liberdades individuais.

Nessa perspectiva, a relação entre *torcida e cidade* possibilitou um diálogo entre o que acontecia no cotidiano urbano e o que era praticado nas arquibancadas, sendo estas um espaço privilegiado de expressão das transformações sociais, como no caso da Campanha “*Vamos moralizar o estádio*”, que procurou modificar e controlar alguns dos comportamentos das torcidas, entre eles a proibição da venda de bebidas alcoólicas dentro dos estádios. Assim, o comportamento torcedor não estava distante do que ocorria na cidade, pois torcida e cidade se influenciavam mutuamente, tornando as arquibancadas uma janela para a compreensão da realidade.

A relação entre a cidade e o torcedor, portanto, não se limita ao estádio imerso no espaço urbano. Os fluxos das torcidas em dias de jogos (re)criam territórios cíclicos e móveis, que funcionam como uma espécie de amparo para o torcedor, ou seja, uma identificação para aquele indivíduo que vai para o estádio torcer pelo seu clube de futebol.

O torcedor reconhece esses locais, frequenta, interage com o espaço físico e significa aquele seu ato. Logo, não apenas os estádios, mas as sedes, as festas possuem uma representação que vai além da geográfica, tem uma simbologia própria para a torcida.

Esse processo de atuação do indivíduo-torcedor na cidade revela uma construção das territorialidades na metrópole através do futebol, ou seja, a movimentação das torcidas constitui relações de poder em dado espaço geográfico, solidificando um aspecto que se torna mais cultural do que físico.

Em suma, identificado o torcedor e o situado no espaço urbano de Fortaleza, torcedor este pertencente as duas torcidas mais populares historicamente, a do Ceará e a do Fortaleza, cabe, agora, compreender a construção das relações dessas torcidas, suas manifestações e a elaboração da festa dentro e fora dos estádios, a começar pelas charangas.

CAPÍTULO 2

Nas arquibancadas: uma verdadeira mistura de esporte e folia e a formação das torcidas organizadas

No segundo capítulo desse trabalho analisamos as torcidas de futebol no estádio e suas atuações nas arquibancadas, começando pelas charangas até a formação das primeiras torcidas organizadas tradicionais, seus fundadores, organização e estrutura.

Inicialmente, temos como foco o modelo de torcida das charangas, discutindo o que foram e representaram, sua origem, características e como funcionavam na cidade, tendo em vista que a charanga estava presente não só no futebol, mas em vários espaços de lazer do espaço urbano, entre eles os carnavais de rua.

Ainda neste primeiro tópico do capítulo, “As charangas no futebol: festividade, música, animação e apoio”, investigamos as figuras do “Antonio Gumerindo” e do “Pedão da Bananada”, chefes das torcidas do Fortaleza Esporte Clube e Ceará Sporting Club, compreendendo a atuação desses líderes e a influência que exerciam nas torcidas.

Nessa perspectiva, durante esse momento do trabalho, as charangas são esmiuçadas através das reportagens, entrevistas, músicas e imagens investigadas, que possibilitaram mergulhar no cotidiano das festas realizadas, desde a organização até as músicas entoadas nos estádios.

O segundo tópico desse capítulo, “A (re)invenção de uma tradição: novas vozes vêm da arquibancada”, trata sobre a formação das torcidas organizadas tradicionais, embora as charangas ainda continuem existindo dentro das novas torcidas. Assim, refletimos sobre os motivos que fizeram criar essa tradicional forma de torcer e os novos significados que foram revelados a partir desse momento.

No último tópico, “Construindo as torcidas organizadas: estrutura, composição e atuação”, analisaremos a constituição desse novo modelo de torcida organizada, observando o perfil dos componentes, quem foram os fundadores e as estratégias que utilizaram para conseguir se fixar no espaço urbano.

Assim, refletimos sobre o comportamento, as diretorias, as reuniões, as sedes e os eventos organizados pelos agrupamentos de torcedores, cujas características foram captadas e interpretadas através dos jornais e das entrevistas realizadas.

Discutimos, portanto, o significado e a proliferação de várias torcidas organizadas no espaço urbano a partir de 1980, dentre elas a Garra Tricolor, Força Alvinegra, Fiel Tricolor, Águias Alvinegras, Coração de Leão e Preto e Branco. Nesse sentido, buscamos investigar a consolidação dessas torcidas e a forma como se organizavam para continuar suas atividades, visto que o principal problema para a existência de torcidas pequenas era a disponibilidade de recursos econômicos.

2.1 As charangas no futebol: festividade, música, animação e apoio

O que mais me cativou foi exatamente a Charanga do Gumerindo. Você chegar no estádio, chegar com a camisa do estilo da que eu estou hoje aqui [aponta para a camisa tradicional com listras horizontais em vermelho, azul e branco], que esse é o verdadeiro manto sagrado tricolor, e você vê a Charanga andando, tocava aquelas charangas, aqueles frevos... O que me mais chamou a atenção foi os instrumentos metálicos da Charanga do Gumerindo e o que me mais mexeu mesmo foi ver a Charanga e depois ver as bandeiras, porque naquela época cada torcedor levava sua bandeira e existia até os concursos pra ver quem levava mais bandeira ao estádio.¹⁸

No caso do Ceará, existia um cara chamado Pedão da Bananada, ele era um líder, quando o Ceará estava disputando o campeonato, ele tinha uma encenação na hora que o Ceará tava na frente do placar, no final do jogo, ele começava com o lenço branco [faz o gesto balançando o lenço com a mão]. Aí as pessoas: “não, mas não eram torcidas organizadas”, mas tinha um líder, ele era um líder, ele conduzia na verdade toda movimentação da torcida, que não existia o que existe hoje. E, do lado do Fortaleza, existia um camarada que era chamado de Gumerindo, o senhor que era até comerciante e tinha um depósito de material de construção. Ele tinha uma charanga, que ele imitou um camarada que existia no Rio de Janeiro, o Jaime de Carvalho, que também é considerada a primeira torcida do Brasil, é a torcida do Flamengo, esse cara tinha a charanga. O Gumerindo tinha uma charanga que animava os jogos do Fortaleza, num era uma torcida organizada, mas aquele grupo que tocava formava uma torcida que os presentes acompanhavam.¹⁹

Esses depoimentos de um torcedor do Fortaleza e de outro torcedor do Ceará, respectivamente, ilustram a percepção que eles tinham das torcidas nos anos 1960, uma realidade composta principalmente pela atuação de dois “chefes de torcidas”: Antonio Gumerindo e Pedro Alves, o “Pedão da Bananada”.

Nota-se, nos dois depoimentos, o caráter “festivo” das torcidas naquele período, seja através da Charanga do Gumerindo ou da “encenação” com o balançar dos lenços na torcida alvinegra. A festividade com os instrumentos e com as músicas protagonizadas pela charanga e pela liderança dos “chefes” chamava a atenção dos torcedores e inovou o comportamento do público.

Emanuel Magalhães lembra esse caráter festivo ao recordar que Gumerindo “era um senhor que organizava a charanga de aproximadamente 25 componentes, aquela

¹⁸ Entrevista com Orlando Patricio, em 30 jul.2013, realizada no Bairro Benfica, ao lado do Estádio Presidente Vargas.

¹⁹ Entrevista realizada com Cristiano Santos em 28 de abr.2014, realizada no Bairro Benfica, próxima ao Estádio Presidente Vargas

“macacada” bebendo, ainda hoje eu guardo essa imagem, ele lá sentado na arquibancada, ficava bêbado e ia lá, se deitava, o pessoal tudo batendo, aquela confusão...” (MAGALHÃES, Fortaleza, 26 abr.2014).



Figura 8 – Charanga no futebol e no carnaval
Fonte Jornal O Povo

No segundo depoimento, destaca-se também a influência de Jaime de Carvalho, torcedor do Flamengo do Rio de Janeiro, na formação da Charanga do Gumerindo. Segundo Hollanda, Jaime criou a torcida que era “integrada por um grupo de percussionistas que, de posse de outros instrumentos sonoros, sobretudo o trompete, impulsionaria com suas músicas das arquibancadas o time em campo” (HOLLANDA, 2012, p.103). Por sua vez, a charanga de Jaime de Carvalho, “composta de uma pequena orquestra, faixa, bandeira e camisa” (Idem, p.103), serviu como referência para as charangas na cidade de Fortaleza devido à visita que fez nesta cidade em virtude do jogo entre Ceará e Flamengo pela Taça Brasil em 1964, anunciada com bastante expectativa pelos periódicos:



Figura 9 – Vem aí a charanga do Jaime
Fonte Jornal O Povo 07 nov.1964

A reportagem apresentou Jaime de Carvalho aos cearenses vestido com o uniforme da sua charanga e com a faixa em alusão ao título do Flamengo. Além disso, falava sobre a vida e história da charanga, bem como sobre a recepção que aquele torcedor teria na cidade de Fortaleza, como podemos perceber em trechos da sua entrevista:

Fui eu quem começou em 1942 a “Charanga” no Rio e no Brasil e na época era chamado de ‘bobo’ e ‘palhaco’, enquanto que hoje, o Flamengo e a Seleção Brasileira exigem a minha presença e a da minha gente.

Estarei domingo em Fortaleza e irei só, mas levarei minhas bandeiras, sinos e instrumentos para fazer barulho a fim de incentivar o nosso quadro. Desejo aplaudir uma grande vitória da Gávea na capital cearense, mas também saberei aplaudir o time do Ceará se este for o vencedor.

O Flamengo é minha vida. O Flamengo é minha família é claro. Sei que seremos recebidos na belíssima terra de Iracema, com euforia própria desta formidável gente cearense. Que também contarei com grande número de adeptos rubro negros para incentivar o time neste primeiro passo para a conquista da Taça Brasil.

A Charanga do Flamengo em Fortaleza não ficará a dever nada da do Maracanã. Cantaremos, dançaremos, gritaremos mil vezes “uma vez flamengo, sempre Flamengo”.

Nunca tive ajuda de ninguém para fazer o que faço. Digo, ajuda de clube. Nunca pedi ao rubro-negro coisa alguma, pois acho que o torcedor deve dar, pois já recebe em troca alegrias extraordinárias. Minto, tenho tido uma ajuda notável de São Judas Tadeu, padroeiro da Gávea e da minha casa. [...] Meu salário de funcionário público é dividido religiosamente entre minha família e o Flamengo. Alguns torcedores ajudam também. Fazem bandeiras e bandeirolas. Outros aparecem com seus instrumentos e no final conseguimos fazer um conjunto que incentiva nosso quadro. (O Povo, 07 nov.1964, p.20)

Dessa entrevista, depreende-se alguns aspectos que apresentam e descrevem a estrutura e organização da Charanga do Jaime de Carvalho, os quais serviram de exemplo para as torcidas da cidade de Fortaleza. Trata-se principalmente dos símbolos que caracterizavam essas torcidas: uniforme, instrumentos, faixa e músicas de apoio ao clube – o hino.

Para além da caracterização das charangas, na maioria das vezes, as charangas eram financiadas pelo seu “chefe” ou com a ajuda dos componentes, tendo sua independência financeira com o clube porque o torcedor “já recebe em troca alegrias extraordinárias”. O apoio irrestrito ao time de futebol através de “um conjunto que incentiva nosso quadro”, portanto, fazia parte da vida desses sujeitos, tal como suas famílias e, assim, algo que há algumas décadas era visto como “bobagem” ou “palhaçada”, nos anos 1960 era requerido pelos clubes e pela Seleção Brasileira.

O caráter econômico das charangas possibilita levantar algumas questões sobre essas torcidas: em que medida a independência financeira representava a auto-organização da torcida ou a dependência à diretoria dos clubes? Prezava-se pela construção coletiva das charangas ou elevação do status do “chefe” de torcidas como aquele sujeito que financia todos os gastos? Tais reflexões emergem quando se investiga não apenas as charangas enquanto uma manifestação dos torcedores nos estádios, mas a própria natureza desse comportamento e sociabilidade torcedora. E, assim, caminha-se para um entendimento de que as charangas representavam a liderança de um torcedor que bancava economicamente a torcida e, concomitantemente, agregava valores ao seu status social de torcedor e figura pública na sociedade.

Portanto, o lado financeiro dessas torcidas e o sentimento de apoio ao clube confundiam-se, pois qualquer que fosse o gasto com as charangas teria justificativa pelo amor ao clube. Assim, aquela manifestação funcionava também como um retorno da torcida para o clube em virtude das alegrias que este e os seus jogadores davam a torcida. As charangas, com instrumentos, gritos e comportamentos, constituíam-se em mais do que um modelo de torcida, mas a própria incorporação do amor pelo clube na gênese da sua natureza e do seu objetivo: o incentivo e a alegria das arquibancadas.

Em contrapartida, em resposta a vinda de Jaime de Carvalho a Fortaleza, a torcida do Ceará ansiava pela chegada do ícone da torcida do Flamengo, cuja espera possuía um misto de respeito, rivalidade e competição:

Ceará Sporting e Clube de Regatas do Flamengo, não serão apenas adversários dentro do gramado. Nas arquibancadas, com suas torcidas organizadas,

estarão os dois semifinalistas da VI Taça Brasil, alvi-negros e rubro-negros também travarão duelo. Vem aí Jaime de Carvalho com uma bagagem ensurdecadora de instrumentos musicais para enfrentar nosso popular “Pedão da Bananada” que logo tomou conhecimento da vinda de Jaime de Carvalho, arregimentou as suas “tropas” e promete suplantá-lo em vibração. (*O Povo*, 07 nov.1964, p.20)

“PEDÃO” ENFRENTARÁ JAIME COM CHARANGA, FLÁ E TUDO

Ceará Sporting e Clube de Regatas do Flamengo, não serão apenas adversários dentro do gramado. Nas arquibancadas, com suas torcidas organizadas, estarão os dois semifinalistas da VI Taça Brasil, alvi-negros e rubro-negros também travarão duelo. Vem aí Jaime de Carvalho com uma bagagem ensurdecadora de instrumentos musicais para enfrentar o nosso popular “Pedão da Bananada” que logo tomou conhecimento da vinda de Jaime de Carvalho, arregimentou as suas “tropas” e promete suplantá-lo em vibração.

— “Estarei logo mais no aeroporto recebendo o meu “adversário”. Será uma satisfação tê-lo entre nós, porque a sua vinda servirá para a imensa torcida alvi-negra acordar e sentir que das arquibancadas também colaboramos para a vitória do nosso quadro. Vamos mostrar ao Jaime, com quantos instrumentos se faz uma “charanga” e eu quero ver a “charanga do Jaime tocar” —

— e abrindo os braços numa expressão, tão sua — CEARÁ, TUA GLÓRIA É LUTAR!

CEARÁ DESDE 1935

“Com oito anos de idade comecei a torcer Ceará. Pulei muito o muro do Prado Velho, para ver o “mais querido” jogar. Passei uma temporada de 10 anos em Belém, mas não esquecia o Ceará (1942 a 51) e quando regresso a Fortaleza, assumi a chefia da torcida do meu clube. Guardo como maior alegria, a vitória do Ceará sobre o Flamengo, do Rio, por 2x1 e agora, quero suplantá-lo com esta grande vitória, amanhã, diante do Flamengo”.

VOU AO MARACANÁ

“Já estou de malas prontas para ir a Guanabara com o Ceará. No Maracanã, com camisa alvi-negra de mangas compridas e ao lado dos cronistas radicados no Rio, farei o nosso “carnaval”, fazendo chegar aos nossos atletas, o calor do nosso incentivo”.

LOCAL DA “CHARANGA”

“Aproveito a oportunidade para, das páginas de O POVO, convocar as batucadas alvi-negras para se concentrarem a partir das 13 horas por trás do gol da quadra amadorista do Estádio Presidente Vargas. Vamos formar uma verdadeira escola de samba, cantando hinos do Ceará Sporting. Precisamos derrotar o Flamengo e o Jaime de Carvalho”.

DESPORTIVIDADE

Concluindo as suas declarações, Pedro Alves da Silva, o popular “Pedão”, acrescentou que “não vai aqui nenhuma hostilidade ao Jaime de Carvalho, muito pelo contrário, no final da partida, seja qual for o resultado, espero abraçá-lo e irmanados comemoraremos a vitória de uma das equipes”.

“Pedão” vai enfrentar amanhã o dono da maior torcida do Brasil, Jaime de Carvalho, o homem da charanga que sacode o Maracanã a cada “gol” do Mengo. Eleito com a faixa de campeão de 61, mas em foto tirada ontem em O POVO.



Figura 10 – “Pedão da Bananada”

Fonte Jornal O Povo

O título da reportagem “Pedão enfrentará Jaime com charanga, flá e tudo” mostra a ideia de competição entre as torcidas no que toca à festividade dentro dos estádios. Porém, essa competição possuía uma cordialidade e respeito entre os líderes, como podemos perceber pelos trechos da entrevista com “Pedão”:

Estarei logo mais no aeroporto recebendo meu “adversário”. Será uma satisfação tê-lo entre nós, porque a sua vinda servirá para a imensa torcida alvi-negra acordar e sentir que das arquibancadas, também colaboramos para a vitória do nosso quadro. Vamos mostrar ao Jaime. Com quantos instrumentos se faz uma “charanga” e eu quero ver a “charanga do Jaime tocar.

Com oitos anos de idade comecei a torcer Ceará [desde 1935]. Pulei muito o muro do Prado Velho para ver o “mais querido” jogar. Passei uma temporada de 10 anos em Belém, mas não esquecia o Ceará (1942 a 51) e quando regresso a Fortaleza, assumi a chefia da torcida do meu clube.

Aproveito a oportunidade para, das páginas de O POVO, convocar as batucadas alvi-negras para se concentrarem a partir das 13 horas por trás do gol da quadra amadorista do Estádio Presidente Vargas. Vamos formar uma verdadeira escola de samba, cantando hinos do Ceará Sporting. Precisamos derrotar o Flamengo e o Jaime de Carvalho.

Não vai aqui nenhuma hostilidade ao Jaime de Carvalho, muito pelo contrário, no final da partida, seja qual for o resultado, espero abraçá-lo e irmanados comemoraremos a vitória de uma das equipes. (*O Povo*, idem)

Naquela época, os clubes eram adversários no jogo de futebol, mas as torcidas diferenciavam essa rivalidade, embora existisse a disputa para fazer a maior festa, levar o maior número de instrumentos, etc. Contudo, o próprio chefe da torcida do Ceará, “Pedão”, foi receber o líder da torcida do Flamengo no aeroporto. Além disso, independente do vencedor, os dois comemorariam o resultado juntos.

Cabe refletir também sobre a imagem transmitida pelos “chefes de torcidas”, sempre com uma camisa tradicional dos seus clubes e uma faixa, elementos padrão na exterioridade para quem os observava e que demonstrava a preocupação com seu traje e a sua identidade.

“Pedão da Bananada”, ex-comerciante e proprietário de lanchonete, por exemplo, “ganhou o apelido de Pedão da Bananada pelo tamanho pouco comum aos cearenses – 1,82cm, e pela super famosa bananada. Ele confessou que a popularidade o ajudou muito a fazer o que fez pelo Ceará, para quem criou a primeira torcida organizada do Nordeste” (**Diário do Nordeste**, 22 mar.1982, p.4).

Em Fortaleza, nessa perspectiva, as duas torcidas que protagonizavam a festividade tinham origem nas atividades de Antonio Gumerindo e “Pedão da Bananada”. Na reportagem do jornal O Povo, intitulada “Charanga custou caro mas valeu pelo título”, ilustrou-se o cenário das atuações de um desses “chefes de torcida”:

Gumerindo, antes mesmo de ser torcedor do Fortaleza, é um fanático das cores vermelho, azul e branco. Quem acompanhou os jogos do tricolor de aço no “super”, foi testemunha da vibração de uma “charanga” uniformizada postada nas arquibancadas, à direita das cabines das emissoras, que não parava os seus acordes acompanhando cada jogada dos atletas do clube do Pici. Ali estava o Gumerindo, comandando a torcida do Fortaleza, como êle disse para o repórter, “para evitar e combater à altura a torcida do Pedão em favor do Ceará, e mostrar que os craques tricolores não estavam só naquela arranca para a conquista do título máximo (**O Povo**, 19 fev.1965, p.12)

A rivalidade baseava-se em uma competição entre as duas torcidas para quem realizava os maiores espetáculos na arquibancada e, para isso, a charanga tinha seu uniforme padrão, instrumentos e as músicas, que eram cantadas pelos torcedores como forma de apoio e para mostrar aos jogadores que “não estavam só”.

Logo, em meados dos anos 1960, o torcer “não é considerado apenas o ato de acompanhar uma equipe e apoiá-la contra o adversário. Um torcedor tem a certeza de que sua ação interfere diretamente no resultado de um jogo. Torcer é lutar ao lado do time” (HOLLANDA, 2012, p.79).

Pedro Alves da Silva também mantinha financeiramente a animação da torcida do Ceará Sporting. Segundo “Pedão da Bananada”, ele organizou um grupo de batuqueiros que fazia um desfile antes do início e após o fim dos jogos, porém

Isso levava dinheiro pra fazer essas coisas, nunca recebi dinheiro do Ceará, muito pelo contrário. Eu era responsável pelas mocinhas e pelos rapazes da batucada; e levava e trazia todo mundo em ônibus alugado por mim mesmo e depois ainda dava o lanche da turma toda: bananada, é claro, no Abrigo Central. (**Diário do Nordeste**, 22 mar.1982, p.4)

Na torcida do Fortaleza Esporte Clube, sobre os custos que a charanga dispendia a Antônio Gumerindo, compreende-se que ele também “bancava” financeiramente os instrumentos contratando uma orquestra. Contudo, se o seu clube tivesse alcançado as vitórias, os gastos eram esquecidos, como podemos perceber:

E não saiu decepcionado o “Gumerindo” pelo que fez de incentivo em favor do clube de seu coração. O título conquistado foi a recompensa dos gastos que realizou, contratando a orquestra do Zé Pequeno, de Parangaba [bairro de Fortaleza], composta de 32 figuras, patrocinado ainda o ingresso da batucada no Estádio Presidente Vargas. (**O Povo**, 19 fev.1965, p.12)

Nota-se, assim, que uma orquestra, composta por trinta e duas pessoas, era contratada pelo “chefe de torcida”, que financiava o ingresso dos componentes da charanga para o jogo, cabendo a ele todo o gasto financeiro:

Uma verdadeira fortuna gastou Gumerindo com sua charanga: “Com a orquestra, sua deslocação, faixas, confecção de 12 surdos, as comemorações que realizei em minha residência, tudo isso, somou mais de um milhão e meio de cruzeiros. Mas valeu a pena gastar esse dinheiro todo. O que importa é que fomos campeões. (**O Povo**, 19 fev.1965, p.12)

O incentivo advindo da arquibancada, naquele período, passou a ser um aspecto intrínseco ao desempenho do time. As vozes, os sons e a energia das arquibancadas eram a diferença para a performance do time, tornando a atuação dos jogadores diretamente ligada ao apoio dos torcedores. Na expectativa para a Copa do Mundo de 1974, os jornais anunciavam a importância da torcida:

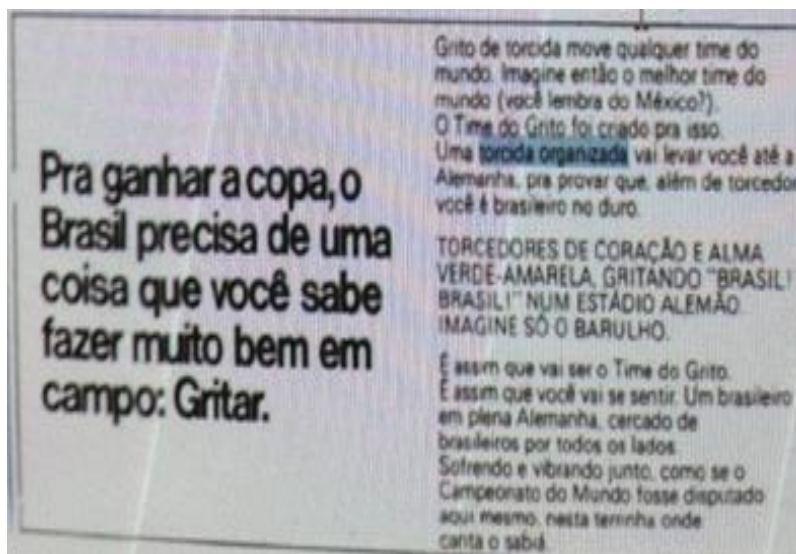


Figura 11 – O grito e a vitória
Fonte Jornal O Povo 20 fev.1973, p.13

A vitória da seleção em campo precisava do grito, da vibração e do sofrimento do torcedor, aspecto este que Jaime de Carvalho incorporava na sua charanga e que perpassou para aquelas que tiveram como inspiração a charanga rubro-negra do Rio de Janeiro, como foi o caso da Charanga do Gumerindo e do “Pedão da Bananada”.

Dessa forma, as arquibancadas dos estádios funcionavam como um “observatório a céu aberto” capaz de evidenciar transformações da própria sociedade brasileira, na qual as formas coletivas de torcer se adaptaram a determinada realidade social (HOLLANDA, 2012). O que antes era denunciado como “bobo” e “palhaçada”, nos anos 1960 era consentido por grande parte da sociedade, crescendo o número de torcedores e as demonstrações de apoio ao clube:



Figura 12 – Náutico x Fortaleza em Recife
Fonte Jornal O Povo 28 set.1965, p.16

Na reportagem “Torcida tricolor desfraldará bandeira do Fortaleza no Estádio dos Aflitos”, destacou-se a ida da torcida do Fortaleza para a cidade de Recife por ocasião do jogo entre Fortaleza e Náutico pela Taça Brasil, cuja viagem demandou uma organização pela Empresa “Franturismo”, chegando até a fretar avião e ampliando o alcance social do futebol na cidade.

Na torcida do Ceará, percebia-se um maior improviso na organização das charangas e da festa no estádio, pois sua torcida não fixava a orquestra contratada, como podemos perceber na reportagem “Torcida do Ceará vai de charanga, faixas e bandeiras”:

O vice-presidente do Ceará, Sr. Marcos Flávio vai fazer frente à torcida organizada do Ferroviário domingo próximo e já mandou preparar duas faixas de incentivo aos jogadores alvinegro, assim deve levar para o Estádio várias e várias bandeiras do Ceará Sporting. A charanga será organizada para domingo e pelo que o jovem dirigente alvinegro falou a reportagem, Marcos Flávio solicita, por intermédio de O POVO, a colaboração de todos os torcedores do Ceará dizendo que está a disposição de quem quiser receber instrumentos para o jogo de domingo através dos telefones 1.43.90 e 1.30.56 todo o dia nos dois expedientes. (**O Povo**, 03 jul.1968, p.16)

Infere-se da reportagem que o vice-presidente do Ceará Sporting “solicita a colaboração de todos os torcedores’ para a organização da festa para o próximo jogo, desde a confecção das faixas até o recebimento dos instrumentos da charanga. O improviso era ratificado com a convocação para encontro no dia do jogo, pois “deseja o jovem vice-presidente alvinegro reunir torcedores no campo do Ceará ao meio dia de domingo, munidos de bandeiras, bandeirolas, faixas, instrumentos musicais para de lá rumarem com destino ao estádio” (**O Povo**, idem.)

Em contrapartida, a torcida do Fortaleza era capitaneada pelas ações de Antônio Gumercindo, situação que criava uma dependência entre a presença da charanga e a organização protagonizada pelo “chefe da torcida”. Em 1966, por exemplo, a charanga deixou de animar os jogos do Fortaleza por problemas pessoais de Antônio Gumercindo, como podemos constatar:

A popular e já famosa Charanga do Gumercindo fará sua “reentree amanhã a tarde em peleja de futebol depois de cerca de cinco meses de ausência do Estádio Presidente Vargas. O seu regente, o não menos popular Gumercindo estará também em plena atividade, depois de recuperado de recente acidente automobilístico. (**O Povo**, 11 jun.1966, p.12).

Percebe-se que a impossibilidade da presença do “regente” nos estádios ocasionava a falta da charanga nos jogos, denotando um vínculo da torcida com o seu representante popular, fidelidade essa consolidada mesmo com pouco tempo de surgimento da charanga. Com a volta da charanga, “a torcida do Fortaleza terá amanhã a tarde, por ocasião da peleja com o Ceará

uma grande ajuda no incentivo dos seus atletas em busca da vitória e da liderança do campeonato de profissionais” (**O Povo**, idem)

Em geral, as músicas cantadas pelas charangas das duas torcidas envolviam o hino dos clubes ou algumas canções relacionadas aos carnavais de ruas, sambas-enredos ou frevos que estivessem na moda no período. Orlando Patricio recordou que as músicas entoadas pela charanga do Gumerindo “eram frevos e marchas e, com o tempo, um pouco depois começaram a entrar as músicas do Jackson de Carvalho e Luís Rolim, que faziam os carnavais lá no Fortaleza. Então as músicas eram essas, as músicas de momento...” (PATRICIO, Fortaleza, 30 jul.2013)

Ou seja, as formas coletivas de torcer simbolizadas pelas charangas “acentuavam a dimensão carnavalesca e festiva das torcidas, com base em uma tradição que vinha dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro” (HOLLANDA, 2012, p.17). Orlando Patricio relembrou a importância de Jackson de Carvalho, dentista, compositor e reconhecido por ter sido o autor do hino oficial do Fortaleza Esporte Clube em 1967 e, já nos anos 1970, compôs outras músicas entoadas pelos torcedores naquele período.

O jornal *O Povo* esporadicamente publicava algumas dessas músicas, principalmente aquelas relacionadas aos carnavais de rua, como trata a reportagem intitulada “Alegria será no Fortaleza”²⁰:

O carnaval de alegria será mesmo no Fortaleza, que durante os quatro dias enfrentará a folia com a Charanga do Gumerindo e mais duas outras orquestras. Luis Rolim Filho, comandante da folia no “tricolor de aço”, está com duas quadras preparadas para os bailes sendo uma coberta e outra ao ar livre, para maior comodidade dos foliões. Carnaval alegria é o carnaval tricolor. E os foliões cantarão também o “Samba do Fortaleza de 73, de autoria de Jackson de Carvalho, cuja letra é a seguinte:

SAMBA DO FORTALEZA DE 73

Autor: Jackson de Carvalho

Canta: Manuel Paiva

Quando eu te vejo
No meu clube colossal
Sinto o desejo
De brincar o carnaval

O carnaval no tricolor

²⁰ Jornal *O Povo*, 01.mar.1973, p.06.

É um embalo é um amor
A gente brinca até o fim
Sob o comando
Da charanga do Rolim

O carnaval é ilusão
Que faz pular meu coração
Se eu te encontro na folia
Eu fico louco
Brinco até nascer o dia

A letra do “Samba do Fortaleza de 73” revela a festividade e a brincadeira que os seus torcedores procuravam expor nas charangas e na sua forma de torcer e apoiar o clube. A torcida, nessa perspectiva, relacionava-se com o samba, frevo, marchinhas ou carnaval de rua e, portanto, a rivalidade entre as torcidas do Ceará Sporting e do Fortaleza Esporte Clube foi transposta também para outros cenários, como nos blocos dos carnavais de rua. A reportagem intitulada “Charanga x Charanga” noticiou:

A Charanga do Gumerindo terá uma concorrente no curso da Aguanambi [avenida em que os blocos passavam]. Trata-se da Charanga dos Enjeitados, que se inscreveu esta semana. [...] É um bloco formado de torcedores do Ceará, que resolveram competir com a do Gumerindo, composta de torcedores do Fortaleza. (**O Povo**, 09.fev.1974, p.06)

As letras das músicas cantadas, portanto, diziam respeito à alegria do carnaval e ao amor pelo clube. Jackson de Carvalho também compôs sobre a relação entre carnaval e futebol:

No carnaval eu vou me esbaldar
pois este ano não serei palhaço
eu vou deixar cair o meu amor
lá no pici
lá no meu tricolor de aço

no tricolor somos todos iguais
no tricolor a turma brinca demais
no tricolor tem mulheres assim
no tricolor a coisa não tem fim

Este ano eu vou brincar lá no pici
Ninguém me tira dali
Comigo eu levo aquele abraço
Ao Rolim e ao tricolor de aço²¹

²¹ CARVALHO, Jackson de. Marchinhas de Jackson de Carvalho sobre o Fortaleza Esporte Clube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=H6x-cjK3gPI>. Acesso em 20/11/2014.

Nota-se que a comemoração do carnaval tinha um local definido, o Pici, sede do Fortaleza Esporte Clube e espaço para confraternização e encontro dos torcedores, expressando uma “carnavalização das torcidas” do período. No entanto, a torcida do Ceará não permanecia avessa a essa realidade, pois a disputa entre as torcidas do Ceará e do Fortaleza, que perpassava o futebol, estava imersa também nos blocos dos carnavais de rua. Tal repercussão da relação entre futebol e carnaval contribuía para a construção de uma imagem simbólica sobre o sujeito Antônio Gumerindo do futebol e do carnaval de rua, tornando-o uma das referências naquela época. Jackson de Carvalho, em uma de suas marchinhas, lembrou esse personagem:

Hoje estou contente.
Hoje eu saio do laço.
Eu não quero papo, mulher,
Só quero ir ver meu Tricolor de Aço.
Lá no estádio eu levo muito amor.
Muita alegria ao Tricolor.
E no gramado o Fortaleza está tinindo,
com a charanga do famoso Gumerindo²².

O status e a fama que ele possuía no ambiente esportivo representava o conjunto das dessas suas iniciativas no cotidiano urbano. Além disso, além de torcedor, Gumerindo era também diretor do Fortaleza Esporte Clube:

Gumerindo, um misto de diretor e torcedor do Fortaleza, confirmou que a sua famosa “charanga” estará de volta ao Castelão, domingo que vem. [...] Gumerindo, a exemplo de Jackson de Carvalho, está preocupado com a arbitragem e faz até uma sugestão ao presidente Ailton Rebouças [Presidente do Fortaleza]. “Queria que o nosso presidente sugerisse à FCF que trouxesse três árbitros de categoria nacional para domingo, e antes do jogo se fizesse um sorteio para a formação do trio”. (**O Povo**, 22 set.1977, p.13)

O “chefe” da charanga tinha influência e contato com a diretoria do seu clube, não apenas por ser diretor do clube, mas pelo reconhecimento que possuía na sociedade em geral. Esse contato entre o torcedor e a diretoria permitiu a ele sugerir e opinar nas atitudes do presidente do clube, como foi o caso citado do sorteio da arbitragem para o jogo.

Entretanto, nem sempre a festa organizada pelas charangas acabava como os torcedores queriam. Na animação e no embalo provocado pelos torcedores na arquibancada, às vezes, ocorriam acidentes, sempre noticiados pelos jornais, como na reportagem “Torcedor do Fortaleza cai e quase morre”:

²² CARVALHO, Jackson de. Marchinhas de Jackson de Carvalho sobre o Fortaleza Esporte Clube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=H6x-cjK3gPI>. Acesso em 20 nov.2014.

Exatamente aos 39 minutos do segundo tempo do jogo de ontem, quando o Fortaleza empatava através de Leonidas, o torcedor do “tricolor de aço” Raimundo Castro Lima, casado, de 29 anos, residente no Parque Santa Fé, foi acidentado em consequência de uma desastrada queda, ao ser empurrado pelos próprios companheiros de torcida. [...] O torcedor foi empurrado quando a massa tricolor incentivava bastante o seu clube e surgiu o gol de Leonidas. A “hinchada” do Pici, ao explodir de alegria, provocou o empurra-empurra e Raimundo Castro, que animava a Charanga do Gumerindo com o seu tarol, foi arremessado de uma altura de 10 metros, indo bater violentamente contra o solo” (**O Povo**, 10 ago.1972, p.07)

Isto é, nos incentivos e na explosão de alegria durante o momento de maior êxtase do futebol, a festividade das charangas poderia também proporcionar tragédias. O “empurra-empurra” e a animação eram inerentes à atuação do torcedor e, nesse sentido, os riscos de uma fatalidade estavam presentes na sociabilidade torcedora.

Apontado esse cenário das torcidas na cidade de Fortaleza nos anos 1960, chega-se a alguns entendimentos do comportamento e da sociabilidade torcedora do período. A primeira dessas conclusões nos leva ao entendimento de que a mobilização populacional proporcionada pelo futebol se transformou desde o momento em que o esporte foi praticado nas cidades brasileiras.

Trilhando a primeira metade do século XX e dialogando com a realidade social, dinâmica econômica e cultural, as torcidas encontraram diferentes formas de expressões no cotidiano. Contudo, as torcidas aqui analisadas necessitavam de um enfoque e de uma identificação de quais torcedores buscamos refletir.

Logo, apontamos para a seleção das torcidas do *Ceará Sporting* e do *Fortaleza Esporte Clube* por dois motivos principais: *a tradição e a popularidade*, aspectos que os distinguiam diante dos outros clubes, não menosprezando as outras torcidas, mas principalmente em virtude do misto de sentimento e de expectativa quando acontecia o *clássico-rei*.

Identificadas as torcidas, realizamos uma diferenciação geral das duas torcidas, levando em conta alguns dos símbolos que cada uma possuía e a relação com a história dos dois clubes, fundados em momentos diferentes, o Ceará Sporting Club em 1914 e o Fortaleza Esporte Clube em 1918.

A partir disso, constatamos que a partir da segunda metade do século XX, as torcidas de futebol apresentavam um torcedor que era referência, liderava ou comandava as ações praticadas pelo público. Em Fortaleza, apresentamos a figura do Pedro Alves da Silva –

o *Pedão da Bananada* -, Antônio Gumerindo e “Zé Limeira”, respectivamente torcedores do Ceará, Fortaleza e Ferroviário.

Ainda no primeiro tópico deste capítulo, refletimos sobre a trajetória dessas torcidas no período, principalmente no que se refere à presença das charangas nos anos 1960 e início dos anos 1970 e a formação das torcidas organizadas jovens a partir dos anos 1980. Debruçamo-nos especificamente sobre as torcidas do Ceará Sporting e do Fortaleza Esporte Clube, compreendendo a fundação das suas charangas e a atuação dos seus “chefes”: “Pedão da Bananada” e Antônio Gumerindo, respectivamente.

Assim, ao refletir sobre a origem desses líderes, detemo-nos sobre a importância de *Jaime de Carvalho*, “chefe de torcida” do Clube de Regatas Flamengo do Rio de Janeiro desde os anos 1940. Nesse sentido, analisamos a *imagem* criada e reproduzida por esses líderes de torcidas, com a *camisa tradicional*, a *faixa*, o *bigode*, aspectos que lhes tornavam figuras públicas reconhecidas. Pedro Alves da Silva destacava-se pela sua altura e se apresentava diante do público com os referidos símbolos, da mesma forma que Antônio Gumerindo, que acrescentava o charuto e o chapéu.

Outro fato discutido refere-se aos custos que envolviam a organização das *charangas*, que necessitava da contratação da “batucada” e dos músicos, pois os instrumentos não eram todos de posse do chefe de torcida. Em geral, as charangas possuíam instrumentos de sopro e percussão, entre eles o trompete e o tarol, porém as vezes era utilizado violão, como se percebe em uma foto publicada pelo jornal O Povo:



Figura 13 – Instrumentos da charanga

Fonte Jornal O Povo 15 jan.1977, p.04

As charangas, portanto, constituíram uma maneira de expressar o *sentimento* e o *apoio* das torcidas muito presente no cotidiano dos anos 1960 e início dos anos 1970, cuja ideia era a de transmitir o amor ao clube, em resposta às alegrias proporcionadas pelo time. Portanto, as *músicas* cantadas eram principalmente o hino ou algumas músicas dos carnavais, marchinhas readaptadas para o contexto do futebol.

Percebemos, pois, o diálogo entre o futebol e o carnaval, principalmente aquele carnaval dos blocos de ruas, cujas torcidas do Ceará Sporting e do Fortaleza Esporte Clube também se organizavam e estendiam a rivalidade das arquibancadas para os carnavais de ruas. Além disso, através das letras das músicas, notamos que as sedes dos clubes eram espaços praticados pelos torcedores nesse período do ano, associando o espaço do clube a um lugar de festa, alegria e família.

Em suma, este tópico procurou refletir sobre a sociabilidade torcedora dos anos 1960 e, através das entrevistas e das reportagens utilizadas, compreendemos que as charangas foram a principal expressão do comportamento dos torcedores na cidade de Fortaleza. As fontes históricas forneceram indícios de uma realidade que foi compreendida sob a luz das ciências humanas, reconstruindo a história de sujeitos que experimentaram e se organizaram através de uma forma de torcer: as charangas.

2.2 A (re)invenção de uma tradição: novas vozes vêm da arquibancada

Aos poucos, as charangas deixaram de ocupar o papel principal da animação dentro dos estádios. A partir da década de 1980, surgiram as primeiras torcidas organizadas em Fortaleza, que, nos seus primeiros anos, utilizaram os instrumentos e as músicas cantadas pelas antigas charangas.

Embora tenham mantido o significado das charangas, essas torcidas organizadas eram compostas por jovens inseridos em gerações distintas daqueles que fundaram e consolidaram as charangas. A cultura juvenil era outra e, dessa forma, as torcidas organizadas trouxeram novos aspectos para os estádios, fora deles e nas relações com as diretorias dos clubes.

Os meios de comunicação, também imersos nessa outra cultura dos anos 1980, procuravam expor a necessidade das torcidas se organizarem, protestarem e lutarem por direitos frente aos dirigentes, assim

Já seria uma bora hora para estas torcidas se organizarem de fato e usarem a força que podem ter para mudar muitas decisões tomadas contra eles mesmos. Falta às torcidas de Ceará, Fortaleza e Ferroviário um líder para agrupar forças em torno de um ideal, de uma opinião, do direito de torcer e não ser esbulhado na hora que bem querem os dirigentes. Se cada grupo de grandes torcedores se unisse para formar uma sólida torcida organizada as coisas poderiam ser manipulada de maneira diferente, pois só assim o torcedor, responsável direto pelo sucesso do espetáculo, seria mais respeitado. (**Diário do Nordeste**, 31 jul.1982, p.19)

Dessa reportagem do ano de 1982, que por vezes se aproxima de uma convocatória aos torcedores, infere-se o desejo de solidificar os direitos dos torcedores através da união dos grupos de torcedores a fim de que sejam respeitados. Pouco tempo depois da formação da primeira torcida organizada em Fortaleza, portanto, esperava-se que esses novos agrupamentos agregassem esses valores.

E, de fato, as torcidas jovens possuíam esse viés contestador, às vezes, contraditório devido ao amor e ao incentivo aos seus respectivos clubes. O “mantra” de apoio irrestrito ao clube era colocado em questão, principalmente nas crises, momentos em que os torcedores se aglomeravam diante das torcidas organizadas. Em um dos casos ligados a uma torcida organizada, o jornal Diário do Nordeste mostra a reação pioneira desse grupo fazendo frente a uma decisão da diretoria:

Pela primeira vez, na história do futebol cearense, um treinador é demitido pela diretoria do Fortaleza, e sua torcida se solidariza com o técnico, a ponto de leva-lo à Praça do Ferreira, nos braços. Foi o que aconteceu ontem pela manhã, com Célio de Sousa. O presidente da “Garra Tricolor”, Ricardo Lemos, revoltado com a atitude do presidente Silvio Carlos, entregou o cargo, alegando que jamais vai lutar em prol do Fortaleza, pois se conscientizou de que a própria diretoria quer o pior para o clube. Após a dispensa, o treinador Célio de Sousa foi levado por integrantes da “Garra”, para um restaurante da cidade... (**Diário do Nordeste**, 30 abr.1982, p.20)

O presidente da “Garra Tricolor” entregou o cargo após a atitude do presidente do clube e os integrantes da torcida também se opuseram à demissão do treinador, situação que revela um embate entre a torcida organizada versus a diretoria do clube. Assim, além do apoio aos seus clubes através da arrecadação de dinheiro, churrascos e bingos, essas torcidas organizadas faziam frente ao que encaravam como errado pelos representantes dos seus clubes.

Em outra reportagem ainda nesse sentido, intitulada “Garra Tricolor é exigente e pede as novas contratações”, esse teor reivindicativo aparece novamente aliado também ao papel de apoio ao clube:

Ricardo Lemos, presidente da “Garra Tricolor”, inicialmente enalteceu o trabalho que vem realizando a nova diretoria, destacando sobretudo a atuação do presidente Silvio Carlos cuja filosofia vem sendo a de estar sempre em convívio com o torcedor pedindo não só ajuda financeira como também a opinião de cada um, caracterizando democraticamente uma administração que se prenuncia das mais profícuas. Os representantes da “Garra Tricolor”, cuja atuação junto ao clube tem sido por demais benéfica, falaram também da necessidade da contratação de jogadores capazes realmente de causarem, impacto e até de “acordarem” uma torcida que está sonhando com a reconquista de uma hegemonia que vem durante sete anos. (**Diário do Nordeste**, 19 dez.1981, p.32)

Infere-se que o presidente e a diretoria da torcida Garra Tricolor presente na reportagem situam-se em uma relação de ténue com a diretoria do clube, cujo apoio é limitado pelos desejos dos torcedores, pelo desabafo que é realizado na reportagem.

Nessa perspectiva, a formação das primeiras Torcidas Organizadas no Ceará nos remete ao início dos “anos 1980”. O crescimento dessas torcidas nesse período se insere em um processo de modificação das formas de torcer que acontece conforme as transformações da sociedade. Bernardo Buarque de Hollanda, ao refletir sobre as torcidas organizadas no Rio de Janeiro, afirma que a emergência das torcidas jovens está relacionada ao contexto dos anos 1960 no Brasil e no mundo de postura contestadora. Logo, “é possível salientar como, no decorrer da segunda metade do século XX, a frequência, o comportamento e o perfil dos

estádios foram sendo alterados de maneira contínua e acompanharam também as transformações oriundas da sociedade” (HOLLANDA, 2008, p.185).

2.2.1 Do surgimento...

Classificar o mundo heterogêneo das torcidas de futebol em torcida organizada, torcedor comum, simpatizante ou aqueles que se alegram ou se entristecem sem se identificar com qualquer clube pode parecer uma tarefa difícil, pois “Há aqueles que de forma isolada vibram por seu time, por pior que ele se apresente em campo. Existem ainda os que são levados até mesmo à morte devido a emoção de ver seu time perder ou conseguir uma vitória em um campeonato importante” (**Diário do Nordeste**, Fortaleza, 19.nov.1981). Logo, existem diferentes formas de se emocionar ou de torcer por um clube de futebol.

Porém, a fundação das primeiras torcidas organizadas na cidade de Fortaleza aconteceu tardiamente, apenas nos anos 1980, “como uma forma de estimular os clubes, começaram a surgir, há poucos anos, as torcidas organizadas. Além de promoverem um belo espetáculo nas arquibancadas, com bandeiras ao vento e vibrantes batucadas, essas torcidas são consideradas como o 12º jogador dos times, além de representarem uma renda certa nas competições, uma vez que seus membros não perdem um jogo do seu clube” (**Diário do Nordeste**, *idem*).

Logo, as torcidas organizadas que aqui estamos comentando são estas que estavam “muitas vezes em confronto explícito com os dirigentes”, promoviam “um belo espetáculo nas arquibancadas” e “são consideradas o 12º jogador”, diferentemente das charangas que dominaram o espetáculo das arquibancadas nos anos 1960 e 1970.

Ao entrar em decadência, as charangas conseguiram se perpetuar nas torcidas de futebol. Muitas causas estiveram atreladas ao processo de enfraquecimento das charangas. Porém, em Fortaleza, o envelhecimento, o estado de saúde e as demais responsabilidades dos líderes de torcida do Ceará Sporting Club e do Fortaleza Esporte Clube, “Pedão da bananada” e Antônio Gumercindo, respectivamente, foram um golpe para a presença das suas charangas nas arquibancadas.

Embora a tradição das charangas estivesse consolidada no imaginário do torcedor cearense, e a associação entre charanga e o líder era imediata, ou seja, as charangas possuíam

um teor de posse, de pertencimento ao líder, fortalecendo-se ou se enfraquecendo segundo a própria dedicação de Pedrão e Gumerindo. Assim, se os dois por ventura se afastassem das torcidas ou não pudessem cumprir com as demandas da organização, as charangas não funcionavam da mesma forma.

No último ano da década de 1970, o jornal O Povo publicou uma notícia intitulada “Ameaçada de desaparecer a charanga alvinegra”, cuja reportagem continha uma entrevista com Sérgio França, outro líder da torcida do Ceará Sporting Club e “conhecido por Serginho Caravaneiro, por conta de seu hábito de formar caravanas que animam a exibição do seu time no interior”. Sérgio França se lamentou:

Ninguém quer ajudar na organização e manutenção da charanga. Tenho feito tudo para que a Charanga compareça aos jogos do Ceará. Organizo caravanas, correndo o risco de prejuízos com o frete de ônibus e depois ainda aparece gente dizendo que estou ficando rico. (**O Povo**, 23 fev.1979, p.32)

Outro aspecto que corroborou para a decadência das charangas e a ascensão de outro tipo de torcida – as torcidas organizadas tradicionais – foi a realidade social dos anos 1970, momento em que a ditadura militar repreendia, cassava direitos e atentava contra a liberdade de expressão. Nos estádios de futebol, as torcidas não estiveram alheias a esse contexto, politizaram-se e procuraram se organizar para diversas finalidades, inclusive criando uma associação de torcida organizadas, no Rio de Janeiro, a Astorj²³.

Nesse sentido, Sérgio França já anunciava a necessidade de mudança de postura das torcidas de futebol,

Se não houver uma mudança radical no pensamento da torcida, particularmente entre os que gostam de viajar, não organizarei mais caravanas. Muita gente quer tudo de graça, achando que é fácil se fretar um ônibus. Tenho tido muitos prejuízos em excursões do Ceará para locais distantes de Fortaleza. Prefiro, mesmo assim, perder indo do que perder sem ir. (**O Povo**, 23 fev.1979, p.32)

A partir da década de 1980, a resposta para esse processo de mudança de comportamento foi a fundação das primeiras torcidas organizadas, que, nos seus primeiros anos, utilizaram os instrumentos e as músicas cantadas pelas antigas charangas. Embora tenham

²³ Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro foi criada em 1981 e teve quinze anos de existência. A entidade foi criada sob o lema “Congregar, Congraçar, Unir” para as torcidas organizadas terem mais força diante do poder público. Disponível em <http://torcidasdovasco.blogspot.com.br/2011/02/forca-jovem-1981-astorj.html> Acessado em 13/11/2015.

mantido o significado das charangas, essas torcidas organizadas eram compostas por jovens inseridos em gerações distintas daqueles que fundaram e consolidaram as charangas

A cultura juvenil era outra, a geração a qual pertencia os jovens da década de 1980 já não buscava se manifestar apenas com as charangas e, dessa forma, as torcidas organizadas tradicionais trouxeram novos aspectos para os estádios, fora deles e nas relações com as diretorias dos clubes.

Existia um vínculo com a torcida organizada, um compromisso firmado através da associação com a instituição, sobretudo realizado sob pagamentos mensais, estabelecendo, portanto, uma fonte de renda para a torcida organizada, que não dependia exclusivamente de um líder, como lamentou Sérgio França na entrevista com o jornal O Povo.

Nesse entremeio, entre os novos aspectos expressados pelas torcidas organizadas, encontra-se aquilo que entendemos por sociabilidade, atitudes construídas individual e coletivamente pelos torcedores organizados que os identificavam enquanto grupo, experiências para além da vivência das arquibancadas, mas também nos dias em que não tinham jogos, nas reuniões, nos encontros, nas festas e demais atividades em nome da torcida organizada. Nessa perspectiva, o entendimento de si, para os torcedores organizados, estava ligado ao rol de experiências realizadas pela e para a torcida em comunhão com os companheiros.

Além disso, as sociabilidades torcedoras estariam ligadas ao que Cavalcanti, Souza e Capraro (2013) denominaram de “estilo de vida clubístico”, sendo não somente os agrupamentos nos estádios, como todos os espaços frequentados pelos componentes da torcida organizada, isto é, as “ritualizações informais” para além dos dias de jogos.

Infere-se, então, que a manifestação dessas emoções nas torcidas organizadas constrói sociabilidades, que seriam redes de experiências articuladas pelos seus componentes nas suas práticas cotidianas, interligadas à formação da identidade desses agrupamentos.

Em um dos casos ligados a uma torcida organizada, o jornal Diário do Nordeste mostra a reação pioneira desse grupo fazendo frente a uma decisão da diretoria:

Pela primeira vez, na história do futebol cearense, um treinador é demitido pela diretoria do Fortaleza, e sua torcida se solidariza com o técnico, a ponto de leva-lo Praça do Ferreira, nos braços. Foi o que aconteceu ontem pela manhã, com Célio de Sousa. O presidente da “Garra Tricolor”, Ricardo Lemos, revoltado com a atitude do presidente Silvio Carlos, entregou o cargo, alegando que jamais vai lutar em prol do Fortaleza, pois se conscientizou de que a própria diretoria quer o pior para o clube. Após a dispensa, o treinador

Célio de Sousa foi levado por integrantes da “Garra”, para um restaurante da cidade... (**Diário do Nordeste**, 30 abr.1982, p.20)

O presidente da “Garra Tricolor” entregou o cargo após a atitude do presidente do clube e os integrantes da torcida também se opuseram à demissão do treinador, situação que revela um embate entre a torcida organizada versus a diretoria do clube. Assim, além do apoio aos seus clubes através da arrecadação de dinheiro, churrascos e bingos, essas torcidas organizadas faziam frente ao que encaravam como errado pelos representantes dos seus clubes.

Nessa perspectiva, a formação das primeiras Torcidas Organizadas no Ceará nos remete ao início dos “anos 1980”. O crescimento dessas torcidas nesse período se insere em um processo de modificação das formas de torcer que acontece conforme as transformações da sociedade. Bernardo Buarque de Hollanda, ao refletir sobre as torcidas organizadas no Rio de Janeiro, afirma que a emergência das torcidas jovens está relacionada ao contexto dos anos 1960 no Brasil e no mundo de postura contestadora (HOLLANDA, 2008, p.185).

Segundo os periódicos consultados e as fontes orais aqui tratadas, a primeira torcida organizada do Estado do Ceará foi criada em 1980 por um grupo de estudantes universitários e torcedores do Fortaleza Esporte Clube, cujo nome escolhido foi Garra Tricolor. O jornal O Povo, sobre os fundadores, relembrou:

O amor e o apoio financeiro ao “Leão do Pici” demonstrado por Nestor Falcão, José Carlos Mota e Francisco José Baquit, teve início numa época muito difícil que o Fortaleza esteve atravessando no Campeonato Cearense de 1980. Os três, juntamente com Ricardo Lemos, na presidência, Gbson Rolim, Tomás Pompeu, Luciano Matos, Robson, Sérgio Machado e outros tricolores, fundaram a 4 de outubro daquele ano, a Garra Tricolor, a primeira torcida organizada do Estado. [...] A maioria dos jovens estudantes da Unifor [Universidade de Fortaleza] que fundou a única torcida organizada com estatuto no Brasil já está formada e casada. (**O Povo**, Fortaleza, 17 jun.1985, p.14)

No caso específico da Garra Tricolor, percebe-se que o perfil jovem dos fundadores se confirma. Quase todos os componentes eram estudantes universitários na data de fundação da torcida, quatro de outubro de 1980, em um ambiente em que as ideias de aglomeração, união e da concepção de sociedade foram levadas para o ambiente esportivo.

As torcidas organizadas, portanto, estão imersas em uma sociedade em transformação, apropriando-se da conjuntura, readaptando seus comportamentos, influenciando e sendo influenciada pelo contexto dos anos 1980, no caso da experiência na cidade de Fortaleza.

Cabe, em contrapartida, duvidarmos do pioneirismo da Garra Tricolor, levando em conta a intencionalidade com que as fontes – principalmente as orais – terem assumido o discurso de ser a primeira torcida organizada do Estado do Ceará. O historiador trabalha com pistas, com indícios e sintomas (GINZBURG, 1989) que podem levá-lo ao mais próximo do fato, reconstruindo, assim, o seu objeto de pesquisa.

Tomando como pioneira a torcida organizada Garra Tricolor, importa levar em consideração outros detalhes da sua experiência e da sua influência sob o surgimento das outras torcidas, como é o caso de compreender os interesses e os objetivos dos seus fundadores. Francisco José Baquit²⁴, nesse sentido, afirmou em entrevista:

Eu viajava muito com meu pai, viajava muito pro Rio, São Paulo, Porto Alegre, em todo canto que eu ia eu ia pra estádio. Onde tinha jogo, meu pai me levava pro estádio. E eu via as torcidas juntas, o pessoal torcendo com gritos de guerra, com aquela empolgação e eu fiquei pensando: por que a gente não faz lá? [...] Porque a gente não vai atrás? Aí na época eu fazia faculdade, fazia administração. Aí eu comecei a manter a contato. Na época não tinha email, não tinha internet, era correspondência mesmo. Por ser tricolor, eu entrei em contato com a Torcida Jovem do Fluminense e entrei em contato com a Torcida Uniformizada do Palmeiras, TUP. (CORREIA, Fortaleza, 10 ago.2013)

Nessa perspectiva, para os fundadores da Garra Tricolor, a ideia de criar uma torcida organizada na cidade de Fortaleza teve influência de outras torcidas organizadas, principalmente as do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Mesmo sem a presença da internet, existia uma maneira de manter contato com componentes de outras torcidas, que revelava a possibilidade da troca de informações nesse período, convergindo também para a relação entre o futebol e a globalização (RIBEIRO, 2007).

²⁴ Francisco José Baquit Correia, mais conhecido como Zezinho Baquit, nasceu em Quixadá, interior do Ceará, atualmente é comerciante e tem 54 anos de idade. Foi um dos fundadores da Garra Tricolor em 1980 e depois passou a ser membro da diretoria do Fortaleza Esporte Clube.

2.3 Construindo as torcidas organizadas: estrutura, composição e atuação

2.3.1 Dos sujeitos fundadores...

As torcidas organizadas se inseriram no espaço urbano paulatinamente, atuando não apenas nos estádios de futebol, marca diferencial desse modelo de torcida a partir dos anos 1980. Em geral, essas torcidas foram fundadas por universitários, amigos e familiares que compartilhavam a paixão pelo clube de futebol.

Antes da década de 1980, momento em que se proliferaram as torcidas organizadas na cidade de Fortaleza, existiram algumas tentativas de criá-las. José Sergio França, torcedor do Ceará Sporting Club, em 1976, tentou consolidar a torcida Força Alvinegra, mas “ela quebrou no seguinte por causa da inexistência de patrocinadores e da falta de ajuda da diretoria do Ceará” (**Diário do Nordeste**, Fortaleza, 19 nov.1981, p.12). Segundo o torcedor alvinegro, para essas torcidas se firmarem nos estádios cearenses, era fundamental que os membros tivessem condições financeiras próprias para assegurar a manutenção.

Os fundadores das torcidas organizadas do Ceará Sporting Clube e do Fortaleza Esporte Clube eram torcedores que cultivavam o amor ao clube desde a infância, na maioria das vezes por influência familiar, outras pelas cores do time ou por ter sido presenteado com uma camisa do clube. A maioria dos fundadores de torcidas organizadas entrevistados foram ao primeiro jogo do seu clube na década de 1960, período em que as charangas faziam sucesso. As lembranças desses episódios e a escolha pelo clube foram assim narradas por José Carlos Mota²⁵:

Aprendi a gostar do Fortaleza porque meu pai foi vice-presidente do Quixadá [cidade localizada no interior do estado e com time do mesmo nome]. E, quando o Fortaleza foi fazer um amistoso com o Quixadá, na minha terra, eu tinha oito anos de idade e eu gostei muito daquelas cores na época. E meu pai não queria que eu me envolvesse com futebol, mas eu achei tão bonita as cores que eu dei um jeito de pular o muro e fui assistir o jogo escondido dele. (MOTA, Fortaleza, 31 jul.2013)

²⁵ José Carlos Mota atualmente é advogado, torcedor do Fortaleza e nasceu em Quixadá, no interior do Ceará. Foi um dos diretores da Torcida Garra Tricolor e também se tornou diretor do Fortaleza Esporte Clube. A entrevista foi realizada em seu local de trabalho, no centro de Fortaleza.



Figura 14: Ricardo Lemos, José Baquit e José Carlos Mota, fundadores da Garra Tricolor.
Fonte: Jornal O Povo

José Carlos Mota é torcedor do Fortaleza e foi um dos fundadores da Torcida Garra Tricolor, uma das torcidas pioneiras na cidade de Fortaleza. Nota-se no seu depoimento que a atração pelo Fortaleza veio através das cores do clube, aspecto responsável também pela escolha de Osvaldo Fontenele, que ironizou as cores do clube rival:

Em 1963, uma coincidência do futebol foi um jogo Fortaleza e Ceará, que o Ceará ganhou e eu tava com meu pai no PV [abreviação do Estádio Presidente Vargas], aí ele me perguntou pra qual time eu queria torcer, aí eu disse que sou esse time que perdeu, por causa das cores, cores vivas, cores atuantes, diferente daquela mortalha [risos] (FONTELENE, Fortaleza, 29 jul.2013).

Osvaldo Fontenele foi presidente da Torcida Garra Tricolor e viveu uma família tradicionalmente tricolor, seu pai foi diretor e jogador do Fortaleza Esporte Clube. Em contrapartida, Emanuel Magalhães, fundador da Torcida Fiel Tricolor, recordou o que jovens na época faziam para ir ao estádio:

Então, a gente estudava no Colégio Cearense, colégio que era muito tradicional de Fortaleza e lá tinha muito torcedor do Fortaleza, e a gente gazeava aula pra ir pros jogos do Fortaleza. Então a gente saía do Colégio Cearense, que é ali no Centro, pra ir ao PV, ia a pé, aí foi indo e ficou naquela turma, naquela curriola (MAGALHÃES, Fortaleza, 26 abr.2014).

Naquela época, o contato dos jogos de futebol com a população ainda não se dava através da televisão e, quem morava no interior, a opção mais utilizada era a transmissão pelo

rádio. Orlando Patrício, filho de fazendeiro e torcedor do Fortaleza, lembrou o que acontecia nos dias de jogos na sua infância:

Mas antes pelo rádio lá na fazenda a gente não perdia um jogo do Fortaleza e quando era o clássico-rei Fortaleza e Ceará, principalmente quando era na época de disbulhar feijão, o papai pegava o alpendre da casa da fazenda, meu pai tinha 13 moradores na fazenda, eram 13 famílias. Dizia “venham ouvir o jogo aqui em casa”, aí ele botava o rádio no alpendre, aí a gente ia escutar o jogo no rádio, aí as lamparinas acesas, que não tinha energia e ele jogava o feijão na extensão toda do alpendre. Todo mundo sentava e botava o saco de pano aqui [aponta para o colo] e disbulhava, e no final quem disbulhasse mais ainda ganhava um dos brindes do papai, que eu não lembro quais eram os brindes, mas geralmente para aqueles que bebiam era uma dose de cachaça, mas pra aqueles que fumavam era um cigarro “continental” sem filtro [risos e bota uma dose de cachaça no copo]. (PATRICIO, Fortaleza, 30 jul.2013)

Durante as recordações sobre o primeiro contato com o futebol, os entrevistados lembraram “causos”, histórias e fatos importantes, pois compreendendo a profundidade desse contato inicial com o futebol é possível perceber como os sujeitos estão próximos ao esporte e à torcida, às vezes, até confundir sua trajetória com seu time.

Nessa perspectiva, os entrevistados elencaram alguns pontos em comum para a escolha do time e a aproximação com o futebol: a família, as cores do clube e o gosto pelo jogo de futebol. Em algumas falas dos torcedores que moravam no interior, também notamos que a escuta dos jogos pelo rádio cria uma imaginação fértil sobre o futebol, torna o ouvinte tão ou mais apaixonado pelo time do que aquele que está presente no estádio devido ao encanto criado na narração.

Contudo, o principal motivo apresentado sobre como o sujeito esteve ligado ao futebol deve-se à família, ao time que o pai torcia, isto é, a escolha do clube de futebol muitas vezes está relacionada à herança de pai para filho. Assim, os primeiros jogos vistos in loco por esses depoentes, muitas vezes, dependiam da aprovação do pai ou da companhia do mesmo. Quando essa companhia não era o pai por algum motivo, outro familiar mais próximo fazia este papel ou algum amigo, companheiro de faculdade.

A trajetória da paixão torcedora, como nasceu e se arraigou na formação do sujeito enquanto cidadão reverbera no que essas pessoas poderiam se tornar: fundadores de um novo estilo de torcida, as organizadas dos anos 1980. Contudo, na infância e adolescência dos anos 1950 até 1970, eles vivenciaram as charangas. Cristiano Santos recordou algumas características desse período:

Na verdade, não existia torcidas organizadas, existiam aquelas pessoas que eram um referencial para a torcida. No caso do Ceará, existia um cara chamado Pedão da Bananada, ele era um líder, quando o Ceará estava disputando o campeonato, ele tinha uma encenação na hora que o Ceará tava na frente do placar, no final do jogo, ele começava com o lenço branco [faz o gesto balançando o lenço com a mão]. (SANTOS, Fortaleza, 28 abr.2014)

Cristiano Santos foi torcedor fanático do Ceará Sporting Club e, junto com seu irmão, Ricardo Santos, confeccionaram as primeiras bandeiras alvinegras vistas nas arquibancadas. Cristiano Santos também mora na rua do estádio Presidente Vargas, acompanhando desde a sua infância o movimento futebolístico e a passagem das torcidas no muro da sua casa. Seu irmão, Ricardo, fundou a Torcida Carrossel Alvinegro em 1984, uma das torcidas organizadas pioneira do Ceará.

2.3.2 Da estrutura e organização...

As novas torcidas organizadas precisavam de organização, de estrutura e, conseqüentemente, se tornarem públicas, ou seja, ser reconhecida pelos torcedores, pelos rivais e pela sociedade.

A experiência das torcidas organizadas que já mantinham suas atividades na região Sudeste do Brasil foi essencial para o estabelecimento das torcidas organizadas em Fortaleza, pois a estrutura, a organização e o estatuto destas se basearam no modelo daquelas existentes em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Assim, para essas torcidas organizadas, eram indispensáveis quatro aspectos: direção, bandeiras, instrumentos de batucada e componentes. Algumas das torcidas dos anos 1980 se preocuparam em ter estatuto, mas a maioria delas não deixou registrado em documento escrito.

Dessa forma, uma importante fonte histórica que permitiu um conhecimento sobre a forma como se estruturaram as torcidas organizadas nos anos 1980 foi as imagens. As fotos publicadas nos periódicos da época e outras presentes nos arquivos pessoais dos entrevistados auxiliam a investigação historiográfica sobre esse fenômeno dentro e fora dos estádios.



Figura 15: Faixas das torcidas Cearamor e da Fiel Tricolor na divisa do anel inferior com o superior do Estádio Castelão.

Fonte Jornal Diário do Nordeste

Nesta imagem de um clássico entre Ceará e Fortaleza realizado no Castelão, percebe-se nas arquibancadas a presença da torcida alvinegra do lado esquerdo, com a faixa da Torcida Cearamor e, ao lado direito, a torcida do Fortaleza, especificamente duas faixas de torcidas organizadas: a Fiel Tricolor e Coração de Leão (fundada na primeira metade da década de 1980). Até hoje, as faixas das torcidas são presas a estrutura da arquibancada na separação entre o anel superior e o anel inferior, costume construído pelas torcidas a partir da inauguração do Estádio Castelão.

Note-se a separação entre as duas torcidas, no início dos anos 1980: apenas poucos metros as distanciavam. Segundo o depoimento dos entrevistados, naquela época uma corda separava as duas torcidas, não havia um espaço grande que as dividiam, pois não era necessário, a violência não era um fato social que estava no cotidiano daquelas torcidas emergentes. Cristiano Santos lembrou saudosamente desse período:

a gente ficava aqui [aponta pro portão da casa] pra ir pro estádio, esse muro aqui era mais baixo e nós ficávamos em cima do muro, e tinha torcedor do Ceará, torcedor do Fortaleza, nós saíamos juntos. Nós ficamos sentados juntos, começou a haver divisão de estádio, divisão de espaço no decorrer do tempo, mas teve uma época em que todo mundo ficava junto. (...) (SANTOS, Fortaleza, 28.abr.2014)

Contudo, vale lembrar que os principais símbolos dessas torcidas nos estádios eram as bandeiras/faixas e a aglomeração dos componentes nas arquibancadas. Na imagem abaixo, além das bandeiras, também vale acrescentar a presença do papel picado enumerado pelo jornal.



Figura 16: multidão na arquibancada

Fonte Diário do Nordeste

Em dias de clássico entre os clubes Ceará e Fortaleza, a expectativa aumentava na sociedade, os jornais buscavam noticiar as novidades dos times, entrevistavam torcedores e destacavam a atuação das torcidas organizadas nesses jogos. “A briga foi grande dentro do campo no clássico Ceará e Fortaleza. Mas nas arquibancadas desenvolveu-se outra luta, aliás uma luta muito colorida que explodia a cada gol. As torcidas organizadas, sem dúvida, são um espetáculo à parte no fantástico mundo do futebol. **(Diário do Nordeste, 19 set.1983, p.12)**

A emergência das torcidas organizadas, portanto, proporcionou um novo espetáculo para o futebol. A festa organizada pelos grupos de torcedores era uma atração a mais para quem ia para o estádio de futebol a partir dos anos 1980, pois “algumas vezes, elas chegam a ser o grande show diante da fragilidade do futebol de hoje em dia”. **(Diário do Nordeste, 19 set.1983, p.12)**

Como se pode perceber, os periódicos compartilhavam a alegria acrescentada pelas torcidas organizadas ao jogo de futebol. Além do espetáculo imagético, as torcidas organizadas também “jogavam junto” com o time, contribuíam com o desempenho dos jogadores, pois “Além de promoverem um belo espetáculo nas arquibancadas, bandeiras ao vento e alegres batucadas muitas vezes elas são as responsáveis pelas vitórias dos seus times”. **(Diário do Nordeste, 19 set.1983, p.12)**

Nos dias em que não havia jogos, as atividades das torcidas organizadas não eram interrompidas. Geralmente, elas possuíam cadastro dos torcedores associados, reuniam-se uma

vez na semana em locais distintos, que poderiam ser casas dos diretores, restaurantes ou clubes do espaço urbano. Ao ser interrogado sobre o controle que a direção da torcida realizava sobre os membros, Francisco Baquit respondeu:

Tinha um cadastro. E todos os finais de semanas ou na semana ou aos sábados a noite, a gente se reunia, sempre na casa de alguém. Por exemplo, ia pra minha casa, ia o pessoal da diretoria e as pessoas mais próximas, aí o dono da casa dava o tira-gosto e quem ia levava a bebida. Então todo fim de semana era em uma casa diferente. E nos dias dos jogos a gente se reunia antes dos jogos, aí começou no Círculo Militar e depois foi pro Country Club, que hoje é o Sirigado. Então a gente ia antes pra discutir alguma coisa aberto pra toda a torcida, aí no sábado a gente se reunia e trocava ideias. (CORREIA, Fortaleza, 10 ago.2013)

Hilton Oliveira Júnior²⁶, torcedor do Ceará Sporting Club, ao falar dessas primeiras torcidas organizadas, lembrou que

eles se reuniam pra tomar aquela cervejinha antes do jogo, o pessoal se reunia nos botecos, e daí eles se deslocavam pro estádio. Eu acho que as torcidas organizadas começaram com esse sentimento de reunir os amigos. Torce Ceará? Então vamos aqui. Torce Fortaleza? Vai entrar pelo Fortaleza, vamos reunir pra gente ir todo mundo junto pro estádio, vai ficar ali no setor X, eu acho que o sentido foi esse aí no começo. (OLIVEIRA JÚNIOR, Fortaleza, 28 abr.2014)

A comunhão, o encontro e a reunião de amigos, portanto, foi o sentido criado pelas torcidas organizadas nos anos 1980. O “sentimento de reunir os amigos” aliado à paixão pelo clube de futebol eram os ingredientes para a formação desses agrupamentos de torcedores que inovaram na maneira de atuar e de sentir o futebol.

²⁶ Hilton Oliveira Júnior atualmente é comentarista esportivo, apresenta o programa de rádio “Bola da Vez” e é torcedor do Ceará Sporting Club. Hilton Oliveira frequentava os estádios com os seus amigos na década de 1980, sendo a maioria diretor deles integrantes das torcidas organizadas alvinegras.



Figura 17: Reunião da Torcida Garra Tricolor no Círculo Militar
Fonte Acervo Pessoal Osvaldo Fontenele

Nessas reuniões eram discutidos os principais assuntos referentes a vida das torcidas organizadas, os cantos a serem entoados, as camisas utilizadas, como arrecadar dinheiro. Em depoimento, Gbson França Rolim²⁷ afirmou que “cada associado pagava uma taxa mensal, existia uma taxa que era pra manter a torcida porque nós comprávamos fogos, tinha o fardamento, tinham os bandeirões, era muito tradicional na época levar bandeirões, então tinha a contribuição do associado” (ROLIM, Fortaleza, 01 ago.2013). Outra forma de obter fundos para a manutenção da torcida foi através de patrocínio, como recordou José Carlos Mota:

Nós fizemos o seguinte pra poder organizar e fundar a Garra Tricolor, nós fomos atrás de um patrocinador pra arrecadar fundos, fazer eventos e vender as camisas com o nome Garra Tricolor. Aí como eu conhecia muito o Dr. Muniz Araujo, presidente da Engri Engenharia, construtora de grande porte aqui em Fortaleza, eu procurei e ele achou a ideia válida e começou a patrocinar a Garra Tricolor. Nos deu logo de início 100 camisas, nós vendemos cada camisa, na época era cruzeiro ou real, pense hoje como se fosse 60 reais, e com esses fundos que a gente ia arrecadando começamos a fazer bandeiras, eventos, comprar batucada, comprar fogos e montar a Garra Tricolor, as pessoas iam preenchiam uma “fichazinha”, fazia tipo uma inscrição e a gente se concentrava na Pontes Vieira, um clube que se localizava na Pontes Vieira [um dos acessos ao estádio Presidente Vargas], alugava os ônibus da “Gertaxi”, com o Dr. Jorge, e de lá a gente ia tudo pro estádio, com dois ônibus. (MOTA, Fortaleza, 31.jul 2013)

²⁷ Gbson Rolim França atualmente é empresário e foi um dos fundadores da torcida organizada Garra Tricolor, torcedor do Fortaleza. Entrevista realizada na casa do depoente, no bairro Cidade 2000.

Na imagem abaixo, compreende-se o momento do acerto do patrocínio entre as torcidas organizadas do Fortaleza Esporte Clube e a Engri Engenharia, empresa que financiou as camisas da Fiel Tricolor (Emanuel Magalhães, o terceiro da direita para a esquerda) e da Garra Tricolor (Oswaldo Fontenele, o primeiro da direita para a esquerda).



Figura 18: Emanuel Magalhães, da Fiel Tricolor, e Oswaldo Fontenele, da Garra Tricolor, patrocinados pela Engri Engenharia.

Fonte Acervo Pessoal Oswaldo Fontenele

Entretanto, nem sempre era fácil conseguir patrocínio para as torcidas organizadas. Existiram inúmeras torcidas organizadas nos anos 1980 em Fortaleza que encerraram suas atividades por falta de apoio financeiro.

A maior dificuldade dessas torcidas é conseguir patrocinador, disse o Coordenador da Raça Alvinegra, Eugenio Ferreira. Criada há somente dois meses, essa torcida organizada conta atualmente com 85 pessoas, das quais 20 são mulheres. A ideia de formar a Raça Alvinegra partiu do deputado estadual Franzé Moraes, que prometeu dar camisa para esses torcedores, mas até agora não cumpriu o prometido, disse Eugênio. (**Diário do Nordeste**, 19 set.1983, p.12)

Assim, sem patrocinadores, o dinheiro para manter as torcidas tinha que ser arrecadado entre os membros ou através da promoção de atividades:

Em consequência dessa falta de ajudas financeiras, os membros da Raça Alvinegra empreenderão várias campanhas, como um forró-bingo, em novembro, e que já tem um título “Raça do Vovô”. O dinheiro arrecadado nessas promoções será utilizado na compra de bandeiras, faixas e de uma batucada” (**Diário do Nordeste**, 19 set.1983, p.12)

Quanto à diretoria das torcidas organizadas, existiam cinco cargos que eram preenchidos a cada dois anos, eleitos ou por consenso dos membros. Segundo José Baquit “tinha

o presidente, o vice-presidente, o secretário, o segundo secretário e o tesoureiro. Eu acho que eram esses cinco cargos só no começo, depois passou a ter relações públicas também” (CORREIA, *idem*).

Embora esses cargos não fossem fixos em todas as torcidas, funcionavam como esqueleto para a instituição, sobretudo naquelas que acabavam de ser fundadas. Porém, com a popularização dessas torcidas organizadas, via-se a necessidade de diversificar os cargos da diretoria, como podemos notar na reportagem:

Foi mestre de cerimônia o novo tesoureiro, Luciano Matos, que anunciou a constituição da diretoria empossada: vice-presidente Paulo Vinício, assessor da presidência Ricardo Patrício, relações públicas José Carlos Mota e Fernando Antônio, secretárias Aninha e Violeta, tesoureiro Luciano Matos e Marcos Tavares, diretor de esportes Laercio Coutinho e diretor de material João Neto. (**O Povo**, 27 jun.1982, p.20)

A abertura de mais cargos na diretoria das torcidas organizadas, então, era reflexo do andamento, da adesão e do sucesso que elas tinham na sociedade. A diversificação das torcidas organizadas na cidade de Fortaleza se tornou uma realidade, os dois principais clubes, Ceará e Fortaleza, possuíam várias torcidas organizadas que deram uma ambiência diferenciada aos estádios de futebol.

Veremos, a partir de agora, como essa diferenciação existiu a partir da análise de uma das torcidas organizadas do período, a Garra Tricolor, penetrando no âmago do cotidiano da torcida e no estilo de vida que seus integrantes construíram.

CAPÍTULO 3

Nas arquibancadas e no estilo de vida: a proliferação das torcidas organizadas

Neste terceiro capítulo analisaremos o mundo das torcidas organizadas através de um mergulho nos documentos que trazem à tona as características desse novo tipo de sociabilidade torcedora. Assim, os jornais, entrevistas, imagens e documentos das torcidas foram investigados em busca do conhecimento sobre as torcidas organizadas e sua difusão na cidade de Fortaleza.

No primeiro tópico desse capítulo, “O início e o fim de um modelo: a Garra Tricolor em perspectiva”, faremos uma reflexão sobre a trajetória individual de uma das torcidas – a Garra Tricolor – para elucidar o panorama geral das torcidas organizadas. Isto é, a partir da experiência de uma torcida organizada intentamos mergulhar na realidade do modelo das torcidas organizadas, elencando sua configuração, ideologia e as características em que estavam assentadas suas atividades.

A Garra Tricolor foi a primeira torcida organizada da cidade de Fortaleza, desse novo modelo, após a decadência das charangas. Ela foi criada em 1980 e que teve seu fim em 1993. Problematicamos, nessa perspectiva, o fim de uma torcida que estabelecia a paz e a afinidade entre os membros como critério para entrar na torcida frente a um novo processo que se inseria nas torcidas organizadas: a violência, um dos motivos que fez com que a Garra Tricolor encerrasse suas atividades.

Nesse sentido, o segundo tópico do capítulo aborda o fim desse período das torcidas organizadas, momento em que a violência se acentuou no futebol cearense, e houve uma pluralização dos atos que ampliavam a sensação de crescimento da violência.

Em suma, neste último momento nos debruçaremos sobre os caminhos percorridos pelas torcidas organizadas nos anos 1980, fenômeno que se consolidou e se inseriu no cotidiano das cidades e que agregou características diferentes a sua prática conforme o contexto social, reatualizando-se até os dias atuais.

3.1 O início e o fim de um modelo: a Garra Tricolor em perspectiva

São 7 horas da noite. Estamos na concentração de uma das facções do Fortaleza, a Garra Tricolor. Começam a chegar os primeiros torcedores, devidamente uniformizados com a camisa padrão. O diretor Paulinho já vendeu, antecipadamente, os 350 ingressos de arquibancadas adquiridos às 17 horas. Os carros trazendo senhoras e garotos encostam, pois todos sairão no ônibus fretado. A charanga também chega sob o comando do Toinho Café e Waldir.

Meia hora depois algumas garrafas de cervejas já foram consumidas e os primeiros gritos de “Leão, Leão, Leão”. Por enquanto, as bandeiras estão guardadas por atraso do responsável pela Churrascaria Kantão, na avenida Pontes Vieira. O presidente Osvaldo mostra-se preocupado, afinal, hoje, diante o Palmeiras, é dia de Castelão cheio. Na proporção que passam os minutos o nervosismo aumenta.

Às 20 horas a concentração está tomada e animada. Uma vitória logo mais classifica, por antecipação, o clube dos campeonatos. A estas alturas caixas de cervejas foram consumidas e aparecem alguns litros de cachaça para esquentar mais depressa a cabeça dos integrantes da Garra Tricolor.

A charanga continua tocando e aparecem as primeiras músicas, normalmente com suas letras deturpadas: “Aconteça o que aconteça este ano vai dar Leão na cabeça” ou, então: “Neste palco iluminado, só dá Leão. É um time imortal, oh meu Leão”.

O coletivo aciona seu motor. Primeiramente são colocadas as bandeiras (são 70), depois a charanga, que fica sempre na “cozinha”, seguida pelas mulheres, que ocupam os melhores lugares. Os homens ingressam no ônibus: “Só pessoal da Garra. Depois a gente vê como vai ficar o resto”, grita Paulinho, que é o último a subir: “É fogo comanda uma torcida organizada, Luciano”, diz o diretor para o repórter.

No trajeto do Kantão ao estádio tudo se transforma num misto de animação e expectativa. Lenta, a charanga dá o toque inicial e é entoado o hino do clube: “Fortaleza, time de glória e tradição; Fortaleza, quantas vezes campeão...”. Por educação, ninguém fuma dentro do coletivo, afinal, há ali lindas garotas, senhoras e crianças, que têm um só objetivo: ver mais uma vitória do tricolor de aço na Copa Brasil.

Por onde passa o ônibus é saudado. Dentro, a animação aumenta quando mais perto do estádio se aproxima. Depois de muito calor e alegria a Garra chega no Castelão assim: “Oh, oh, oh, Leão”. Quem está fora aplaude e os integrantes da facção se envaidecem, afinal, todos são tricolores. Com ingresso na mão, não há problemas na bilheteria nem mesmo as garrafas de cachaça conduzidas.

Antes de subir para seu local reservado, atrás do placar eletrônico a ser inaugurado, todos se concentram para, juntos, chegarem lá. Os fogos de artifícios são tirados de dentro dos sacos: “Vamos lá, pessoal”, grita Osvaldo.

A música de entrada todos sabem de cor: “Mas vejam só quem acaba de chegar, é a Garra Tricolor saudando o povo do lugar...”

Os demais torcedores se agitam e aplaudem a multidão de jovens com suas bandeiras tremulando. As baterias de fogos são armadas para quando o time entra em campo.

Entra o Fortaleza. É uma loucura: as bandeiras se agitam, os torcedores lutam, o pipocado de fogos no céu. Todos ficam em silêncio em seguida à espera do Palmeiras, que leva muita vaia, principalmente o goleiro Leão. (**Revista Esportiva**, 26 mar.1984, p.17)

O texto, detalhado e exemplificativo, mostra a preparação da Torcida Garra Tricolor para um jogo da Copa do Brasil contra o Palmeiras. A reportagem “A torcida faz a festa no caminho para o Castelão”, do repórter Luciano Santos, insere-nos no cotidiano e na experiência que o grupo de torcedores organizados compartilham em dias de jogos: a venda de ingresso, o frete do ônibus, o cântico das músicas, a organização das bandeiras e dos fogos de artifício e o consumo do álcool.

Todos esses ingredientes fizeram com que a Garra Tricolor construísse uma identidade que os diferenciavam das outras torcidas organizadas e ao mesmo tempo estabelecia um estilo de vida para aqueles componentes que trocavam ideias, pensamentos e vivências.



Figura 19: Garra Tricolor na chegada ao Castelão
Fonte Revista Esportiva 26 mar.1984

A concentração no restaurante “Kantão” com cerveja, cachaça e charanga, somada ao trajeto no ônibus fretado e à entonação conjunta de vozes, era tão importante quanto as atividades da torcida dentro do estádio. Para aqueles componentes desses agrupamentos, esses

vários espaços praticados coletivamente constituíam a sua forma de vida, estabelecendo vínculos e amizades que moldava o ser humano e o ser torcedor.

Entendemos, portanto, em consonância com a socióloga Josiane Ribeiro, que “as torcidas organizadas são entendidas como um espaço que possibilita àquele que nela ingressa, além de entretenimento, um lugar significativo de vivência e um canal para a comunicação das inquietações, das incertezas e dos impasses comuns a esta condição geracional”. (RIBEIRO, 2010, p.19).

Essas “inquietações” e “incertezas” podem ser captadas nas lembranças de um dos fundadores da Torcida Garra Tricolor, José Baquit, ao recordar os motivos que o fez ser torcedor organizado, e não continuar como um torcedor comum:

Eu acho que foi realmente ver o futebol de uma forma diferente. Você sendo um torcedor comum, acaba ficando passivo dentro do futebol, só ir ao estádio, voltar pra casa, chateado ou alegre, não... precisei ir um pouco mais além, procurar saber os problemas que o clube passa, saber uma forma que você pode contribuir pro crescimento do clube, relacionamento com as pessoas, porque você mexe com emoção, as pessoas reagem de uma forma diferente, então você tem que administrar isso também. (CORREIA, Fortaleza, 10 ago.2013)

Ou seja, as torcidas organizadas são lugares no mundo em que se compartilha, com seus membros, uma rede de relações sociais que implica “entretenimento”, “vivência” e “comunicação” de experiências, mas também a troca de conflitos e problemas simboliza alcançar um espaço além do que o torcedor comum consegue ir, aspectos estes que formaram a base da reprodução desse fenômeno urbano no esporte.

Assim, interessa-nos uma investigação sobre as memórias dos membros da torcida Garra Tricolor, refletindo o modo como essa torcida jovem compreendia seu mundo, dava sentido a suas práticas e construía uma teia de experiências que os identificavam como pertencente ao grupo.

Mergulhar na aventura de chegar ao passado, tentar entender e explicar como grupos de torcedores davam sentido aos seus mundos não constitui uma tarefa fácil. Embora a verdade seja uma meta para o historiador, pretende-se aqui trabalhar com o possível, com os “efeitos de verdade” e com o “verossímil”. (PESAVENTO, 2003)

Para isso, nos debruçamos sobre as entrevistas com componentes da torcida organizada, sendo três deles ex-presidentes e os outros dois integrantes do agrupamento. As

fontes orais foram interpretadas e contrapostas às fontes escritas dos periódicos O Povo e Diário do Nordeste. No entanto, não sobrevalorizamos ou subjugamos uma fonte a outra, pois entendemos que cada uma possui sua importância e seus limites para a prática da pesquisa histórica, como podemos perceber:

Na verdade, a comunicação escrita e a comunicação oral não se excluem mutuamente. Elas têm características comuns, possuem funções específicas e requerem diferentes instrumentos de interpretação. A subvalorização ou a sobrevalorização das fontes orais acaba por não fazer jus ao valor específico que podem ter, transformando-as em mero suporte das tradicionais fontes ou, em alternativa, numa espécie de cura para todos os males” (PORTELLI, 2013, p.21)

Nas memórias de um dos componentes da Garra Tricolor, Emanuel Magalhães, a fundação da torcida foi um episódio engraçado diante do jogo em que, pela primeira vez, uma torcida organizada se fazia presente:

Antes de eu terminar minha faculdade, que eu fiz Ciências Contábeis, eu tinha uma empresa. E nessa empresa o pessoal veio pra gente fundar a primeira torcida organizada, que foi em 04 de outubro de 1980 e chamava-se Garra Tricolor. Então, essa torcida, ela surgiu com a elite da sociedade de Fortaleza. (...) Então nós estreamos no dia 4 de outubro de 80 num jogo Fortaleza e Ferroviário. Por mais incrível que pareça, nossa estreia foi uma derrota [risos]. (MAGALHÃES, Fortaleza, 26 abr.2014).

Quando o periódico Diário do Nordeste surgiu, também no início da década de 1980, os integrantes da Garra Tricolor ofereceram ao novo periódico um bom trabalho na imprensa esportiva, estabelecendo uma conexão entre a torcida e a imprensa, como podemos perceber na reportagem: “Os principais integrantes da “Garra Tricolor”, a primeira torcida organizada instituída por adeptos do Fortaleza E. Clube, estiveram em nossa redação, muito mais para desejar êxito nesse novo empreendimento do Grupo Edson Queiroz” (**Diário do Nordeste**, 19 dez.1981, p.32). Os periódicos e a rádio terão grande relevância na promoção e na divulgação das atividades das torcidas organizadas durante esse período inicial.



Figura 20: Alguns membros da primeira diretoria da Torcida Garra Tricolor
Fonte Acervo Pessoal Osvaldo Fontenele

A formação das primeiras torcidas organizadas em Fortaleza foi alavancada pela organização – inclusive estatutária – e pela ideologia da Garra Tricolor. Esta foi uma das poucas organizações torcedoras do período que registrou judicialmente sua existência, como assim lembrou a reportagem “Garra festeja hoje terceiro aniversário”: “A torcida organizada Garra Tricolor, pioneira no Ceará, distribui hoje também seus Estatutos: “Somos a primeira facção do Norte e Nordeste a reconhecer judicialmente uma facção de torcida” (**Diário do Nordeste**, 03 out.1983, p.16).

O periódico *Diário do Nordeste*, em reportagem, destacou também as atividades da Garra Tricolor ao colocá-la como referência:

[...] a Garra Tricolor apresenta uma bem montada estrutura, tanto organizacional como financeira. Tanto é que para seus 800 componentes entrarem na Torcida precisam comprar camisa nas cores branca, azul e vermelha e com as iniciais G.T. e preencher uma ficha. Antes de cada jogo a torcida se reúne no Kantão [restaurante], na [Avenida] Pontes Vieira. Lá seus membros ficam mais de uma hora, cantando, bebendo e batucando. Expondo suas 47 bandeiras padronizadas e suas enormes faixas, eles criaram um ambiente de festa no local, terminando por convocar os transeuntes e os motoristas que passam na avenida para irem prestigiar o Fortaleza. Do Kantão, eles saem em caravana até o Castelão, onde sentam sempre no mesmo local, ou seja, à direita das cabines de rádio, lugar tradicionalmente destinado à torcida do Fortaleza. (**Diário do Nordeste**, Fortaleza, 19 ago.1983, p.24)

Percebe-se que existia um ritual anterior aos jogos de futebol: os membros da Garra Tricolor encontravam-se no Restaurante Kantão, ensaiavam gritos de guerra e charangas,

caminhavam em direção ao estádio, construindo sociabilidades através daquela torcida organizada. Os encontros dentro e fora dos estádios fortaleciam o agrupamento de torcedores e denotavam a formação de uma identidade, diferenciando-os e consolidando o grupo.



Figura 21: Bandeiras da torcida Garra Tricolor.
Fonte: Arquivo Pessoal Osvaldo Fontenele

Um dos fundadores, Gbson Rolim, em depoimento, demonstra como os componentes se associavam e como as vivências se ampliavam para além do futebol, do campo e da torcida:

Em 1981, quando a violência não existia praticamente, nós já nos preocupamos em fazer o cadastro de todos os associados, a pessoa pra se associar a Garra Tricolor, ela tinha que passar por uma triagem. Então, a gente só aceitava quem a gente achava que deveria aceitar. E a torcida foi formada com o intuito principal era motivar o time. E outra: nós formamos um grupo de amigos, onde na própria torcida houveram pessoas que se casaram, componentes da torcida que chegaram a se casar. Era uma irmandade, uma coisa legal... (ROLIM, Fortaleza, 01 ago.2013)

Isto é, ser membro da Garra Tricolor significava estender as relações estabelecidas na torcida para a vida de cada sujeito, para a construção de subjetividades não dissociadas do coletivo. Assim, o pertencimento à torcida se refletia na vida individual, no comportamento e nos costumes dos componentes, como podemos perceber quando José Baquit relembrou o significado da sua experiência na Garra Tricolor:

A gente passava a ter que conviver com várias pessoas diferentes no mesmo momento, isso a gente leva pra vida da gente, é uma experiência muito rica. As pessoas são diferentes, pensam diferente, agem de forma diferente e você tem que saber conciliar isso aí. Foi muito bom esse lado da torcida. Fiz amigos que eu tenho até hoje. Porque meus amigos são os da época que começou, pessoas amigas que ninguém tem nenhum interesse diferente, o interesse era um só, era um só objetivo, então era uma amizade verdadeira porque ninguém começou a torcida para ser apenas amigo do outro. Era um objetivo que todo mundo teve com o convívio, então a gente passou a ver as pessoas até hoje, quando as pessoas se encontram. Sempre um precisava do outro, na hora de carregar um bandeirao, na hora de uma coisa e outra, tinha um, “pega aqui”, ajuda todo mundo. (CORREIA, Fortaleza 10 ago.2013)

Desse modo, salientamos a necessidade de compreender como os sujeitos pertencentes à Garra Tricolor formaram uma tessitura de experiências que constituíram sociabilidades em uma teia de significados afetivos entorno da torcida organizada Garra Tricolor.

As relações construídas pelos membros dessa torcida não se restringiram aos espaços nos estádios de futebol, sendo ampliadas para o cotidiano em encontros, viagens, eventos em prol do clube e outros espaços que fortaleciam o pertencimento à torcida. A Garra Tricolor era uma torcida que organizava jantares, churrascos, bingos e demais festas para angariar dinheiro para o clube, como podemos perceber na reportagem “Forró da Garra”:

Componentes da “Garra Tricolor” estiveram presentes ontem, à redação do DN, para divulgar o “Forró do Há Garra”, uma promoção da facção da torcida do Fortaleza e que será realizado hoje, na sede do clube, no Pici. O Forró está sendo muito bem organizado pelos componentes da Garra: Osvaldo Fontenele, João Neto, Ana Maria, Arlene Mota e o ex-presidente, Ricardo Lemos. (**Diário do Nordeste**, 09 jul.1983, p.11)

Orlando Patrício confirmou a realização desses eventos e complementou que o dinheiro arrecadado tinha dois destinos, era doado para o clube e também para financiar viagens da torcida:

A Garra tricolor fazia São João, fazia Dia dos Namorados, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças. Então, todas as datas que eram motivos de comemoração, a gente colocava as barraquinhas lá no Pici, fazia paçoca, baião de dois, aquele negócio todo, levava sanfoneiro, levava alguém no violão e fazíamos aquelas festas. E tem mais, o que a gente arrecadava, uma parte ia para as despesas das viagens da torcida, porque era uma torcida pequena, porém compacta, uma torcida que proporcionou mais de 10 casamentos, temos o exemplo do Osvaldo Fontenele, o primeiro casamento dele, e o do Ricardo Lemos. A gente tirava disso aí e o resto doava para o clube ou comprava as coisas para o clube na parte social, na parte de cozinha, essas coisas todas. (PATRÍCIO, Fortaleza, 30 jul.2013)

O jornal *Diário do Nordeste*, ao parabenizar e cobrir o terceiro aniversário da Garra Tricolor, mostrou detalhes da festa e da trajetória da torcida:

Para comemorar seu terceiro aniversário, a Garra Tricolor, uma das facções da torcida do Fortaleza, promove a partir das 21 horas de hoje, no BNB-Clube, um jantar de confraternização entre seus 400 integrantes, afora os familiares. A primeira torcida organizada a surgir no futebol cearense foi criada por um grupo de abnegados simpatizantes do “Leão”, que na época não passava por bons momentos dentro de campo.

Apesar dos revezes, a disposição dos torcedores era destacada com o apoio e colaboração de meia dúzia de tricolores. No entanto, o grupo aumentou e hoje são 400 pessoas que vibram e agitam bandeiras coloridas nas arquibancadas dos estádios. (*Diário do Nordeste*, 04 de out.1983, p.14)

Outra importante atividade das torcidas organizadas era a organização de passeatas comemorativas e de caravanas para acompanhar os jogos do time em outras cidades. As passeatas geralmente aconteceram quando os clubes se tornaram campeões de campeonato, mobilizando os torcedores a circularem e festejarem o título pelas ruas do espaço urbano:



Figura 22: Passeata de comemoração do título de 1982

Fonte: *Diário do Nordeste* 19 dez.1982

Pode-se perceber que as passeatas aglomeravam grande quantidade de torcedores, sendo um cortejo espontâneo através do qual as torcidas expressavam seu amor ao clube em cima dos carros, em bicicletas ou em motocicletas.

As caravanas realizadas pela Garra Tricolor não eram menos importantes, pois a torcida era referência na organização das viagens, principalmente pelo interior do estado. Os periódicos eram um recurso utilizado pelas torcidas para divulgar as caravanas, como a que levou

os torcedores do Leão a Juazeiro do Norte, para dar apoio necessário ao Fortaleza, que enfrente, neste domingo, o Icasa, no Romeirão. Um ônibus executivo sairá de frente ao Restaurante Kantão, na Pontes Vieira. A passagem de ida e volta custa Cr\$ 8 mil e 500. A saída será às 19h, deste sábado. Os interessados devem ligar para o Ricardo Lemos, pelo fone: 2310661 (**Diário do Nordeste**, 09 jul.1983, p.11).

Na foto abaixo, publicada pelo jornal O Povo, a Garra Tricolor esteve presente na cidade de Iguatu. Nota-se que um dos símbolos fundamentais para as torcidas organizadas da época não poderia faltar: as bandeiras, complementando a festa com papel picado e fogos de artifício no estádio Moreirão.



Figura 23: Torcida Garra Tricolor marcando presença no Moreirão, estádio localizado na cidade de Iguatu – CE

Fonte acervo pessoal Osvaldo Fontenele

Além das bandeiras, outro símbolo tradicional para as torcidas organizadas eram os instrumentos. Na foto a seguir, percebe-se que existiam instrumentos de percussão, o tambor, no lado esquerdo, como também havia a presença de instrumentos de sopro, herança das charangas.



Figura 24: Garra Tricolor Bandeiras e Instrumentos
Fonte Acervo Pessoal Osvaldo Fontenele

Temos, assim, a hipótese de que a construção dessa pluralidade de laços sociais possibilitou a consolidação, a permanência e a continuidade das torcidas organizadas na sociedade, embora com premissas e ideologias distintas quando comparada as Torcidas Organizadas atuais.

Por muito tempo, a Garra Tricolor estabeleceu critérios para quem queria ser membro, principalmente a amizade, a afetividade. Ser amigo de um dos componentes era fundamental para o controle interno da Garra Tricolor. Nesse sentido, a torcida ganhou uma conotação familiar, em que muitas mulheres participavam das atividades da torcida, as esposas acompanhavam seus companheiros e irmãos vivenciavam aquelas experiências.

Em época festivas, como Carnaval, Natal e período de Réveillon, por exemplo, a diretoria da Garra Tricolor confeccionava cartões ou mensagens que foram entregues para todos os membros, denotando uma ambiência íntima e familiar entre os componentes.

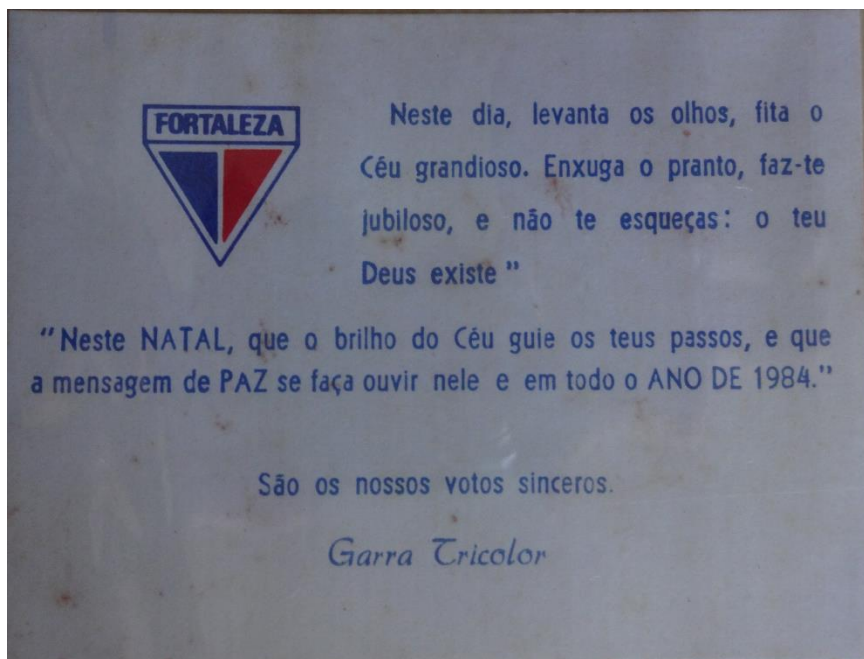


Figura 24: Cartão de Natal de 1984
 Fonte Acervo Pessoal Osvaldo Fontenele

Porém, ao mesmo tempo que a torcida estabelecia esse critério, limitava a entrada de novos componentes, contribuindo para emergir um discurso de que a torcida não era popular. Osvaldo Fontenele, em entrevista, afirmou que

O pessoal dizia que era uma torcida elitizada, a maioria do pessoal bem-sucedido não deixava muita gente se infiltrar, mas era pra evitar o que tem hoje (...) Eles selecionavam, não vendiam camisa pra todo mundo, mas era só questão de controle. A gente sempre procurava mais nas viagens, nos ônibus da gente, era tudo família, casais, mãe, irmãos, esposas, é tanto que da Garra Tricolor saiu mais de vinte casamentos, inclusive o meu. (FONTENELE, Fortaleza, 29 jul.2013)



Figura 25: Foto Mulheres da Torcida Garra Tricolor
Fonte Acervo Pessoal Osvaldo Fontenele

Para além dessa conotação, a torcida Garra Tricolor mantinha suas reuniões semanalmente e, por esta organização, conseguiu sobreviver diante das adversidades e dos problemas em manter a torcida organizada. Pela combinação entre a tradição – através das charangas e o ambiente familiar – e a absorção de novos elementos – o comportamento crítico e as inovações estéticas do espetáculo, a Garra Tricolor possibilitou a consolidação do processo de formação das torcidas organizadas em Fortaleza, apesar de alguns comportamentos terem sido deturpados em outras experiências, como o aparecimento dos primeiros casos de violência.

Durante os dez primeiros anos de sua existência, entre 1980 e 1990, a torcida Garra Tricolor foi um grupo atuante nas arquibancadas e no clube como um todo. Entretanto, três fatos mudaram o destino da torcida: o suicídio de Ricardo Lemos em 1989, o primeiro presidente da torcida; a popularização da torcida organizada e o início da violência; e, para finalizar, o envelhecimento dos membros e os seus afazeres particulares, como afirmou Osvaldo Fontenele:

Por que acabou? Rapaz, a maioria das pessoas foram casando, então geralmente quando se casa o cara já absolve outras coisas, a esposa, os filhos, aí muita gente já deixa. (...) E o pessoal já não tem mais aquela mesma fibra, a mesma garra, que é o próprio nome mesmo da torcida, aí o cara vai cansando. (FONTELENE, Fortaleza, 29 jul.2013)

Outro fator que contribuiu para o fim dessas primeiras torcidas organizadas foi o descontrole sobre quem participava do grupo. Antes, a direção estabelecia relações e tinha o controle dos membros, a maioria era amigo ou familiar de algum dos componentes que já

estavam no seio da torcida. Com o tempo, a associação foi se popularizando e pessoas que não eram próximas dos membros participavam, situação esta que fez com que perdesse o sentido da ideologia da torcida organizada:

Um dos fatores é justamente essas infiltrações de pessoas de fora. Então, começaram a pagar, todo cara que paga X, pra poder ser participante da torcida, aí ficou aberta demais, pra todo mundo, então entra quem quer, “ah, eu sou torcedor do Fortaleza, paga x e entra”... (SANTOS, Fortaleza, 28 abr.2014)

José Baquit, sobre o fim da Torcida Garra Tricolor, antecipou uma das questões que o fenômeno das torcidas organizadas passaria a conviver: a violência. E, para o ex-fundador da torcida, a Garra Tricolor encerrou suas atividades porque os membros perceberam o que estava acontecendo, a entrada de muitas pessoas e a perda de controle:

O problema da torcida organizada é um problema social, que eles levam pra dentro da torcida organizada o problema que ele passa dentro da vida dele. Passam dificuldades, alguns usam drogas, essas coisas de hoje, que é o grande problema do Brasil e é o problema do mundo todo. Então eles levam pra dentro da torcida organizada. Foi isso aí que acabou a Garra Tricolor. No momento que a gente tinha o controle e existia o respeito com todo mundo, e passa abrir e passa a entrar pessoas diferentes, começa a querer a extrapolar e a gente não tinha mais o controle, aí não era mais a gente. A gente não queria assumir responsabilidades, então eu acho que talvez pode ter sido isso, a gente não queria assumir responsabilidades pelos outros, como acontece hoje, de ter problemas e a gente falar “ah, a culpa é nossa porque foi a gente que deixou participar da torcida”. A gente sempre pregou o respeito com o próximo e então eu acho que o maior motivo foi por isso aí de evitar problemas futuros. (CORREIA, Fortaleza, 10 ago.2013)

“Evitar problemas futuros” ou manter o controle sobre quem entra na torcida organizada? A Torcida Garra Tricolor, pioneira na cidade de Fortaleza e exemplo para diversas outras torcidas que surgiram na década de 1980, não soube conviver com esse dissídio e, a partir dos anos 1990, pouco aparecia nos noticiários. Em 1993, foi o ano em que registramos a última notícia sobre este grupo e que tratava de uma tentativa de voltar a se fazer presente nas arquibancadas, mas já era tarde, porque o objetivo e a vida dos componentes eram trilhados em outros passos.

Alguns membros que fizeram parte da direção da Garra Tricolor continuou sendo não apenas um torcedor comum. Apesar de ter saído da torcida organizada, optou por atuar em um novo espaço dentro do clube: na diretoria do Fortaleza Esporte Clube. Nestor Falcão, José Carlos Mota, Gbson Rolim e outros da Garra Tricolor ingressaram na diretoria do clube, às vezes, como presidente, diretor social ou qualquer cargo da diretoria. Sobre esse aspecto, o jornal O Povo noticiou essa transição do ser torcedor para o ser diretor em uma reportagem

intitulada “Nova República no Pici: da emoção de torcedor na arquibancada para traçar o destino do Fortaleza”:

O desejo de todo torcedor que vai ao estádio, que vibra, xinga, se emociona, é de que seu time saia de campo com a vitória. Quando perde, no entanto, ele não perdoa e exige da diretoria novas contratações. Mas se, de repente, o torcedor que agita bandeiras, entre fogos de artifícios e papel picado, deixasse a arquibancada para dedicar-se ao clube do coração como dirigente, o seu comportamento ainda seria o mesmo? (**O Povo**, 17 jun.1985, p.12)

A reflexão que o periódico instigou foi uma questão fundamental para compreendermos o fim da Garra Tricolor. Nas palavras de Gbson Rolim, esse processo foi natural, pois

Todo torcedor do Fortaleza imagina um dia ser presidente do Fortaleza, eu pelo menos penso assim. Eu, um dia, se tivesse oportunidade, por que não seria? Embora não é o meu foco porque eu tenho outras ocupações, então eu acho que a pessoa pra ser presidente do Fortaleza ela tem que se dedicar, porque é muito difícil e muito complicado, exige muito. Então o Nestor [ex membro da Garra Tricolor] teve uma oportunidade de ser e foi, o Lucio Bonfim teve a oportunidade de ser e foi, então é uma transição normal, se você estar ali... Hoje, nós temos quantos presidentes de clubes não saíram da torcida? Falando da nossa inspiração, a torcida do Vasco, Roberto Dinamite, que então era ídolo da torcida do Vasco, hoje é presidente do Vasco, jogador, que era meu ídolo do Vasco, passou a ser presidente. (ROLIM, Fortaleza, 01 ago. 2013)

Aqueles antigos membros da Garra Tricolor, agora, inseriram-se na direção do clube e, com essa mudança, foi necessário mudar alguns comportamentos também:

Como ex-integrantes da Garra Tricolor e atualmente membros da diretoria do Fortaleza Esporte Clube, o presidente Nestor Falcão e os diretores José Baquit e José Carlos Mota, passaram por esta mudança e asseguram que as atitudes deixam de ser emocionais e se transformam em ações racionais, reflexivas. Assim é que, desde a eleição da diretoria em abril, o comportamento dos três tricolores mudou. Agora procuram controlar as paixões, trabalhando com lucidez e o que é mais importante, pensando três vezes antes de emitir opinião. (**O Povo**, 17 jun.1985, p.12)

Portanto, essa transformação poderia ser espontânea ou até programada, como afirmou José Carlos Mota:

A Garra Tricolor foi o início dentro do futebol uma coisa que eu venho muito pra mim, que quando a primeira vez que eu vi o clube em Quixadá, que eu amei aquelas cores, o meu sonho ali era participar da diretoria do clube, e eu achava que o caminho certo era começar por baixo como eu fiz, frequentando os estádios em primeiro lugar, fundando uma torcida organizada e a própria imprensa vendo o trabalho que a gente fazia fora era um trabalho educativo, criativo, que não tinha fins lucrativos, financeiro, lançou a ideia de ‘ah, porque o fulano não vai pra diretoria’, então foi quando eu entrei nisso aí, comecei

por aí. Então foi o que foi mais gratificante pra mim foi isso aí. (MOTA, Fortaleza, 31 jul.2013)

Dessa forma, a torcida organizada Garra Tricolor foi deixando de embelezar as arquibancadas dos estádios cearenses para se dedicar ao clube e a paixão em outro plano: na diretoria do Fortaleza Esporte Clube. Da trajetória desses membros e da instituição, suas experiências mostraram que a torcida nunca deixou de existir, mas procurou persistir em outros setores da vida do clube e trazer consigo a ideologia de uma torcida organizada diferente, familiar e que fez da arquibancada o seu principal cenário para mostrar o que era o estilo de vida de centenas de sujeitos.

Portanto, o enfraquecimento das primeiras torcidas organizadas representou um distanciamento da ideologia construída inicialmente por esses grupos e os caminhos que foram percorridos pelos grupos, desembocando na configuração de torcidas organizadas nos anos 1990 diferentes daquelas que se inseriram no espaço urbano nos anos 1980. Essa nova realidade praticada pelas torcidas organizadas a partir da década de 1990 é o objeto da nossa reflexão no próximo tópico.

3.2 Pluralização da violência: sensibilidades e percepções de torcedores na cidade de Fortaleza

O primeiro modelo das primeiras torcidas organizadas foi entrando em decadência na medida em que a violência passou a ser um fato praticado pelos torcedores. Os chefes de torcida das charangas, nos anos 1960 e 1970, e os fundadores das primeiras torcidas organizadas nos anos 1980 não planejaram o funcionamento das suas torcidas se envolvendo com a violência.

Entretanto, o fenômeno das torcidas organizadas resistiu ao crescimento da violência no espaço urbano, embora outras torcidas organizadas adquiriram a centralidade nos estádios de futebol em Fortaleza.

As principais torcidas organizadas que conseguiram coexistir com a violência urbana foram a Torcida Organizada Cearamor (TOC) e a Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF). A permanência dessas instituições e a extinção das torcidas organizadas anteriores não significou que a TOC e a TUF defendiam a violência, mas novos aspectos presentes na ideologia e na prática dos seus componentes, conforme sugeriu Josiane Ribeiro (2010), possibilitaram a convivência com o confronto entre as torcidas. A partir dos anos 1990, o “baile-funk” e o caráter da masculinidade permearam a atividade dessas torcidas.

Vale ressaltar ainda que, durante os anos 1980, houve esporádicos casos de violência nos jogos de futebol. Embora fosse difícil de captar esses casos, na investigação dos anos 1980, só encontramos um caso de violência noticiado pelo jornal Diário do Nordeste em 1982, com o seguinte título “Torcedor assassinado no jogo do Fortaleza”:



Figura 26: Assassinato no jogo entre Fortaleza e Ferroviário

Fonte Jornal Diário do Nordeste

O torcedor do Fortaleza Francisco Erivaldo Leite, integrante da torcida organizada Fiel Tricolor, foi empurrado por outro torcedor, integrante da torcida do Ferroviário Atlético Clube, e caiu das arquibancadas do estádio Castelão. A notícia teve enorme repercussão na imprensa e, durante alguns dias, continuou a ser assunto do ambiente esportivo, revelando como uma notícia do futebol nas páginas policiais do jornal era uma surpresa e inaceitável naquele período.

Quando o assunto sobre violência no futebol é retratado, sempre nos remetemos às brigas entre torcidas rivais, principalmente na década de 1990 e nos anos 2000, quando a tensão entre as torcidas organizadas eram os principais motivos para a eclosão de conflitos (TOLEDO, 1996).

A consolidação das torcidas uniformizadas foi um processo instável para a maioria delas, mas que se sustentaram através da rivalidade com a torcida do outro time para conseguir se estabilizar estruturalmente. Economicamente, consolidaram-se pela venda de camisas, bonés, shorts, etc. e outros materiais audiovisuais, como também pela associação dos membros nas torcidas, que foi uma estratégia adotada como recurso financeiro utilizado até os dias atuais.

Em Fortaleza, a principal torcida organizada do Ceará Sporting Club, “Torcida Organizada Cearamor” (TOC), foi fundada em 1982 e, quase que uma década depois, foi criada a sua principal rival, a “Torcida Uniformizada do Fortaleza” (TUF), em 1991. Durante a década de 1990, a disputa e a oposição entre essas duas associações torcedoras figuravam intensamente no cenário esportivo cearense, principalmente em dias do “Clássico-Rei”.

Nessa perspectiva, notava-se cada vez mais uma relação de rivalidade entre esses dois grupos de torcedores organizados, que, repetidamente, protagonizavam cenas de violência nos estádios. A violência, nesse momento, evidenciava-se principalmente através do confronto entre as torcidas no entorno dos estádios, situação que se acentuava quando o sistema de segurança da Polícia Militar do Estado do Ceará não era suficiente para conter as ocorrências.

A quantidade de brigas, de conflitos e de outros tipos de ocorrências dificultava a sistematização da violência para o ofício dos policiais devido à diversificação de espaços que tais fatos ocorriam, desde os terminais de ônibus e o percurso ao estádio até aos momentos anteriores aos jogos no entorno das praças esportivas. Gustavo Teixeira de Oliveira²⁸, ao ser interrogado sobre a violência nos anos 1990 e 2000, relatou:

Pelo que lembro, de certa forma já havia alguma violência próximo aos estádios, principalmente quando eram jogos de clássico. Lembro de confusões com polícia/cavalaria nas entradas, devido a grande quantidade de pessoas para entrar. Sempre se tem notícias de brigas nos terminais de ônibus ou nos arredores do estádio em dias de clássicos. (OLIVEIRA, Fortaleza, 24 set.2012)

Nesse período, a violência se revelava principalmente pela confusão entre as torcidas organizadas rivais em dias de clássico, isto é, a violência era recortada e percebida em jogos entre Fortaleza e Ceará, os clássicos que protagonizavam conflito entre as torcidas organizadas. Outro depoente, André Luiz Acioly Simões²⁹, sobre a sua percepção da violência, respondeu: “Havia confronto entre torcidas organizadas ou dentro da própria torcida. Briga entre torcedores, ônibus quebrados com pedras” (SIMÕES, Fortaleza, 26 set.2012). O segundo entrevistado acrescentou ainda a presença de brigas entre integrantes da mesma torcida, ou seja, confusões ou brigas praticadas por torcedores do mesmo clube, aspecto contraditório que começou a se fazer presente nos estádios.

Essa situação criou um modo particular de sensibilidades, que são um conjunto de estímulos sociais que são percebidos através das reações das pessoas e que podem incorporar ou não outros aspectos, como podemos notar nas ponderações de José Antônio Abib (2010, p.289): “Uma nova sensibilidade depende de sensações, percepções e prazeres. Mas o processo psicológico fundamental dessa nova sensibilidade é a imaginação”. Nesse sentido, qual foi a

²⁸ Gustavo Teixeira de Oliveira atualmente é advogado e começou a frequentar os estádios de futebol nos anos 1990, é torcedor do Fortaleza Esporte Clube e não integra torcida organizada.

²⁹ André Luiz Acioly Simões atualmente é advogado e começou a frequentar os estádios de futebol nos anos 1990, é torcedor do Fortaleza Esporte Clube e não integra torcida organizada.

imaginação dos torcedores diante da violência nesse período? Que elementos poderiam emergir nesse cenário?

Victor Cardoso³⁰, interrogado acerca dessa problemática, sugeriu um ponto interessante para análise: a busca pela prevenção. Em suas palavras: “Lembro do meu pai dizendo para não vestir nenhuma camisa que trouxesse as cores do adversário, desde que o adversário tivesse torcida organizada rival com a torcida organizada do meu time” (CARDOSO, Fortaleza, 25 set.2012). Percebemos que a tentativa de evitar possíveis contratempos se iniciava desde a escolha do trajeto para se chegar ao estádio até as vestimentas que se usava para ir ao estádio.

A prevenção para evitar que a violência afetasse diretamente o depoente obrigava o torcedor a deixar de usar um símbolo da sua identidade. A partir dos anos 1990, portanto, alguns torcedores na cidade de Fortaleza optaram pela descaracterização devido ao contexto de violência nos jogos de futebol.

Se comparado ao contexto de emergência das torcidas organizadas nas décadas de 1960 a 1980, essa atitude estaria distorcida do que se entendia por torcida, paixão e futebol, pois naquele momento os torcedores rivais tinham a possibilidade de conviver tranquilamente, seja no dia a dia como em dias de clássicos, e até mesmo no trajeto juntos para o estádio.

Portanto, vemos que a violência vinculava-se, em geral, à rivalidade entre os torcedores organizados. Contudo, com o passar do tempo outras formas de violência foram dinamizando esse fenômeno.

Sucessivos fatos de violência nos jogos de futebol no Estádio Presidente Vargas foram debatidos pela mídia nacional esportiva, em jornais locais e pela sociedade cearense nas reportagens “Moradores denunciam arrastão feito por torcedores no entorno do PV”³¹ e “Antes de jogo, torcidas organizadas entram em conflito em Fortaleza”³². As duas notícias analisam, além do confronto entre as torcidas organizadas, a presença de assaltos, arrastões e degradação do patrimônio público nas praças e nas ruas do Bairro Benfica, no qual se encontra o Estádio Presidente Vargas.

³⁰ Victor Cardoso atualmente é estudante de Engenharia Civil e começou a frequentar os estádios de futebol nos anos 1990, é torcedor do Fortaleza Esporte Clube e não integra torcida organizada.

³¹ Disponível em <<http://www.jangadeiroonline.com.br/policia/moradores-denunciam-arrastao-feito-por-torcedores-no-entorno-do-pv/>>. Acessado em 25 de setembro de 2012.

³² Disponível em <<http://www.tvcanal13.com/noticias/antes-de-jogo-torcidas-organizadas-entram-em-conflito-em-fortaleza-24595.html>>. Acessado em 26 de setembro de 2012.

Nota-se uma pluralidade do vandalismo, que não se agravava ou se apresentava somente em dias de clássicos entre Fortaleza e Ceará, mas de forma generalizada. Os atos de violência são múltiplos e se desenvolvem entre diferentes sujeitos.

Com certeza há uma escalada da violência na atualidade próximo aos estádios de futebol. Infelizmente nos jogos do Fortaleza também se percebe isso. Vemos também assaltos, furtos e arrastões em dias normais de jogo, com torcida única, sem ser clássico, de modo que a frequência é bastante elevada, tendo notícia de práticas desse nível quase todos os jogos, infelizmente. (OLIVEIRA, Fortaleza, 24 set.2012).

Arrastões, furtos e brigas entre torcidas organizadas do mesmo time, assim como confusões entre torcedores e policiais são alvos de discussões nas redes sociais e nos jornais que circulam diariamente, abrangendo, assim, o debate sobre a importância do esporte e a violência que o acompanha ultimamente na cidade. Ainda nesse sentido, Arthur Paes Lima³³ corrobora:

Sempre houve violência, mas acho que agora a coisa está bem mais grave. Hoje em dia são mais brigas entre as torcidas e mais violentas ainda, além dos arrastões que sempre temos notícia, destruição do patrimônio público, etc. Não lembro de antes ter notícia de muitas mortes por conta de jogos ou torcidas, coisa que hoje em dia tá ficando cada vez mais frequente. (LIMA, Fortaleza, 26 set.2012).

O depoente chama atenção também para a violência e dano ao patrimônio público, mencionada também nas reportagens dos jornais expostos. Essa violência se materializa na destruição de banheiros, quebra de cadeiras nos estádios e da estrutura das praças próximas aos estádios, depredação da sinalização nas ruas, além da própria degradação do estádio.

A violência não se delimitou apenas em dias de jogos de clássicos regionais, como anteriormente discutimos, pois se mostrava generalizante, abrangente e complexa, envolvendo, além das brigas, destruição do patrimônio público, o bem-estar social nos arredores do estádio para os moradores.

Nesse sentido, esse sistema plural que envolve futebol, imprensa, violência e sociedade passou a agregar novos valores e novas perspectivas na configuração social do

³³ Arthur Paes Lima atualmente é administrador e começou a frequentar os estádios de futebol nos anos 1990, é torcedor do Fortaleza Esporte Clube e não integra torcida organizada.

esporte, denotando outras visões que eclodem com a formação de uma opinião pública generalizante contra o futebol.

E sobre o papel do torcedor nessa pluralidade, cabe ainda acrescentar a posição de Luis Henrique de Toledo quanto ao olhar do indivíduo que participa e sente o esporte: “A condição de torcedor abre a possibilidade de determinadas vivências, tipos de sociabilidade e imagens que transcendem aquelas impostas pelo cotidiano ao indivíduo no papel de cidadão comum” (TOLEDO, 1996, p.41).

A partir dessas vivências descritas, surgem a sensibilidade e a percepção que nos aflige e se inserem em um contexto, que é lembrado por Abib pela relação entre mundo e indivíduo:

O conceito de sensibilidade contribui para integrar diversas áreas de pesquisa psicológica. Sensação, percepção, sentimento, emoção, são processos psicológicos que pertencem à esfera da sensibilidade. A sensibilidade não existe como interioridade fechada sobre si mesma. Ao contrário, ela existe em relação com o comportamento. E como o comportamento existe em relação com o mundo, a sensibilidade também existe em relação com o mundo. Quando sentimos emoções, estamos sentindo o mundo (ABIB, 2010, p.291).

A vivência em dias de jogos, para além dos times em disputa nos campos de futebol, permite-nos refletir sobre outros fatores inerentes à perspectiva de esporte que os torcedores possuem e, por isso, não podem deixar de ser registrados e, acima de tudo, discutidos academicamente. Sobre essa relevância, Toledo conclui:

Descrever os usos dos espaços públicos pelos torcedores consiste em revelar também a cidade na sua diversidade e heterogeneidade. As percepções da esfera pública por parte destes, que afluem semanalmente aos estádios, devem ser entendidas através das diferentes representações e apropriações que fazem deste domínio (TOLEDO, 1996, p.41).

Nos discursos dos depoentes, essa vivência “extra-campo” muitas vezes coincidiu, seja nas conversas em bares e praças como em outros espaços que servem como lugares de discussão, de percepção e de criação de novas posturas diante do significado do esporte. Sobre esse assunto, Gustavo Teixeira afirma: “Geralmente, quando são jogos no PV, fico na praça da Gentilândia ou ruas próximas. A grande maioria dos torcedores frequentam bares ou simplesmente os “trailers” por perto, geralmente para beber alguma coisa (cerveja, cachaça) e comer petiscos” (OLIVEIRA, Fortaleza, 24 set.2012). Ainda nessa perspectiva, Arthur Lima concorda: “Costumo ficar com os amigos conversando, bebendo um pouco e aí quando tá mais

perto do início do jogo a gente entra. Geralmente ficamos ali na pracinha da Gentilândia, em frente ao Caicó[restaurante localizado próximo ao estádio]” (LIMA, Fortaleza, 26 set.2012). O momento que antecedia os jogos de futebol, independente do clube que seja, é fundamental para o diálogo, a percepção e a construção de olhares sobre as situações violentas presenciadas.

A opinião pública se construiu a partir dessa nova perspectiva no futebol, revelando essa situação de novos valores, símbolos e apropriações da violência, que reverberam no posicionamento a favor ou contra a existência de torcidas organizadas, cujo assunto envolveu variados problemas, tais como: segurança, educação, política estatal, ação do Ministério Público, etc.

Esses torcedores são sujeitos históricos e agentes do cotidiano que interferem e mobilizam a sociedade, resultando em atitudes que, correta ou equivocadamente, evidenciam o papel social dos indivíduos.

Em Fortaleza, ultimamente a construção dessa opinião pública sobre a violência no futebol vem sendo cada vez mais intensa, eclodindo em algumas medidas, como podemos perceber a seguir:

O Ministério Público Estadual (MPE) recomendou e a Federação Cearense de Futebol acatou. A entidade publicou nesta sexta-feira (21) uma resolução que proíbe integrantes, associados e simpatizantes de duas torcidas organizadas do Fortaleza de frequentar estádios de futebol com objetos identificadores das facções.

De acordo com o documento, a punição da **Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF)** vale por **três meses**. Já para a **Torcida Jovem Garra Tricolor (JGT)** a punição vale nos **próximos dois jogos da equipe no PV**. A medida, que passa a vigorar a partir desta sexta-feira (21), foi baseada nas ocorrências registradas nos relatórios da Polícia Militar sobre os jogos entre Fortaleza x Santa Cruz, no último dia 12 de agosto, e Fortaleza x Paysandu, no dia 16 de setembro passados, ambas no Estádio Presidente Vargas, em jogos válidos pela Série C.³⁴

Mais recentemente, em decorrência do jogo entre as equipes do Fortaleza e do Paysandu no dia 16 de setembro de 2012, um torcedor foi proibido de ir aos jogos de futebol após ter sido apreendido com um explosivo dentro do estádio, como nos mostra a notícia: “O torcedor preso em flagrante, no último domingo, 16, com bomba caseira no Presidente Vargas

³⁴ Disponível em <<http://esportes.opovo.com.br/app/esportes/clubes/fortaleza/2012/09/21/noticiasfortaleza,2434786/ministerio-publico-suspende-duas-torcidas-organizadas-do-fortaleza-de.shtml>>. Acessado em 24 de setembro de 2012.

(PV), foi proibido de frequentar ou se aproximar, pelo prazo de um ano, de estádios onde ocorram jogos do Fortaleza”³⁵.

Não nos preocupamos em avaliar as punições aplicadas pelo Ministério Público, mas cabe ressaltar que a instituição Torcida Uniformizada do Fortaleza foi proibida de entrar no estádio, embora todos os indivíduos que fazem parte da torcida e praticaram vandalismos nos episódios citados poderão frequentar os estádios durante a proibição temporária daquela instituição, mas contando que não levem nenhum objeto que os identifiquem enquanto torcedor organizado.

Essa medida revela lacunas e foi bastante polêmica na sociedade, mostrando falhas nos atos punitivos e revelando como o futebol e as torcidas foram se modificando com o tempo até chegar à situação de serem proibidas de entrar nos estádios.

³⁵ Disponível em <<http://esportes.opovo.com.br/app/esportes/clubes/fortaleza/2012/09/20/noticiasfortaleza,2434552/torcedor-presos-com-explosivo-esta-proibido-de-ir-a-estadios.shtml>>. Acessado em 24 de setembro de 2012.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Os caminhos em busca do conhecimento das torcidas de futebol em Fortaleza foram trilhados pelo indício do que as reportagens, os depoimentos, as imagens e as músicas nos apresentavam. Durante esse percurso, constatamos que o trajeto era movediço, podendo nos enveredar para inúmeros outros caminhos ou nos perder nessa quantidade de detalhes.

O objetivo, no início do percurso, era dar um entendimento da trajetória das torcidas do Ceará e do Fortaleza no campo da História Comparada, isto é, um estudo com dois objetos de análise e conclusões sobre o perfil detalhado de cada uma das torcidas: social, econômico, cultural. Entretanto, essa abordagem ficou para um novo jogo na nossa carreira acadêmica, principalmente em virtude do tempo disponível para a conclusão desta proposta, que inviabilizou uma guinada na bagagem teórica da História Comparada.

Diante disso, nossa proposta nessas páginas foi estabelecer um panorama do que ocorreu nas arquibancadas de futebol entre os anos 1960 e 1990, através de uma análise que buscou dar conta dos comportamentos, da organização e, sobretudo, da vida dos torcedores que se envolveram em torcidas organizadas.

Nesse sentido, esse panorama revelou que as torcidas de futebol foram se modificando na medida que o tempo transcorria, influenciando e sendo influenciadas pelo contexto de cada momento. Assim, suas formas de expressão variavam, estando ligadas a um sentido *carnavalesco* com as *charangas* ou a uma paixão que ao mesmo tempo protesta e contesta pelo simples ato de torcer ter se tornado um *estilo de vida*.

A escolha por este tipo de abordagem só foi possível pelas mudanças que a historiografia passou, em especial os trabalhos historiográficos sobre esporte. Do privilégio ao político e da prática institucionalizada, as pesquisas passaram a contemplar também a expressão cultural, por vezes, se aproximando da antropologia e das outras ciências humanas, embora o rigor das fontes, a preocupação com o tempo histórico e o instrumento conceitual nos situem no campo da *Clio*.

Desse modo, o método na História Cultural é fundamental para a construção do objeto de estudo, o cruzamento, o questionamento e a contraposição das fontes históricas são requisitos para os efeitos de verdade. O recurso da História Oral, com seus procedimentos,

técnicas, ética, transcrição e interpretação dos depoimentos possibilitou o acesso às pistas do passado.

É nessa perspectiva que percebemos o primeiro modelo de torcida, as charangas, cuja organização baseava-se no improviso, nos dias dos jogos, sem uma preocupação com reuniões semanais, planejamento ou planejar formas de atuação da torcida, o que denominados de *ritualização formal*, que se refere à espontaneidade das torcidas nos anos 1960 e 1970.

Isto é, as charangas eram torcidas que possuíam uma espécie de *líder* ou *chefe de torcida*, que assumia quase que a totalidade das funções no grupo, responsável pelos instrumentos, organização e a vida econômica da torcida. As charangas, portanto, eram uma forma de expressão que construiu uma *sociabilidade* enraizada pelos cânticos e instrumentos de batucada e de sopro, que incentivavam os seus clubes cantando hino, marchinhas de carnaval ou músicas da época adaptadas.

Pudemos compreender que as torcidas eram vozes da arquibancada que transmitiam aspectos pautados pela sociedade em geral, não apenas pela carnavalização das torcidas, mas também, por exemplo, pela *campanha moralizadora* da proibição das bebidas alcoólicas nos estádios e que gerou um amplo debate nos periódicos. A própria figura dos chefes de torcida das charangas, Antônio Gumercindo e “Pedão da Bananada”, eram referências no cotidiano da cidade, projetando a importância que tinham para a torcida do Ceará Sporting Club e Fortaleza Esporte Clube para a realidade social.

Nesse sentido, a partir da segunda metade dos anos 1970, algumas torcidas organizadas foram criadas e começaram a se inserir no espaço urbano, que denominamos de *torcidas organizadas tradicionais* por terem sido pioneiras no modelo das torcidas organizadas que existem até hoje. Algumas dessas torcidas não conseguiram se firmar e, com poucos meses de atuação, encerravam suas atividades, na maioria das vezes por questões econômicas, entre elas estão a Força Alvinegra, Movimento de Renovação Alvinegra (MORENA) e Frente de Apoio ao Fortaleza (FAF). A primeira que conseguiu se estabilizar, inclusive com estatuto legal, foi a torcida Garra Tricolor, fundada em 1980.

A criação desse modelo de torcidas organizada foi motivada pela experiência das torcidas que já existiam na região Sudeste do Brasil, cujo contato foi mantido com os sujeitos que fundaram as torcidas na cidade de Fortaleza. A necessidade de uma maior organização aliado ao contexto de formação de outra cultura juvenil que protestava e buscava na paixão pelo

seu time uma forma de engajamento mais intenso foi o que proporcionou o surgimento desse fenômeno no espaço urbano.

As torcidas organizadas tradicionais eram um modelo de organização em que possuíam a diretoria, o presidente, eleições para os cargos, reunião semanal e, principalmente, o controle de cadastro sobre seus sócios, revelando um ambiente familiar. Esse mundo das torcidas organizadas trouxe também inovações nas suas práticas, além da paixão pelo clube, a realização de protestos, de festas em prol do clube, de viagens e a presença maciça da mulher.

Os componentes, portanto, viviam um *estilo de vida clubístico*, pois as torcidas organizadas a partir dos anos 1980 caracterizaram-se pela união da *ritualização formal*, que era o encontro nos dias dos jogos e preparação para a festa que realizavam nos estádios, mas sobretudo a presença da *ritualização informal*, isto é, os laços criados no dia a dia, nas reuniões semanais, nas viagens, nos planejamentos e na organização da torcida organizada.

Esse modelo foi esmiuçado a partir da experiência da torcida Garra Tricolor, que manteve suas atividades até 1993. Entretanto, a partir dos anos 1990, o controle sobre os sócios, a intensificação da violência na cidade de Fortaleza e problemas internos das primeiras torcidas organizadas fizeram com que esse modelo das torcidas organizadas entrasse em decadência.

Assim, outras torcidas organizadas passaram a ser protagonistas na cidade de Fortaleza: a Torcida Organizada Cearamor (TOC) e a Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF), que conseguiram se adaptar a esse contexto e se popularizaram com o passar do tempo.

Nesse último momento da nossa análise, direcionamos nossa perspectiva para a sensibilidade da violência que os torcedores de futebol passaram a perceber, o que nos mostrou uma *pluralização da violência* a partir dos anos 1990. Até esse momento, o aparecimento de notícias das torcidas nas páginas policiais dos jornais era raro, porém, a partir da década de 1990, era comum os periódicos abordarem brigas de torcidas. Aos poucos, essas ocorrências foram se diversificando, relataram confusões entre torcidas organizadas do mesmo time, depredação do patrimônio público, brigas no entorno dos estádios e no trajeto, até a decisão de proibir a entrada das torcidas organizadas nos estádios de futebol em Fortaleza.

A trajetória das torcidas organizadas de futebol, portanto, revela um conjunto de transformações que só podem ser compreendidas se situadas no lugar social, quando historicizadas desde a sua fundação. E nessa trajetória pudemos notar que as torcidas passaram

de um sentido carnavalesco, usando confete e serpentina nas arquibancadas para a proibição de atuarem nos estádios.

Percebemos que cada torcida, a do Ceará Sporting Club e a do Fortaleza Esporte Clube, possui uma trajetória singular na medida em que suas referências e grupos de torcidas (in)surgem em tempos diferentes, se popularizaram uma antes da outra – a torcida alvinegra inicialmente era maior – e se expressavam diferentemente. A torcida tricolor, por exemplo, constituiu-se em um grupo de componentes mais carnavalescos, festivos, associando sempre que possível o futebol ao carnaval e ao samba. Os alvinegros, em contrapartida, construíram uma torcida mais ligada a atuação nos estádios, apoiando a diretoria do seu clube, cumprindo o papel de torcedor com o peso da “massa” da sua torcida.

Entretanto, mais que o “confronto” ou a comparação entre as duas maiores torcidas da cidade de Fortaleza, expomos o conjunto de transformações nas suas trajetórias dos anos 1960 a década de 1990 e a maneira como se expressaram, vivenciaram e se identificaram enquanto sujeitos/torcedores.

Entre charangas e torcidas organizadas, em quaisquer que fosse a torcida, vozes, gritos, comportamentos, desejos, paixões e vidas foram compartilhadas no dia a dia e constituíram um fenômeno social que se reverberou até a atualidade: as torcidas organizadas.

FONTES

ENTREVISTADOS

Francisco Osvaldo Castelo Branco Fontenele

Local: Fortaleza – Residência do entrevistado

Data: 29 de julho de 2013

Francisco José Baquit Correia

Local: Fortaleza – Residência do entrevistador

Data: 10 de agosto de 2013

Gbson França Rolim

Local: Fortaleza – Residência do Entrevistado

Data: 01 de agosto de 2013

Orlando Patrício de Almeida

Local: Fortaleza – Bar no Bairro Benfica

Data: 30 de julho de 2013

Emanuel Magalhães

Local: Fortaleza – Local de trabalho do entrevistado

Data: 26 de abril de 2014

Cristiano Santos

Local: Fortaleza – Residência do Entrevistado

Data: 28 de abril de 2014

Hilton Oliveira Júnior

Local: Fortaleza – Residência do entrevistado

Data: 28 de abril de 2014

José Carlos Mota

Local: Fortaleza – Local de trabalho do entrevistado

Data: 31 de julho de 2014

Ricardo Santos

Local: Fortaleza – Residência do seu irmão, Cristiano Santos

Data: 29 de abril de 2014

Francisco Alves Teixeira

Local: Residência do entrevistador.

Data: 23 de maio de 2014

André Luiz Accioly Simões

Local: Residência do entrevistado

Data: 26 de setembro de 2012

Gustavo Teixeira de Oliveira

Local: Residência do entrevistado

Data: 24 de setembro de 2012

Arthur Paes Lima

Local: Residência do entrevistado

Data: 26 de setembro de 2012

Victor Oliveira Cardoso

Local: Residência do entrevistado

Data: 25 de setembro de 2012

FONTES HEMEROGRÁFICAS

Jornal O Povo (1965-1993)

Tribuna do Ceará (1980-1985)

Diário do Nordeste (1980-1993)

IMAGENS**MÚSICAS****ARQUIVO PESSOAL DOS ENTREVISTADOS**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [ABIB, José Antônio Damásio](#). Sensibilidade, felicidade e cultura. **Temas em Psicologia**. 2010, vol.18, n.2, pp. 283-293. Disponível em <<http://www.sbpsonline.org.br/revista2/vol18n2/PDF/v18n2a03.pdf>>. Acessos em 22 de setembro de 2012.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2004.
- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- BARROS, José D'Assunção. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- BOUTIER, Jean. JULIA, Dominique. Em que pensam os Historiadores? In **Passados recompostos**; campos e canteiros da história / organização Jean Boutier [e] Dominique Julia; tradução de Marcella Mortara [e] Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora FGV, 1998, p.21-61.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem / Peter Burke ; tradução Vera Maria Xavier dos Santos ; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. – Bauru, SP : EDUSC, 2004.
- _____. Um novo paradigma in **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008, p.68-98.
- CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. **Futebol Objeto das ciências humanas** / organização Flavio de Campos e Daniela Alfonsi. – 1. ed. – São Paulo : Leya, 2014.
- CAVALCANTI, Everton Albuquerque; SOUZA, Juliano; CAPRARO, André Mendes. **O fenômeno das torcidas organizadas de futebol no Brasil** - elementos teóricos e bibliográficos. Revista da Alesde, v. 3, p. 39-51, 2013.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- _____. **A Cultura no Plural**. São Paulo: Papyrus, 1995.
- DA MATTA, Roberto; BAETA NEVES, Luiz Felipe; GUEDES, Simoni Lahud & VOGEL, Arno. **O Universo do Futebol**: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
- DAMASCENO, Alberto. **Futebol Cearense**: a história. Fortaleza: Edição Própria, 2011.
- FARGE, Arlette. **Lugares para a história** / Arlette Farge ; tradução Fernando Scheibe . – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2011 (Coleção Historia e Historiografia, 3 ; coordenação Eliana de Freitas Dutra).
- FARIAS, Airton de. **Ceará**: uma história de paixão e glória. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2005.
- _____. **Fortaleza**: história, tradição e glória / Airton de Farias e Vagner de Farias. - - Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014. – Coleção Onzena
- FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social**: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1992.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Carlo Ginzburg ; tradução: Frederico Carotti. - São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol** – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões / Richard Giulianotti ; tradução de Wanda Nogueira Caldeira e Marcelo de Oliveira Nunes – São Paulo : Nova Alexandria, 2010

GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Moraes (orgs.). **Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais**. Editora Multifoco, Rio de Janeiro, 2015.

GUZZELLI, Cesar A. B. **Futebol em tempos de ditadura: o Rio Grande contra o Brasil**. Aurora (PUCSP. Online), v. 9, p. 84-103, 2010.

HOBBS, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)**. 2008. 771 f. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

_____. **A torcida brasileira** / Bernardo Buarque de Hollanda... [et al.]. – Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Premium, 2011.

_____. Introdução In: _____. **Seminário da Prainha: indícios da memória individual e da memória coletiva**. Fortaleza: EDUECE, 2014, p. 21-76.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2006.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Emoções, Sociedade e Cultura** – A categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia. Curitiba: Editora CRV, 2009, 104p.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, São Paulo: EDUSC, 1992. LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. PRISKY, Carla Bassanezi. Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MELO, Victor Andrade de. Murad, Mauricio. SANTOS, João Manuel C. Malaia. FORTES, Rafael. **Pesquisa histórica e História do Esporte** / Victor Andrade de Melo. Editora: 7 letras; Coleção Visão de Campo, 2013, 192 p.

MORAIS, Diego Batista de. **O jogo na arquibancada: O Setor Alvinegro e as performances do torcer no contexto do Futebol Espetacularizado** / Diego Batista de Moraes. - 2015.123p.: il. color.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo in Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural.** Sandra Jatahy Pesavento, Nádia Maria Weber dos SANTOS Miriam de Souza Rossini; Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008, p.11-18.

PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. **O jogo como meio de vida e para satisfazer a plateia: o processo de profissionalização do Futebol Cearense (1938-1960).** 2013. Monografia - Curso de Licenciatura em História, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

_____. **A profissionalização do futebol cearense: história e memória.** Caio Lucas Moraes Pinheiro. Editora Multifoco, Rio de Janeiro, 2014)

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas.** Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). 2ed., 1ª impressão. – São Paulo – Contexto: 2008.

PINTO, Rodrigo Márcio Souza. **Do Passeio Público à Ferrovia: o futebol proletário em Fortaleza (1904-45).** Fortaleza: Dissertação de Mestrado em História/UFC, 2007.

PORTELLI, Alessandro - **A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios: ética, memória e acontecimento na história oral - introdução Miguel Carina ; seleção e tradução Miguel Cardina e Bruno Cordovil.** [S.l.] : Edições Unipop, 2013.

_____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História: Revista do programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP.** São Paulo, n.15, abril, 1997.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa.** Tese apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. **Conflitos, territórios e identificações: o encontro de experiências nas torcidas organizadas Cearamor e m.o.f.i.** Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 2010, 203f.

RIBEIRO, Luiz (Org.). **Futebol e globalização.** Jundiaí: Fontoura, 2007.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **Futebol: por uma histórica política da paixão nacional.** História: Questões & Debates, Curitiba, n. 57, p. 15-43, jul./dez. 2012. Editora UFPR.

ROGÉRIO, Radames de Mesquita. No "segundo tempo da vida": o jogador de futebol e a passagem para a pós-carreira. 2014. 273f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2014.

TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol.** Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

_____. **Transgressão e violência entre os torcedores de futebol.** Revista da USP, São Paulo, n. 22, p. 93-101, jun./ago.1994.

_____. **Torcer: a metafísica do homem comum.** Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 175-189, jul./dez. 2010, Universidade de São Paulo. Brasil.

TONINI, Marcel Diego. **Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010).** Dissertação (Mestrado em História Social), Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

VASCONCELOS, Artur Alves de. **Identidade futebolística: os torcedores "Mistos" do Nordeste.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, Orientador: Domingos Sávio Abreu, 2011, 90f.